



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E
LINGUÍSTICA – PPGLL



JOSÉ NILDO BARBOSA DE MELO JUNIOR

**ASPECTOS TEXTUAIS E CONVERSACIONAIS NA ENTREVISTA ORAL NO
RADIOJORNALISMO ALAGOANO**

JOSÉ NILDO BARBOSA DE MELO JUNIOR

**ASPECTOS TEXTUAIS E CONVERSACIONAIS NA ENTREVISTA ORAL NO
RADIOJORNALISMO ALAGOANO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal de Alagoas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de concentração **Estudos Textuais: Oralidade, Leitura e Escrita**, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos.

Maceió - AL
2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale



M528a Melo Junior, José Nildo Barbosa de.
 Aspectos textuais e conversacionais na entrevista oral no radiojornalismo alagoano / José Nildo Barbosa de Melo Junior. – 2016.
 176 f. : il.

Orientadora: Maria Francisca Oliveira Santos.
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 156-163.
Anexos: f. 164-174.

1. Análise da conversação. 2. Gênero textual. 3. Radiojornalismo – Alagoas.
4. Entrevista oral – Radiojornalismo. 5. Conversação – Assimetria. I. Título

CDU: 800.7

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA	 PPGLL
---	--	--

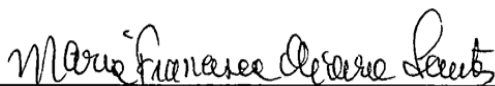
TERMO DE APROVAÇÃO

JOSÉ NILDO BARBOSA DE MELO JÚNIOR

Título do trabalho: "ASPECTOS TEXTUAIS E CONVERSACIONAIS NA ENTREVISTA ORAL NO RADIOJORNALISMO ALAGOANO"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

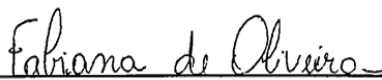


Prof. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos (PPGLL/Ufal)

Examinadores:



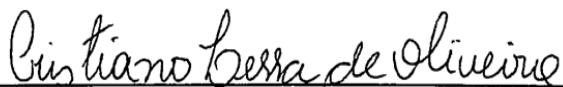
Prof. Dra. Maria Inez Matoso Silveira (PPGLL/Ufal)



Prof. Dra. Fabiana de Oliveira (Ufal)



Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo (Ufal)



Prof. Dr. Cristiano Lessa de Oliveira (Ufal)

Maceió, 19 de setembro de 2016.

A Deus, por conceder-me sabedoria, paciência, coragem e força para trilhar os caminhos possibilitadores para meu sucesso; por maiores que são os percalços que aparecem ao longo da minha trajetória, Ele sempre está comigo;

À minha mãe, Helenilda Maria dos Santos Melo, pelo amor, zelo, companhia e apoio sem fins;

A Eduardo Pantaleão de Moraes que sempre está junto a mim e com quem discuto questões de linguagem;

À minha orientadora, amiga e professora, Maria Francisca Oliveira Santos, pelas muitas e tantas horas a que se dedicou orientando-me, compartilhando suas experiências e seus saberes;

Aos meus avós paternos e padrinhos, Quitina Barbosa de Melo (*in memoriam*) e José Pereira de Melo (*in memoriam*), pelo amor incondicional de sempre, por terem querido tão bem a mim, um amor sem limites.

AGRADECIMENTOS

Inicio os meus agradecimentos com um breve histórico de minha vida acadêmica, considerando toda essa trajetória fundamental para a concretização desse sonho possível não apenas a mim, mas ainda àqueles que sentem vontade de vencer.

Desde a Educação Básica, na Escola Municipal 2 de Dezembro e na Escola Municipal Souza Barbosa, sempre projetei grandes sonhos e conquistas. A graduação em Letras não era, inicialmente, o grande objetivo da minha vida, ela passou a ser alguns anos depois. Ao mesmo tempo, era notória a preocupação que eu tinha com a linguagem.

Todas as minhas atividades, ao longo do ensino básico, foram desempenhadas com esmero, independentemente da área do conhecimento por que caminhava. A aprovação no Instituto Federal de Alagoas me ofereceu um mundo de possibilidades mil, mas era preciso escolher o que seguir; pensei em vários cursos, entretanto precisava tomar uma decisão.

Ao longo de nossa vida, encontramos várias pessoas em quem podemos nos espelhar e que nos inspiram em nossas escolhas, isso somado à nossa vontade da realização pessoal e profissional. Eu concluí o nível médio integrado no Ifal e, decididamente, não era seguir a carreira de técnico o que eu queria.

Minha mãe, Eduardo e Francisca, pessoas importantes em minha vida, bem como alguns professores que tive a satisfação de conhecer foram minhas grandes inspirações. Eu poderia ter escolhido Medicina, Agronomia, Zootecnia, Medicina Veterinária, Direito, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia, Geografia, mas eu escolhi Letras. A preocupação em aprofundar meus estudos evoluiu para o gosto e o sonho incondicional de estudar a linguagem.

Em 2010, após concluir o ensino médio no Instituto Federal de Alagoas, ingressei no Centro Universitário Cesmac, onde me licenciarei em Letras/Português/Espanhol. Durante o curso, desenvolvi dois projetos de pesquisa: o primeiro na área de Educação e o segundo na área da Linguística Textual, por que me encantei. Foi a partir do segundo projeto que meus olhos começaram a brilhar pela Linguística.

Ressalto a importância de manter contato com a pesquisa, enquanto graduando em Letras e estudioso da linguagem, o que foi consolidado por intermédio da Profa. Maria Francisca e do Programa Semente de Iniciação Científica. Na graduação, investiguei especificidades retórico-textuais nos gêneros editorial e artigo opinativo, observando alguns elementos da Retórica Moderna ou Nova Retórica e os Parâmetros da Textualidade, bem como elementos estruturais e sociais que compunham os referidos gêneros.

Na realização do meu Trabalho de Conclusão de Curso, investiguei como Saussure era estudado e como sua teoria era abstraída por acadêmicos do curso de Letras de um IES pública de Alagoas. Foi um trabalho que escrevi por ocasião da organização de um livro, pelo grupo de estudos de que faço parte, quando os colegas acadêmicos cumpriram uma disciplina sobre Teorias Linguísticas na Ufal.

Em 2013, após concluir a graduação no Centro Universitário Cesmac, submeti meu projeto de mestrado ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, à mesma linha de pesquisa – Estudos Textuais: Leitura, Oralidade e Escrita, segundo a qual tenho redigido textos. Por se tratar de um projeto de pós-graduação *stricto sensu*, eu e minha orientadora ampliamos as possibilidades de novas discussões teóricas. A escolha do texto falado como objeto de análise permitiu explorar aspectos da oralidade e mostrar a importância dos Estudos Conversacionais na pesquisa em Linguística.

Em meio a toda essa trajetória, ratifico o quão importante foi e é estar cercado de pessoas que me incentivam, me apoiam e acreditam em mim. Agradeço primordialmente a Deus, por ser a razão da minha existência e por todas as bênçãos que me tem concedido. À minha família, minha mãe Helenilda e meu pai José Nildo, meus irmãos Edlayne e Leonardo, pelo amor, pela admiração, pelo apoio e por estarem sempre a postos e dispostos a ajudar-me.

Agradeço a Eduardo, pela companhia sempre fiel; aos amigos René, Ayane, Camila, Geralda, Roni, Marcos André, Ricardo Cavalcanti, Luciano B. Soares, Flávia Karolina, Josenice Cláudia, Anacel, Luzimar, Fabíola, Luciano, Rosana, Nadson, Sibelli, Adriana e Sérgio, pelo carinho, apoio, pela amizade sincera e disposição em ajudar-me; aos professores e amigos do PPGLL, sobretudo ao Prof. Sérgio Ifa e Prof. Luiz Fernando, pelo apreço e pela confiança; à Elizabete, por ser tão amável, acolhedora, carinhosa e por ter me presenteado com a família de que faço parte; aos amigos que conquistei na Escola Estadual Padre Cabral, pelo carinho, respeito

e pela confiança; a todos os amigos que conquistei ao longo da vida e no meio acadêmico, os quais sempre transmitem força, bem como acreditam em mim e no meu trabalho; a todos os meus professores, que me acompanharam ao longo da minha formação – guardo comigo a lembrança e um pouco do saber de cada um deles.

Agradeço, de igual valor, à minha orientadora, professora e amiga Maria Francisca Oliveira Santos, pela amizade, orientação, paciência, compreensão e pelo companheirismo inenarráveis. Às professoras Maria Inez Matoso Silveira, Fabiana de Oliveira e aos professores Cristiano Lessa de Oliveira e Deywid Wagner de Melo pelos ensinamentos, pela leitura cuidadosa deste trabalho e pelas valiosas sugestões. A todos, meu carinho, respeito, minha admiração e gratidão.

A conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora.

Luiz Antônio Marcuschi

RESUMO

Este trabalho, inserido na área de Linguística Textual e Análise da Conversação, teve por objetivo analisar atividades textuais e conversacionais na entrevista oral, no radiojornalismo alagoano, no que se refere ao estudo das relações assimétricas na entrevista radiofônica, considerando o caráter dinâmico, o interacional e o cooperativo/colaborativo do texto falado. Quanto à entrevista, observada sob a ótica textual e conversacional, dá-se face a face, seja no estúdio radiojornalístico, seja em outros ambientes, e as informações obtidas nas entrevistas são levadas ao público-espectador por meio do rádio. A metodologia segue a linha qualitativa, por agregar os aspectos teorizados à sua prática linguística, procedendo a análises descritivo-interpretativas de maneira processual. O *corpus* da pesquisa é formado por 40 (quarenta) entrevistas orais, cujos encontros conversacionais gravados, em uma emissora de radiojornalismo da região local, foram minuciosamente ouvidos e transcritos. Do total de 40 entrevistas, foram retiradas aleatoriamente 8 (oito) para as análises. Fundamentou-se nos estudos da Análise da Conversação e da Linguística do Texto, com as acepções teóricas de Antunes (2003, 2005), Dionisio (2001), Fávero, Andrade, Aquino (1999), Fávero (2000), Kerbrat-Orecchioni (2006), Koch (2002a, 2002b, 2004, 2010), Koch, Bentes (2008), Marcuschi (1991, 1995, [1986] 2003, 2005, 2008, 2012), Preti (1993), Santos (1999, 2008, 2013), Silva (2005, 2008), além de outros. Os resultados apontam a presença de assimetria no *corpus* deste trabalho, a partir de elementos que propiciam essa assimetria no discurso jornalístico. A relevância do trabalho reside no fato de associar elementos textuais e conversacionais no gênero textual entrevista ao radiojornalismo alagoano.

Palavras-chave: Estudos Textuais e Conversacionais. Assimetria. Radiojornalismo alagoano.

RESUMEN

Este trabajo, situado en el ámbito de Lingüística Textual y Análisis de la Conversación, ha tenido como objetivo analizar actividades textuales y conversacionales en la entrevista oral, en lo que se refiere al estudio de las relaciones asimétricas en la entrevista radiofónica, teniendo en cuenta el carácter dinámico, interactivo y cooperativo/colaborativo del texto hablado. Con respecto a la entrevista, observada bajo la óptica textual y conversacional, realizase cara a cara, tanto en el estudio de radio como en otros ambientes, y las informaciones obtenidas en las entrevistas se hacen públicas a través de radio. La metodología sigue la línea cualitativa, asociando los aspectos teorizados a su práctica lingüística, haciendo análisis descriptivo-interpretativos de manera procedimental. El *corpus* de la pesquisa se compone de 40 (cuarenta) entrevistas orales, cuyos encuentros conversacionales grabados, en una estación de periodismo radiofónico de región local, fueron cuidadosamente escuchados y transcritos. De las 40 entrevistas, fueron retiradas 8 (ocho) para el análisis. La investigación ha tenido como referencial teórico, las acepciones de Antunes (2003, 2005), Dionisio (2001), Fávero, Andrade, Aquino (1999), Fávero (2000), Kerbrat-Orecchioni (2006), Koch (2002a, 2002b, 2004, 2010), Koch, Bentes (2008), Marcuschi (1991, 1995, [1986] 2003, 2005, 2008, 2012), Preti (1993), Santos (1999, 2008, 2013), Silva (2005, 2008), entre otros. Los resultados indican la presencia de asimetría en el *corpus* de este trabajo, a partir de elementos que proporcionan esa asimetría en el discurso periodístico. La relevancia del trabajo reside en el hecho de asociar elementos textuales y conversacionales en el género textual entrevista oral con el periodismo radiofónico alagoano.

Palabras clave: Estudios Textuales e Conversacionales. Asimetría. Periodismo radiofónico alagoano.

ABSTRACT

This work, inserted in the area of Textual Linguistics and Conversation Analysis, aimed to analyze textual and conversational activities in the oral interview, in Alagoas radio journalism, with regard to the study of asymmetric relations in the radio interview, considering the dynamic character, interactional and cooperative / collaborative of oral text. As for the interview, observed in the textual and conversational optics, gives face to face, either in radiojournalistic studio, or in other environments and the information obtained in the interviews are made public-spectator through the radio. The methodology follows the qualitative line, by adding aspects theorized to their linguistic practice, drawing a descriptive-interpretative analysis of procedural way. The research corpus consists of forty (40) oral interviews, which recorded conversational encounters, in a radio journalism station of local area, they were thoroughly heard and transcribed. Of the 40 interviews, were taken randomly eight (8) for analysis. Was based on the studies of Conversation Analysis and Textual Linguistics, with the theoretical references of Antunes (2003, 2005), Dionisio (2001), Fávero, Andrade, Aquino (1999), Fávero (2000), Kerbrat-Orecchioni (2006), Koch (2002a, 2002b, 2004, 2010), Koch, Bentes (2008), Marcuschi (1991, 1995 [1986] 2003, 2005, 2008, 2012), Preti (1993), Santos (1999, 2008, 2013), Silva (2005, 2008), among others. The results indicate the presence of asymmetry in the corpus of this work, through elements that provide this asymmetry in the journalistic discourse. The relevance of this work is in the fact of associate textual and conversational elements in the genre interview to Alagoano radio journalism.

Keywords: Textual and Conversational Studies. Asymmetry. Alagoano radio journalism.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
2 OS ESTUDOS TEXTUAIS E CONVERSACIONAIS	17
2.1 Análise da Conversação: origem, objetivos e relevância	24
2.2 Acerca das relações com outras ciências da linguagem	29
2.3 O <i>continuum</i> tipológico dos gêneros textuais e as categorias textuais e conversacionais	32
3 A ASSIMETRIA E/OU A SIMETRIA NA ENTREVISTA ORAL RADIOFÔNICA ...	34
3.1 Categorias da assimetria e/ou da simetria	43
3.1.1 Paralelismos sintático e semântico	43
3.1.2 A paráfrase linguística	51
3.1.2.1 Os mecanismos parafrásticos	56
3.1.2.2 Paráfrase modalizadora	56
3.1.2.3 Paráfrase intensificadora ou enfática	57
3.1.2.4 Paráfrase gradativa	58
3.1.2.5 Paráfrase referenciadora.....	58
3.1.2.6 Paráfrase explicativa	59
3.1.2.7 Paráfrase explicitadora.....	59
3.1.2.8 Paráfrase exemplificadora.....	60
3.2 Repetição	60
3.3 Modalidade, modalização e operadores modais	68
4 O GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA ORAL NO RADIOJORNALISMO	73
4.1 O radiojornalismo alagoano, a oralidade e a interação radiofônica	93
5 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA	102
5.1 Contextualização metodológica da pesquisa: os Estudos Conversacionais	103
5.2 Contextualização metodológica dos dados verbais: as entrevistas	107
5.3 Análises dos momentos interativos	109
5.3.1 Análise do momento interativo 1	110
5.3.2 Análise do momento interativo 2	117
5.3.3 Análise do momento interativo 3	128
5.3.4 Análise do momento interativo 4	133

5.3.5 Análise do momento interativo 5	139
5.3.6 Análise do momento interativo 6	142
5.3.7 Análise do momento interativo 7	146
5.3.8 Análise do momento interativo 8	151
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	158
ANEXOS	167

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Enxergar a língua falada como atividade linguístico-discursiva que permite a análise de processos textuais e conversacionais em gêneros orais é corroborar com a possibilidade de investigações de elementos linguísticos comuns à fala e à escrita e perceber que as relações entre as duas modalidades do mesmo sistema linguístico dão-se num *continuum* tipológico de variações, pois ambas são relevantes ao fenômeno da interação verbal. Este, por sua vez, aponta que os interactantes precisam respeitar um acordo prévio e possuir interesses comuns.

O interesse pelo estudo dessa linha teórica deu-se pela importância dos gêneros textuais para o meio acadêmico e científico, pois constituem um vasto acervo em que um dado objeto pode ser observado e interpretado, ponderando aspectos linguísticos e textuais.

O presente trabalho centra-se na análise de aspectos textuais e conversacionais na entrevista oral, no radiojornalismo alagoano, notadamente, considerando o estudo das relações assimétricas no discurso falado. A assimetria diz respeito a uma hierarquia linguisticamente marcada entre os interactantes de uma situação discursiva, em que um dos participantes do evento de fala detém o poder da palavra e comanda o turno conversacional.

A fim de executar este trabalho, alguns questionamentos foram levantados sobre o gênero textual escolhido e os aspectos conversacionais e textuais que o cercam: Quais os aspectos textuais e conversacionais que fazem acontecer o gênero entrevista oral radiofônica? No gênero entrevista oral radiofônica, que elementos verbais contribuem para a manutenção da conversação? Esses elementos estimulam ou não as relações de assimetria? As respostas a esses questionamentos constituíram o direcionamento deste trabalho, que tomou como material de análise entrevistas orais coletadas em um programa de rádio de uma emissora local.

Pretende-se, desse modo, verificar como as categorias conversacionais elencadas atuam nos momentos interativos e favorecem as trocas comunicativas entre entrevistador e entrevistado. Assim, o segundo capítulo traz os Estudos Textuais e Conversacionais, encontrados nos gêneros orais e escritos, justificando o diálogo entre as duas linhas, bem como elenca a origem, os objetivos e a importância dos Estudos Conversacionais para a Linguística, o que permite situá-los

em relação a outras ciências da linguagem. Além disso, são trazidos elementos textuais e conversacionais que compõem o texto oral e contribuem para a organização estrutural da conversação, bem como pontuações teóricas sobre a relação entre o *continuum* tipológico dos gêneros textuais e as categorias textuais e conversacionais.

O terceiro capítulo teoriza sobre a assimetria e a simetria, mostrando elementos que contribuem para a existência de um discurso assimétrico, e apresenta categorias que podem suscitar/fomentar a assimetria e/ou a simetria na entrevista radiojornalística.

O quarto capítulo traz considerações acerca do gênero textual entrevista oral, definido como evento de fala que se insere numa instância discursiva e que possui funções comunicativas na interação verbal, levando em conta as relações assimétricas e colaborativas presentes no discurso. Mostra a razão por que o estudo acontece no radiojornalismo alagoano, elucidando, para tanto, o radiojornalismo em consonância com a oralidade, conceitos e aspectos históricos sobre o radiojornalismo, evidentemente, em Alagoas, desde a sua fundação até os dias atuais, no que for de contribuição para o trabalho, considerando que a entrevista oral circula na esfera radiojornalística.

O quinto capítulo compõe os aspectos metodológicos e as análises dos momentos interativos, as quais ocorrerão de modo qualitativo, seguindo uma linha descritivo-interpretativa, por imbricar aspectos teóricos e práticos. Convém destacar que os procedimentos metodológicos abrangem a coleta de material (*corpus*), as transcrições minuciosas das gravações, as análises dos momentos interativos e a apresentação dos resultados obtidos.

Finalmente, o sexto capítulo traz as considerações finais acerca deste trabalho, ratificando os resultados apresentados ao longo das análises dos momentos interativos e obtidos a partir das questões norteadoras do estudo.

A soma do que se entende por Estudos Textuais e Estudos Conversacionais num contexto de rádio permite que se faça a análise da entrevista oral radiofônica, verificando/enfatizando não somente o seu aspecto estrutural, mas também o seu aspecto social no que há de importância para o radiojornalismo alagoano. A possível contribuição do trabalho reside no fato de associar essas categorias ao radiojornalismo local como estudo no cenário acadêmico alagoano.

2 OS ESTUDOS TEXTUAIS E CONVERSACIONAIS

Este trabalho localiza-se nos Estudos Conversacionais e Textuais: os primeiros se justificam pelo fato de o gênero entrevista oral radiofônica ser específico da oralidade; os segundos por apresentarem referentes textuais, que permitem a interação entre entrevistador e entrevistado no diálogo conversacional. Embora envolva as duas áreas do conhecimento, o trabalho se alonga na linha conversacional.

Entende-se por Estudos Conversacionais aqueles que se dedicam ao estudo das inter-relações entre os interactantes, as quais propiciam o surgimento de uma simetria ou assimetria entre os participantes do momento conversacional. As relações simétricas acontecem quando os dois interactantes têm o mesmo poder de interagir ou o mesmo poder da palavra; as assimétricas ocorrem quando o poder de interagir está sobre um dos interactantes, isto é, quando um dos parceiros da comunicação detém o poder da palavra.

Nesse sentido, essas relações, além de contribuírem para a manutenção da conversação, implicam/determinam o tipo de diálogo, de interação e de evento de fala; a disposição (fixa e não fixa) dos turnos¹ de fala; as relações de poder e controle durante a interação verbal ou o evento de fala; a escolha do tópico; o tempo de participação e de permanência de um dos interactantes num turno e num tópico; as ações/marcas simétricas e assimétricas dos interactantes, a exemplo das relações horizontais e verticais; além de outras implicações.

A conversação é uma atividade comunicativa que acontece num evento de fala, por meio da qual dois ou mais interactantes desenvolvem o processo conversacional, a partir das ideias construídas ao longo dos turnos de fala, dos interesses e objetivos traçados, do contexto em que estão inseridos os interactantes. Esse fenômeno ou prática linguística pode ser observado sob vários ângulos teóricos e concebido por perspectivas científicas diversas, tanto do ponto de vista individual quanto social, conforme Silva (2005, p.32) que, assim, explica:

Há aqueles que o utilizam num sentido amplo, que recobre qualquer tipo de interação oral e, em geral, fazem distinção entre conversação informal (aquelas que são espontâneas, não planejadas) e conversação formal (aquelas que têm algum tipo de planejamento prévio, como entrevistas,

¹ A menção teórica de turnos será feita por ocasião das categorias simetria e assimetria (p.32) e da análise do momento interativo 1 (p.109). Neste trabalho, os termos *turno da conversação*, *turno de fala* e *turno conversacional* são usados indiferentemente.

debates, reuniões de trabalho, apresentações em congressos etc.). Há aqueles que utilizam conversação num sentido mais restrito, como sinônimo de conversação espontânea, que não tem qualquer planejamento prévio [...].

As relações simétricas e assimétricas podem ocorrer diferentemente ao longo das conversações. Há momentos durante os quais os turnos podem se mostrar relativamente simétricos ou assimétricos, devido à circularidade do diálogo em determinado momento. No exemplo 1² a seguir, é possível verificar a predominância da assimetria no diálogo, bem como as suas variações na disposição dos turnos. Essa assimetria é marcada pela duração do tempo de permanência no turno de L1, levando o outro (L2) a ficar numa situação de espera, intervindo, apenas, quando solicitado, com uma expressão negativa, possibilitando a continuidade do turno por L1.

L1 [...] eu eu sou um cara que eu gosto muito de tecnologia de computação de de informática de um forma geral né? smartphones tal... é praticamente impossível você fugir dessa realidade né? ela tá posta aí é uma revolução e tal... mas ela tirou um pouco principalmente com o advento dos e-books né? de outras mídias digitais... ela tirou um pouco da magia do do livro... ela tirou um pouco que eu falo do interesse das pessoas não da magia que essa essa não se perde muito... porque infelizmente hoje o número de de jovens que se debruçam sobre um livro... ele é muito pequeno né?... infelizmente ele é muito pequeno e a leitura ela é fantástica... são poucos... ahn os diretores né? e produtores que conseguem por exemplo fazer uma adaptação de um bom livro pra o cinema que seja boa né? [...] eu cito um exemplo tem um livro sensacional... [...] recentemente fui tentar assistir esse filme... você já assistiu?

L2 não

L1 uma desgraça cara... a adaptação... tem nada a ver com o livro... eu viajei li aquele livro em três dias e ele é um livro enorme né? é mui/ tem mais de quinhentas páginas quase seiscentas páginas... então não tem como comparar gente... o ato de você sentado... de você deitar abrir um livro e ler... cê ler Stephen King o cemitério maldito ((risos)) né? você fica com medo lendo o livro porque você fica imaginando né? e por isso que projetos tão legais como esse né? realmente ajudam muito né? [...]. (Exemplo 1 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

L1 comenta a inserção da tecnologia, dos *e-books* e de outras mídias digitais e das implicações que essa interferência pode causar no ambiente/contexto de leitura. Além de ressaltar a falta de interesse dos jovens pelos livros impressos, com o advento da tecnologia computacional, L1 critica as adaptações malsucedidas de livros por diretores e produtores de cinema. Dessa forma, em explicando tudo isso, observa-se que L1 continua a dominar o uso da palavra no turno.

² Usa-se o termo *momento interativo*, na análise do *corpus*, no capítulo 4, para indicar a construção colaborativa da conversação entre os interactantes; o termo *exemplo*, elemento retirado de um mesmo momento interativo ou não, para explicar/ilustrar aspectos teóricos ao longo do trabalho.

Corroborando com os Estudos Conversacionais, aparecem as contribuições da Linguística Textual, considerada como a ciência da linguagem que se volta para estudar os fatores intrínsecos e extrínsecos ao texto. No presente trabalho, o texto caracteriza-se como pertencente à modalidade falada e apresenta elementos comuns a um texto escrito, uma vez que língua falada e escrita não são dicotômicas, mas pertencem ao mesmo sistema linguístico e formam um *continuum* tipológico de variações.

A Linguística Textual, cujo objeto de estudo é o texto, explica fenômenos que regem o processo de produção, compreensão e materialização dos textos orais e escritos, em variadas situações comunicativas, observando as relações cotextuais e contextuais, imprescindíveis ao estabelecimento da textualidade. É tarefa da Linguística Textual tratar “[...] das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos orais ou escritos”. (MARCUSCHI, 2012, p.33).

A Linguística textual, centrada nas propriedades, nas operações e estratégias linguísticas, cognitivas, discursivas que regem o texto oral ou escrito como elemento-base, as quais tornam possíveis e realizáveis as práticas comunicativas humanas, por meio do qual a linguagem se manifesta/materializa (KOCH, 2010a), é de caráter inter ou multidisciplinar, dinâmico, funcional e processual (MARCUSCHI, 1998a), o que torna possível ampliar ou associar os estudos do texto a outros elementos/aspectos, quais sejam: fonéticos, fonológicos, sintáticos, morfológicos, lexicológicos, semânticos, além de outros.

Ao tratar da construção de sentidos a partir do texto, Koch (2002a, p.27) entende-o e concebe-o como:

[...] uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos coenunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

Os textos, de um modo geral, realizados em gêneros, são objetos flexíveis, heterogêneos, variáveis³, que permeiam a sociedade e contribuem para o

³ Há gêneros, como os gêneros da correspondência oficial e empresarial, que possuem uma estrutura mais fixa e rígida, como o ofício, o memorando, o requerimento, o parecer, a ata, a circular, a resolução, dentre outros.

estabelecimento e para a estabilidade das relações sociais, por meio do processo comunicativo ou interacional. É a linguagem plástica, dinâmica, maleável ou não enrijecida que faz dos gêneros de texto produções não estanques e objetos teóricos que podem ser observados e interpretados, ponderando aspectos linguísticos e textuais, tais como as diversas categorias de análise e as diversas características que permitem nomear determinado gênero textual⁴ e contribuem para a continuidade de sentidos.

O texto é um evento comunicativo que reúne elementos linguísticos e extralinguísticos, unidades cotextuais e contextuais, ou ainda, apoiando-se em Marcuschi (2012, p.29):

[...] o texto é o resultado atual das operações que controlam e regulam as unidades morfológicas, as sentenças e os sentidos durante o emprego do sistema linguístico numa ocorrência comunicativa. Não é uma configuração produzida pela simples união de morfemas, lexemas e sentenças, mas o resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações comunicativas.

Tem-se o texto como um evento fundamental à comunicação que envolve processos inerentes à linguagem, ao meio e ao conhecimento que se tem da língua. São realizações orais ou escritas que operam para a comunicação verbal. Em sua produção, levam-se em consideração a produção de sentido e a contextualização. Os gêneros, sejam escritos, sejam orais, são os textos que se realizam nas práticas sociocomunicativas do cotidiano dos falantes de uma língua e que possuem características e propriedades de função, estilo, composição e conteúdo que os definem. Nesse sentido, a Linguística do Texto sistematiza essas características e propriedades que estruturam e regem os gêneros escritos e orais.

As atividades conversacionais, propostas pela entrevista oral no radiojornalismo alagoano, tomam por base considerações acerca dos gêneros orais. Nessa linha, ainda, o texto configura-se em um gênero textual, chamado entrevista, que, segundo Hoffnagel (2003), constitui-se uma conversa controlada, por constituir um diálogo assimétrico, a qual é composta de, pelo menos, dois falantes

⁴ As categorias da textualidade, como a coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade, são elementos textuais de análise, em cujas análises aparecem a referência, os recursos de repetição (paráfrase, paralelismos sintático e semântico, repetição propriamente dita), a objetividade e a subjetividade da linguagem no texto, os propósitos comunicativos, as sequências discursivas, entre outros elementos que podem ser analisados nos textos oral e escrito.

(entrevistador e entrevistado), que utilizam, principalmente, a sequência pergunta-resposta na exposição de informações sobre determinado assunto.

O gênero entrevista manifesta-se de forma primordialmente oral, compreende as interações orais e, por ser um evento de fala, materializa-se em gêneros variados (entrevista jornalística, entrevista médica, entrevista científica, entrevista de emprego etc.) que atendem a finalidades diversas (HOFFNAGEL, 2003). Na entrevista oral radiofônica, os interactantes (entrevistador e entrevistado) são responsáveis pela construção do todo enunciativo, levando em conta a assimetria presente no discurso e a função comunicativa assumida pelo entrevistado e entrevistador.

Nesse contexto, a entrevista ora se dá face a face – seja no estúdio de radiojornalismo, seja em outros ambientes, considerando que o entrevistador pode ir até o entrevistado –, ora se dá a distância, e as informações obtidas nas entrevistas são levadas ao público-espectador por meio do rádio, isto é, da linguagem radiofônica.

Considerando a predominância dos Estudos Conversacionais neste trabalho, são tomadas duas acepções de texto falado – objeto de análise deste estudo – as quais se convergem/coadunam. Segundo Preti (1993, p.235), o texto conversacional é o “texto falado, resultante de um trabalho interativo entre dois ou mais interlocutores que o vão compondo à medida que a conversa se realiza”.

Fávero, Aquino (2002) concebem o texto falado a partir do processo de interação verbal centrado em relações que se estabelecem entre os interactantes. Para as autoras (2002, p.164):

O texto conversacional é criação coletiva, produz-se não só interacionalmente, mas também de forma organizada e é o lugar em que os interactantes constituem relações especiais de dominância ou igualdade, convivência ou conflito, familiaridade ou distância [...].

Tem-se, ainda, Rodrigues (1993) que, ao promover reflexões sobre língua falada e língua escrita, trata de alguns aspectos que caracterizam a língua falada como resultante do processo de falar, do caráter falado, da oralidade ou, ainda, das condições de produção do texto falado, inserindo-o dentro dos estudos acerca das duas modalidades (fala e escrita). Conforme Rodrigues (1993, p.31), “A língua falada constitui uma atividade num contexto específico, resultado da tarefa cooperativa de dois interlocutores num mesmo momento e num mesmo espaço”.

O exemplo 2, a seguir, ilustra bem esse trabalho interativo, o que possibilita caracterizá-lo como um diálogo relativamente assimétrico, em que L2 e L3 limitam-se a responder às perguntas de L1, que dirige/controla a interação verbal, já que a entrevista oral radiofônica, enquanto texto falado, constrói-se colaborativamente, por meio do trabalho coletivo de L1, L2 e L3. Neste momento interacional, L1 inicia o diálogo apresentando os entrevistados e o evento sobre o qual se centra a conversação, por ocasião de um simpósio organizado por L2 e L3, os quais respondem aos cumprimentos e, posteriormente, ao questionamento de L1.

L1 Vou conversar agora com AS... nutricionista e organizadora do simpósio... né? desafios e conquistas e também com a PE... psicóloga e também organizadora do:: simpósio desafios e conquistas
 L1 bom dia A... tudo bom?
 L2 bom dia... bom dia a todos...
 L1 bom dia P como é que vai?
 L3 bom dia'
 L1 uhn bem... vocês estão realizando aí o:: simpósio... projeto inclusão desafios e conquistas... o que vem a ser esse... projeto inclusão desafios e conquistas?
 L3 o projeto... ele vai tratar da temática da inclusão direcionada aos profissionais da saúde e educação... [...]. (Exemplo 2 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

O texto oral é, portanto, um evento de fala, no qual acontece a conversação que, por sua vez, constrói-se por intermédio das relações interpessoais firmadas/operadas pelos interactantes.

Entende-se que a junção entre as duas áreas do conhecimento, no escopo deste trabalho, permite a análise do texto conversacional, que traz, em sua essência, peculiaridades semânticas para a expressão e o entendimento das temáticas por ocasião da entrevista oral radiofônica, a partir do estudo de vários aspectos abordados não apenas no texto oral, mas ainda no texto escrito, assemelhando-se ao *continuum* tipológico entre fala e escrita, havendo a possibilidade de imbricação entre a Análise da Conversação e a Linguística Textual⁵.

Esse diálogo entre as duas linhas firma-se a partir das atividades de composição textual, também chamadas atividades linguístico-cognitivas (repetir, parafrasear, completar, corrigir, resumir, exemplificar, enfatizar etc.), que garantem a compreensão, bem como estimulam, facilitam ou causam aceitação de ideias (fundamentar, justificar, modalizar etc.); dos sinais de articulação do texto falado e

⁵ No processo das análises, observou-se a circulação de categorias comuns aos Estudos Textuais e aos Conversacionais, havendo aquelas que se centraram apenas nos últimos; outras, nos primeiros. Poder-se-ia dizer que é um caso de um *continuum* entre esses dois tipos de estudo.

do escrito; dos marcadores discursivos (KOCH, 2010b); das atividades de reformulação textual, como a paráfrase, a repetição propriamente dita, a correção, os paralelismos sintático e semântico; da relação fala e escrita numa perspectiva do *continuum* tipológico e de elementos como o tópico discursivo, a compreensão, a interação, a negociação, a interpretação, os modalizadores, inclusive os elementos de cortesia.

É importante frisar que alguns elementos somente podem ser analisados conversacionalmente, quais sejam: os turnos conversacionais (abertura, fechamento, intercâmbio, interrupção, alternância, tomada), os marcadores conversacionais (incluindo os modalizadores), os pares adjacentes ou sequências discursivas/conversacionais, as marcas de oralidade, categorias como a conversação, a cooperação, a simetria e a assimetria no discurso, os procedimentos linguísticos e paralinguísticos (os elementos paraverbais e não verbais), como os truncamentos, as entonações, as pausas, os silêncios, os olhares, a prática mímico-gestual, os movimentos do corpo, a voz, além de outros elementos.

Circulando pelas definições de texto falado em Preti (1993), Rodrigues (1993), Fávero (2002) e pelos conceitos mais abrangentes – que englobam o texto falado e o escrito – em Marcuschi (2012) e Koch (2001, 2002a), ressaltam-se a relevância e o valor de todos esses conceitos para os Estudos Conversacionais e Textuais. Neste trabalho, tomar-se-á a definição de AC⁶, conforme Dionísio (2001, p.75) que ressalta:

A AC analisa materiais empíricos, orais, contextuais, considerando também as realizações entonacionais e o uso de gestos ocorridos durante o processamento da conversação. Expressões faciais, entonações específicas, um sorriso, um olhar ou um maneio de cabeça corroboram com a construção do sentido do enunciado lingüístico que está sendo proferido, ou, ainda, podem substituir um enunciado lingüístico no processo interacional face a face. As conversas espontâneas que construímos cotidianamente estão repletas dessa mistura do verbal e do não-verbal (*sic*).

Assim, os sentidos do texto oral vão-se construindo por meio de momentos conversacionais em que os interactantes utilizam essa mistura (marcadores/elementos verbais e não verbais) para estruturar a conversação e produzir novos sentidos, tornando o processo interacional mais bem articulado/estruturado, motivado e também colaborativo, o que possibilita, certamente, um maior engajamento/entrosamento entre os interactantes.

⁶ A partir de agora, a Análise da Conversação poderá ser nomeada por AC.

2.1 Análise da Conversação: origem, objetivos e relevância

A Análise da Conversação, que analisa a língua na modalidade oral, tem como objeto de análise a conversação natural, o discurso conversacional estruturado nos mais diversos tipos de texto falado. Os Estudos Conversacionais surgiram em meados das décadas de 60 e 70, com a Etnometodologia e a Antropologia Cognitiva, época durante a qual aspectos que concernem à conversação ganhavam destaque (MARCUSCHI, [1986] 2003). Os Estudos Conversacionais incorporaram princípios e bases tanto da Etnometodologia quanto da Antropologia Cognitiva.

O termo Etnometodologia foi criado por Harold Garfinkel que, em 1967, publicou a obra *Studies in Ethnomethodology*, com o intuito de mostrar que os estudos etnometodológicos voltam-se para atividades e situações práticas do dia a dia, em que as atividades e circunstâncias mais corriqueiras equiparam-se às atividades extraordinárias, porque ambas são tidas como importantes.

Conforme Silva (2005), a etnometodologia de Garfinkel foi influenciada por três bases de estudo: Talcolt Pearson, com a sua teoria da ação, na qual a realidade é construída por membros do grupo social por intermédio de interações constantes; Alfred Schütz, baseando-se em sua fenomenologia social, por meio da qual a realização de pesquisas científicas acerca da realidade social depende da análise exata da realidade, das interações, das experiências dos interactantes, membros de uma sociedade; a Escola de Chicago, com o seu interacionismo simbólico, na qual o indivíduo interpreta o mundo que o rodeia e desenvolve métodos qualitativos na pesquisa de campo, os quais permitem compreender as significações dos fatos concretos, das atividades práticas cotidianas da realidade social.

Em suma, a Etnometodologia visa descrever os métodos (procedimentos, saberes e técnicas) que os membros de uma dada sociedade utilizam para gerir como convém o conjunto de problemas comunicativos que eles têm de resolver na vida cotidiana.

Entende-se por Antropologia Cognitiva o conjunto de estudos antropológicos com base nas Ciências da Cognição. Os pressupostos teóricos e metodológicos na antropologia cognitiva debruçam-se sobre aspectos e recortes da vida social, relacionados ao pensamento, ao valor, ao comportamento social e às ações humanas nas diferentes culturas. A Antropologia Cognitiva procura compreender as

estruturas que organizam as formas de percepção do mundo entre as pessoas e descrever as implicações antropológicas, sociais e culturais voltadas à comunicação e interação entre as pessoas (SILVERMAN, 2009).

No início dos anos 70, as conversações, tidas como formas de interações verbais, seguindo uma perspectiva científica/descritiva, tornaram-se objeto de uma investigação sistemática. Nessa época, eram as estruturas conversacionais descritas e implicadas nas estratégias e nos usos linguísticos dos interactantes. Assim, os elementos linguísticos, analisados no texto falado/conversacional, estavam relacionados aos tópicos discursivos, ao manejo de turnos, às repartições e tomadas de turno, às trocas/aos intercâmbios de turnos, às interrupções, às aberturas e aos fechamentos das conversações e aos pares conversacionais.

Nesse contexto, destacam-se as contribuições dadas pelos analistas da conversação Sacks, Schegloff e Jefferson⁷ (1974) para o desenvolvimento dos Estudos Conversacionais, com o trabalho intitulado *Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation* (Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa), no qual foi analisado o sistema de tomada e distribuição de turnos na interação conversacional.

Inicialmente, a conversação organizacional não era o objeto da AC desenvolvida por Harvey Sacks e seus colaboradores, mas era observar as condições de produção das atividades interacionais e compreender os acontecimentos e as ações que movem a conduta social e cotidiana dos interactantes (SILVA, 2005). Posteriormente, os estudos de SSJ sobre a estruturação da conversação, a partir de turnos, e o enfoque etnometodológico, além das contribuições teóricas de Garfinkel, impulsionaram essa linha de estudo, o que prova sua significação para o campo da AC.

Levando em consideração dados remotos e fatos históricos, pode-se dizer que a necessidade de se comunicar é inerente ao homem e permeia a sociedade desde os primórdios e para que o evento de fala se materialize, os interactantes constroem coletivamente o discurso por meio de diferentes sistemas semióticos (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). As relações interpessoais constituem-se por meios verbais, paraverbais e não verbais. Neste trabalho, não se menciona a

⁷ Doravante SSJ.

evolução desses meios, mas se mostra que eles são instrumentos possibilitadores dos processos conversacional e interacional.

O turno conversacional constitui-se uma prática corriqueira, mas fundamental para o estabelecimento das relações sociais, pois não há como anular a conversação da vida humana. As conversações são arquitetadas por unidades linguísticas que organizam e estruturam o evento de fala, quais sejam: dialogais – interação, sequência e troca – e monologais – intervenção e ato de fala⁸ (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). Constitui-se um elemento relevante na interação verbal, por meio do qual os interactantes assumem a posição de falantes, tomando a palavra e contribuindo para que o processo conversacional se realize, a partir de cada momento de fala.

Há aspectos que constituem a conversação e mostram que a atividade conversacional é estruturalmente articulada, a exemplo de se considerar a situação discursiva do evento de fala, a natureza e o objetivo do evento de fala, participantes, a relação entre os participantes, o canal utilizado para a realização do evento (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 1999); todos fundamentais para efetivar um referido evento e torná-lo organizado.

Assim, o evento de fala, representado pelo exemplo 3 a seguir, aconteceu num espaço de uma cidade de Alagoas, numa determinada situação temporal, tendo sido evocado pelo locutor L1 (interactante) que se dirige, torna-se intersubjetivo e é similar com o seu parceiro comunicativo, locutor L2 (interactante). Além disso, há um objetivo discursivo que se explica por esclarecer os primeiros resultados de uma operação de desocupação do centro da cidade de Maceió e um canal de comunicação – o rádio –, conforme se vê no exemplo 3 a seguir:

L1 gente olha eu tô em linha com o DF que é diretor de fiscalização e postura da superintendência X... que está realizando desde as primeiras horas dessa manhã... uma operação que visa desocupar o centro da cidade da presença dos ambulantes... D inicialmente muito obrigado pela sua participação aqui com a gente... a gente sabe que você né? está... né? cumprindo também essa tarefa... participando... então você gentilmente nos atende aqui AO vivo... que balanço você já pode fazer pelo menos das primeiras horas dessa operação no centro de nossa capital D? bom dia

⁸ A concepção dos atos de fala – termo pragmático do discurso – ou atos de linguagem está inserida numa corrente de análise das interações, a abordagem filosófica da linguagem, e tem como precursores J. L. Austin e J. Searle. Baseados nessa abordagem da Filosofia da Linguagem, Kerbrat-Orecchioni (2006, p.24, negritos da autora) salienta: “Todos os modelos conversacionais adotam, [...] **retomam, a seu modo, a concepção pragmática do discurso, segundo a qual ‘dizer é fazer’**”, partindo do ponto de vista de que conversar implica interagir com o outro e agir linguisticamente.

L2 bom dia O... éh... nesse primeiro momento podemos dizer que estão que tá tendo uma boa aceitação pela comunidade pela população que tá circulando livremente pelas ruas que a gente tá mantendo essa revitalização né? e:: o camelô o ambulante em si... acredito está se conscientizando... até o presente não tivemos nenhum tipo de de de tumulto que pudesse contestar o que tá sendo feito... acredito que eles tá aos poucos tá se conscientizando porque esse trabalho... a gente não tá fazendo de surpresa... a gente já vem avisando desde antes da copa do mundo que aconteceu aqui no Brasil... então a gente vem conscientizando eles... ontem a gente divulgou na mídia... a gente divulgou através/ entre eles uma panfletagem informando da necessidade da desocupação dessas ruas... então até o presente posso dizer que as/ que a coisa está evoluindo tranquilamente. (Exemplo 3 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

O evento de fala realiza-se face a face, apesar de as informações serem levadas aos espectadores por meio do rádio; é representado institucionalmente, numa situação discursiva formal, cujo tema e cujo objetivo são previamente definidos, havendo um grau de preparo na efetivação do evento.

Nesse evento de fala, as categorias idade (diferentes faixas etárias), o sexo (masculino e feminino), a posição social (diferentes classes sociais), a formação (nível de escolaridade variado), a profissão (habilidade de formação), as crenças (de formação religiosa, de defesa de perspectivas etc.) e a relação entre os participantes (conhecidos, desconhecidos) têm em comum uma constante da variabilidade.

Dessa forma, do evento de fala vão participar interactantes com diferentes idades, do sexo masculino e do feminino, de classes sociais distintas, grau de instrução variado, dada a capacidade intelectual, os preceitos éticos, morais e religiosos, profissionais que conhecem diferentes temáticas, tais como: educação, meio ambiente, saúde, cultura e problemas (questões) sociais.

Os turnos conversacionais são construídos colaborativamente pelos interactantes por intermédio de pares ou sequências conversacionais, que auxiliam na efetivação de um evento de fala, e constituem o processo interacional de textos orais, a partir de um conjunto de unidades linguísticas das quais os interactantes não podem abdicar, sobretudo para atingirem seus propósitos comunicativos, como ocorre, por exemplo, no gênero entrevista.

Percebem-se, nesse sentido, a importância e a posição da AC frente os Estudos Fonológicos, Sintáticos, Semânticos, Morfológicos e Discursivos, pois os Estudos Conversacionais visam analisar a conversação natural entre os interactantes do discurso, bem como de categorias/atividades discursivo-textuais que regem o texto falado, as quais não constituem objeto de estudo das linhas de investigação citadas anteriormente.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006, p.54-5), “[...] as mensagens linguísticas são constituídas por unidades hierarquizadas, ou seja, incluídas umas nas outras, da menor (o fonema) à maior (texto), passando por um certo número de unidades intermediárias (morfema, palavra, sintagma, frase)”. Nesse sentido, embora essas unidades linguísticas não constituam foco de análise da AC, a organização estrutural das conversações dá-se por intermédio das referidas unidades que contribuem para a descrição e análise das interações verbais e abrangem os níveis linguísticos de estudo mencionados anteriormente.

Além disso, observando essas unidades linguísticas – fonológicas, sintáticas, semânticas, morfológicas e discursivas – sob um ponto de vista ou perspectiva, neste caso, sob a ótica textual e conversacional, é possível compreender determinados processos linguísticos e elementos que regem as práticas de linguagem.

A AC reforça a importância da oralidade e da fala para os Estudos Linguísticos, relevância essa que também é comprovada pelo caráter transdisciplinar dos Estudos Conversacionais, por abranger enfoques de linha psicológica e psiquiátrica, etnossociológica, linguística e filosófica (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Por a fala ser uma forma de produção textual-discursiva (MARCUSCHI, 2005) e as conversações mediar as relações humanas, a linguagem pode ser entendida também como atividade textual-discursiva, como prática social, possibilitando ao homem refletir sobre os diversos tipos de agir e interagir linguisticamente. Afinal,

Todo usuário da língua concretiza seus atos de fala, exercendo sua competência comunicativa, produzindo textos (orais ou escritos), baseados nessas unidades e orientado pela força intrínseca das leis fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que as organizam ou que as autorizam. (SAUTCHUK, 2004, p.2).

Tomando por base a arquitetura complexa e hierarquizada das conversações, que são constituídas por turnos conversacionais, é importante observar os fenômenos que cercam essas unidades monologais e, por sua vez, por meio de um embasamento teórico, analisar e explicar elementos e atividades conversacionais, os quais compõem o texto falado.

2.2 Acerca das relações com outras ciências da linguagem

Os Estudos Conversacionais estabelecem relações com a Pragmática, com a Etnometodologia, com a Antropologia Cognitiva, com a Etnografia da Comunicação, com a Sociolinguística, Neurolinguística, Psicolinguística, Linguística do Texto, distinguindo-se dessas linhas de abordagem pelo seu objeto de estudo. Dessas ciências, os Estudos Conversacionais se diferenciam por se centrar em interações verbais, por ocasião das conversações nos diversos contextos interativos da vida cotidiana.

As contribuições dos Estudos Pragmáticos, localizados também na Filosofia da Linguagem, dão-se a partir da Teoria dos Atos de Fala. Segundo Wilson (2013), a AC constitui um campo de investigação da Pragmática, por centrar-se no estudo do significado em situações de interação, isto é, em momentos interativos. Por ser uma corrente dos Estudos Pragmáticos, é possível analisar fenômenos pragmáticos da linguagem como a dêixis, as implicaturas conversacionais, as máximas conversacionais, as pressuposições e os atos de fala no texto oral.

Nesse sentido, aparecem as contribuições de Oliveira (2012), que, ao analisar os elementos linguístico-não verbais no discurso interativo de sala de aula, estabelece um diálogo entre os Estudos Pragmáticos e Conversacionais e ratifica a concepção teórica de que a Análise da Conversação é uma corrente investigativa que emana dos Estudos Pragmáticos. Para Oliveira (2012, p.23):

A vertente investigativa representada pela Pragmática afirma que o estudo da linguagem deve ser realizado enquanto prática social concreta, voltando-se ao exame da constituição do significado linguístico a partir da interação entre falante-ouvinte (interlocutores) e do contexto situacional que determina os usos linguísticos nos momentos de comunicação.

Na Pragmática, linha centrada no uso linguístico, os falantes precisam ser capazes de adequar a linguagem, as expressões linguísticas ou os enunciados à dimensão social do uso linguístico, ao contexto situacional, aos interactantes (participantes do evento de fala) e seus papéis/funções, ao conhecimento das normas e convenções linguísticas e sociais pertinentes ao contexto, o que traduz as competências comunicativa e pragmática (WILSON, 2013).

Assim, a Pragmática estuda a língua (gem) em seu contexto real de uso e as relações estabelecidas entre determinados aspectos linguísticos e o referido contexto, observando “[...] como os enunciados comunicam significados num

contexto” (TRASK, 2011, p.232), reconhecendo o uso da língua – o que foi dito –, o modo como foi dito e o contexto em que foi dito na interação verbal.

A Etnografia da Comunicação ou Etnografia da Fala tem por objetivo entender/descrever as diferentes formas de realização da linguagem e de seu significado implicadas na competência cultural dos falantes de uma comunidade, traduzindo seu comportamento comunicativo num contexto sociocultural. Desse modo, a língua (gem) e os indicadores e construtores das relações interpessoais, utilizados pelos interactantes num dado evento de fala, são tomados como fenômenos culturais.

Conforme Trask (2011, p.102), a Etnografia da Fala é “o estudo das normas de comunicação que prevalecem numa comunidade de fala, incluindo fatores verbais, não verbais e sociais”. Tendo em vista que as comunidades linguísticas instauram suas próprias normas para o comportamento comunicativo, a etnografia da comunicação leva em conta uma série de variáveis, utilizadas por cada sociedade/comunidade de fala, como o volume e a altura da voz, a distância entre os interactantes, a expressão e a postura física, o contato pelo olhar, as formas de tratamento e as regras para iniciar a conversação (TRASK, 2011). Nesse sentido, por intermédio dessas variáveis ou, mais precisamente, da linguagem, o falante é capaz de expressar seu conteúdo cultural nas relações sociais.

Dividida em Sociolinguística Interacional e Variacionista, a Sociolinguística tem como objeto de estudo a relação entre a língua e a sociedade, isto é, os aspectos sociais que influenciam as diferentes formas de o falante utilizar a língua. Segundo Cezario, Votre (2013, p.141), “A Sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais de produção linguística”.

A Sociolinguística Interacional investiga, a partir da linguagem dos interactantes, como as situações interacionais se desenvolvem dentro de um contexto social e como a imagem social do falante é construída nos momentos de interação. A Sociolinguística Variacionista concentra-se no estudo da variação e da mudança linguísticas, motivadas por fatores linguísticos e, sobretudo, extralinguísticos numa comunidade de fala, devido às pressões e aos aspectos sociais que atuam sobre a língua. Para Trask (2011), a Sociolinguística compõe o estudo da variação na língua, no interior de comunidades de fala.

A Neurolinguística estuda as relações ou as conexões entre a língua e o cérebro (TRASK, 2011), bem como as relações entre mecanismo e aspectos do cérebro humano e a capacidade linguística, centrados na compreensão, produção, no uso, conhecimento e nos distúrbios da língua (gem).

A Psicolinguística pretende descrever e explicar como os seres humanos adquirem, desenvolvem, produzem e compreendem a linguagem, nas suas várias modalidades – falada, escrita, mímico-gestual, entre outras, observando aspectos/fenômenos linguísticos voltados ao processamento da linguagem. A Psicolinguística estuda as “[...] conexões entre a linguagem e a mente” (TRASK, 2011, p.243), de tal modo que, por intermédio de processos mentais/cognitivos, os sujeitos do sistema linguístico codificam, decodificam, interpretam e respondem às mensagens produzidas nas relações interpessoais, nas atividades interativas ou nos eventos comunicativos diversos.

Dessa maneira, os fenômenos linguísticos relacionados ao processamento da linguagem são focalizados pelos interactantes a partir de seu aparato perceptual/articulatório e de seus sistemas de memória numa conversação natural, por exemplo, de forma que a compreensão da linguagem pelo interlocutor dá-se por intermédio dos aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos e semânticos, permitindo a decodificação dos enunciados do sistema linguístico (LEITÃO, 2013). Segundo Leitão (2013, p.232), com base nas evoluções tecnológicas que possibilitam aferições mais precisas acerca do processamento linguístico,

[...] tem havido uma aproximação forte entre as áreas da psicolinguística e da Neurolinguística, pois, com equipamentos capazes de aferir reações cerebrais a estímulos linguísticos, a neurolinguística consegue determinar áreas do cérebro com maior ou menor ativação no momento da execução de tarefas especificamente linguísticas, o que permite uma rica e precisa aferição de dados referentes ao processamento. (LEITÃO, 2013, p.232).

Cada uma dessas áreas do conhecimento tem a sua especificidade, o que torna distinta a posição adotada para este trabalho, por situar-se na Análise da Conversação, ao estudar as práticas linguísticas orais, descrever conceitos, técnicas, metodologias, necessários para a análise de aspectos conversacionais da

entrevista radiofônica ou, ainda, das trocas comunicativas promovidas no discurso dialógico (entre os interactantes de um todo enunciativo) desse gênero oral⁹.

2.3 O *continuum* tipológico dos gêneros textuais e as categorias textuais e conversacionais

Por muito tempo, observou-se a fala em relação à escrita, numa visão de dicotomia estrita, entretanto a perspectiva funcionalista de linha sociointeracionista dos estudos linguísticos aparece para romper com esse conceito e mostrar que fala e escrita pertencem ao mesmo sistema linguístico e cada uma dessas formas de produção textual-discursiva possui suas especificidades (MARCUSCHI, 2005).

Nesse sentido, a fala não é uma forma caótica de manifestação da linguagem, uma atividade desarticulada, desorganizada, que impossibilita o estudo de unidades linguísticas situadas no âmbito da oralidade enquanto prática social. A perspectiva das dicotomias estritas (MARCUSCHI, 2005) configura a relação língua falada e língua escrita, numa dicotomia polarizada, ratifica essa afirmativa, considerando a heterogeneidade da fala como responsável para que a oralidade seja tomada como o lugar do caos.

As categorias textuais e conversacionais aparecem para desconstruir essa visão cristalizada e evidenciar que os eventos comunicativos possuem características que se assemelham e se completam a partir do *continuum* tipológico, pois o que existe é um conjunto de traços que os configura como textos falados ou escritos em maior ou menor grau, dentro de um *continuum* de variações. Fala e escrita são duas modalidades do mesmo sistema linguístico, ambas favorecem a interação verbal, cada uma com suas especificidades, embora mantenham relações nos vários contextos de uso.

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos. (MARCUSCHI, 2005, p.42, itálicos do autor).

⁹ Os termos gênero textual e gênero oral (texto oral, texto falado) são utilizados tomando por base estudiosos da Análise da Conversação e da Linguística do Texto, quais sejam: Marcuschi (2008), Fávero, Aquino (2002), Fávero et al (2010), Hoffnagel (2003), Preti (1993), Antunes (2003, 2005), Dionísio (2001), entre outros.

Enquanto atividades sociointeracionistas, a língua falada e a língua escrita organizam as relações sociais (entre interactantes) no âmbito das práticas comunicativas, sendo versáteis. Sua versatilidade/flexibilidade, observada na materialização dos gêneros escritos e orais, não permite apresentar a fala e a escrita de forma dicotômica nos estudos da linguagem, pois são duas modalidades que estão imbricadas. Além disso, a distribuição dos gêneros textuais no *continuum tipológico* das práticas de formulação textual, por meio da relação fala-escrita, possibilita que esse *continuum* dos gêneros textuais estabeleça os pontos de convergência e divergência entre os textos – podendo implicar um hibridismo textual –, em virtude das propriedades que os compõem. Segundo Antunes (2003, p.101):

Como se sabe, as modalidades oral e escrita da língua guardam similaridades e apresentam diferenças. O confronto entre uma e outra – desde que se considerem os mesmos níveis de registro (fala formal e escrita formal, por exemplo) – pode ser bastante produtivo para a compreensão daquelas similaridades e diferenças e para o entendimento das mútuas influências de uma sobre a outra.

As categorias textuais e conversacionais que compõem o texto falado provam que a conversação, na verdade, organiza-se com base em variáveis, conforme mencionado anteriormente, o que implica dizer que a conversação não se configura um texto caótico, tampouco desarticulado sintática e semanticamente. São os elementos verbais (marcadores conversacionais, operadores modais, construções sintáticas, itens lexicais, construções oracionais e suboracionais etc.), não verbais (gestos e olhares) e paraverbais (entonação), utilizados pelos interactantes, que organizam a conversação, constroem a interação e fazem os sentidos progredirem a partir de ideias. Portanto, as categorias que se apresentam num texto, de alguma forma, contribuem para o desenvolvimento do texto conversacional.

3 A ASSIMETRIA E/OU A SIMETRIA NA ENTREVISTA ORAL RADIOFÔNICA

No processo conversacional, os interactantes constroem o diálogo, à medida que alternam seus papéis. As sequências de turnos caracterizam essa alternância de papéis e mostram que esses interactantes de um evento de fala precisam engajar-se na consecução de um objetivo comum.

Na interação verbal, entre os elementos básicos que organizam estruturalmente as conversações está o turno conversacional previamente mencionado. Segundo Fávero, Andrade, Aquino (1999, p.35), o turno refere-se à “[...] produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio”, isto é, diz respeito ao momento em que cada falante produz seu discurso, incluindo pequenos sinais de engajamento ou monitoramento (fáticos) ou, até mesmo, hesitações, gestos e olhares.

Dessa maneira, além das atividades de formulação – hesitações, paráfrases, repetições, inserções e correções – que estruturam e organizam segmentos do texto falado, tornando possível afirmar que essa modalidade é uma atividade interativa, coproduzida mutuamente pelos interactantes, o turno conversacional constitui um importante elemento no processo conversacional. Isso significa que a organização do texto conversacional segue princípios que não o enquadram em meio ao caótico, ao descoordenado ou ao aleatório. Esses princípios elencados por SSJ (1974), a partir da distribuição de turnos, também caracterizam situações de simetria e assimetria no discurso.

Os sentidos vão-se construindo, à medida que conversam, esclarecem fatos, negociam suas diferenças – embora nem tudo seja negociável (MARCUSCHI, 1998b) –, compreendem-se mutuamente e precisam interagir em torno de um objetivo comum, de um foco comum, estabelecendo, para tanto, referentes comuns na ou durante a conversação, seja espontânea, seja planejada temática ou linguisticamente. Afinal, para que a conversação seja bem-sucedida, é preciso respeitar um acordo prévio e possuir interesses comuns.

A organização estrutural das conversações é regida por propriedades que coordenam o texto falado e enquadram-no como um texto articulado. Nesse contexto, o modelo de SSJ (1974), o qual diz respeito ao sistema de tomada e distribuição de turnos, remete à sucessão/alternância de turnos entre os interactantes e ao espaço de tempo que cada interactante ocupa na atividade

conversacional. A tomada de turnos traduz-se numa característica elementar para que a interação ocorra e as propriedades gerais propostas por SSJ (1974), as quais regem a conversação ou contribuem para a continuidade ou descontinuidade da fala, são as seguintes, além de outras:

- A troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre.
- Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez.
- Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves.
- Transições (de um turno para o próximo) sem intervalos e sem sobreposições são comuns.
- A ordem dos turnos não é fixa, mas variável.
- O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável.
- A extensão da conversa não é previamente especificada.
- A distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada.
- A fala pode ser contínua ou descontínua. (SACKS, SCHEGLOFF, JEFFERSON, [1974] 2003, p.14-5).

Finalmente, essas propriedades conversacionais, que também contribuem para determinar a simetria e a assimetria nos diálogos¹⁰, de modo que a troca de falantes, as transições de um turno a outro sem intervalos e sem sobreposições – quando o interactante (entrevistador) que controla o momento interativo seleciona quem vai falar e aloca o turno sem a sobreposição do parceiro comunicativo (entrevistado) –, a ordem e o tamanho variáveis dos turnos, a continuidade ou descontinuidade da fala, as relações de poder, entre outras questões, definem as relações simétricas e assimétricas que também asseguram a produção de sentidos no texto falado, por ocasião da interação verbal. A disposição fixa e a não fixa dos turnos na conversação também caracterizam o diálogo como relativamente simétrico e relativamente assimétrico (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 1999).

No discurso simétrico, ambos os interactantes possuem o mesmo direito não só de tomar a palavra, mas também de escolher o tópico discursivo¹¹ – assunto estabelecido na conversação, o objeto do discurso acerca do que se fala –, direcioná-lo/alterá-lo, estabelecer o tempo de participação na atividade conversacional. No discurso assimétrico, o privilégio no uso da palavra é de apenas

¹⁰ O termo diálogo é utilizado, em sentido *lato sensu*, quando dois ou mais interactantes participam da interação.

¹¹ De acordo com Marcuschi (2008), o tópico discursivo constrói-se de forma interativa, coletiva e negociada, uma vez que, na interação verbal espontânea, embora um interactante proponha um tópico, esse tópico pode ser reconduzido ou alterado, por ser a conversação, nesse sentido, um evento dialógico, dinâmico e interacionalmente espontâneo. Na entrevista, embora o entrevistado limite-se ao que lhe é perguntado, devido à predominância da assimetria, ele pode contribuir para a determinação das escolhas discursivas, marcando, em certos momentos, a entrada da simetria no discurso.

um interactante que conduz/comanda o diálogo, iniciando, desenvolvendo, mudando o tópico e encerrando o diálogo (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 1999).

Segundo Galembeck (1993, 1996, 2005), a conversação simétrica ocorre quando ambos os interactantes contribuem efetivamente para o desenvolvimento do tópico discursivo, possibilitando a continuidade tópica, isto é, o engajamento dos interactantes igualmente, por meio de uma sequência de turnos nucleares¹² justapostos, na qual esses interactantes discutem o tópico e expõem seus pontos de vista.

O exemplo 4 ilustra bem esse tipo de conversação, em que L1 apresenta o tópico sobre o qual ambos os interactantes (L1 e L2) discorrerão, isto é, sobre questões relacionadas à vigilância sanitária, inclusive acerca do que se enquadra como tipos de medicamento, da fabricação e do uso desses tipos de medicamento (de marca, similares e genéricos). A disposição e o tamanho dos turnos, o tempo de permanência de L1 e L2 nos turnos, o caráter referencial e informativo da fala de L1 e L2 e a extensão da conversa servem para definir essa interação como relativamente simétrica.

L1 gente olha... a partir de agora a gente vai conversar com o PB que é diretor estadual da vigilância sanitária... nós vamos abordar diversos assuntos obviamente ligados à vigilância sanitária... mas... vamos nos ater também a um assunto que... que é de interesse de toda a sociedade... né? diga-se de passagem... a gente sabe que hoje infelizmente... o mercado farmacêutico... ele ainda é um mercado que... é caro né? pra maioria das pessoas... muitas pessoas que precisam fazer o tratamento e não têm acesso é:: a medicamentos ou que os medicamentos não fazem parte por exemplo da cesta de fe/ de medicamentos que é oferecido... né? pelo poder público... acabam tendo que dispendir um valor muito alto... pra fazer determinados tratamentos... MAS... né? hoje o mercado brasileiro... ele... o mercado farmacêutico brasileiro já oferece algumas opções... que ainda são vistas de forma é:: desconfiada por algumas pessoas né? como o mercado de medicamentos genéricos né? existe o mercado similar... até essa semana por coincidência P eu tava falando sobre isso... aliás semana passada né? sobre a diferença entre genérico e similar... existe uma diferença né?... básica que fique claro e a gente vai também reforçar isso aqui... MAS é uma grande opção pras pessoas que querem obviamente se houver o medicamento genérico pra o que ela tá utilizando pra que as pessoas possam economizar né? e a vigilância sanitária garante que o genérico é igual... ao medicamento de referência... há essa preocupação da vigilância sanitária para garantir que esse medicamento genérico ele chegue com a mesma qualidade pra o chamado/ ou do chamado medicamento de marca não é? ou aquele medicamento que tem o nome fantasia já muito conhecido e consagrado aí pela população... P inicialmente bom dia... brigado pela sua participação aqui no DM... a vigilância sanitária tá atenta pra que a população que confia principalmente não é? e economiza na compra do éh/ do medicamento genérico realmente esteja comprando o mesmo medicamento que ela compraria caso optasse por escolher o medicamento de marca não é isso P? bom dia...

¹² Cada intervenção de caracteres informativo e referencial evidentes, por meio da qual ambos os interactantes contribuem igualmente para o andamento da conversação.

L2 bom dia... bom dia a todos os ouvintes... éh:: eu gostaria de dizer o seguinte éh existe muita falácia sobre:: medicamento de marca que é o medicamento de referência... que pode ser esse medicamento de referência pode ser o medicamento de marca e o medicamento manipulado... entendeu? eles se equiparam e:: a partir de mil novecentos e noventa e nove foi éh:: promulgado a lei que criava o medicamento genérico... e posteriormente o também chamado medicamento similar... e aí o pessoal faz assim uma certa... confusão entre um e outro medicamento... primeiro de que tudo eu gostaria de dizer ao pessoal o seguinte... o medicaMEN-TO... éh:: o pessoal confunde muitas coisas... remédio com medicamento... todo medicamento é um remédio... mas nem todo remédio é um medicamento... ou seja... se:: eu você tá com uma dor e eu le dou uma massagem... se eu faço uma massagem e passa essa dor... isso aí é remédio mas não é medicamento... certo? se eu boto uma compressa... de água fria na testa de uma pessoa para diminuir a febre e baixa essa febre éh::... isso aí é um remédio mas não é medicamento... agora todo medicamento é um remédio... então pra ser remédio éh:: geralmente o o/ ele é o o/ começou com o remédio de referência... o remédio de referência ele é aquele que foi pesquisado um princípio ativo... depois de muito tempo às vezes anos de pesquisa... esse princípio ativo ele se propõe e diz que ele vai curar... éh aliviar o sintoma éh diagnosticar ou prevenir uma doença... depois de tá tudo comprovado através de de muitos estudos... como prêmio este laboratório ele recebe uma::: chancela chamada patente... que agora é de cinco anos... então durante cinco anos... só quem pode éh:: (Exemplo 4 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

A conversação assimétrica é, assim, caracterizada por um dos interactantes intervir sucessiva e significativamente, por meio de turnos nucleares em andamento ou de turnos inseridos¹³ (de função interacional ou que contribuem comedidamente/discretamente para o desenvolvimento do tópico), ocupando um espaço de tempo maior durante o turno, suas intervenções são de caráter referencial evidente para o desenvolvimento do tópico conversacional, enquanto o outro interactante contribui com intervenções episódicas e/ou secundárias nos momentos interativos.

L1 gente... olha tô recebendo aqui no estúdio o:: TF... né? que é estudante e escritor e também a PN que é coordenadora da biblioteca da instituição e a gente vai falar um pouco sobre essa obra um gesto de amor que é uma obra iNÉdita... né? e eu achei que o meu produtor F ele não é um leitor ele é um devorador de livros né? ele adora né? e ele disse olha O é um bate-papo uma obra muito interessante né? vai ser um papo muito legal porque eu também sou um cara que gosta muito de ler... e a gente vai falar um pouquinho sobre essa obra falar um pouquinho também sobre a biblioteca da instituição... rapaz uma carência tão grande que nós temos de bons espaços... pra que as pessoas possam né? ter uma boa leitura ou encontrar boas obras... tem muita gente que sequer conhece o espaço né? e a gente vai poder também falar sobre esse assunto... deixe eu cumprimentar aqui o T... tudo bom T... prazer recebê-lo aqui nos estúdios
L2 obrigado... o prazer é todo meu
L1 agora aqui vo/ tem dizendo que você é estudante e escritor... você é estudante de que T?
L2 de química industrial do:: instituto federal de alagoas

¹³ Intervenções breves que não possuem, necessariamente, valor informativo ou referencial, mas indicam que um dos interactantes está acompanhando, vigiando, fiscalizando ou seguindo seu parceiro.

L1 química industrial... né? uma matéria peSA::da... eu aliás admiro quem escolhe química física... era meu terror quando eu era mais novo... não que eu não desenrolasse... mas é que eu não gosto mesmo né? e de repente você vai né? e escreve um livro que tem tudo a ver com sensibilidade né? com com com carinho né? com um gesto de amor... como é o título do livro... essa sua outra face né? o químico industrial também é uma pessoa que gosta de falar de amor T? (Exemplo 5 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

Neste exemplo (5), L1 apresenta o tópico que abrange uma obra escrita por aluno de uma IES, a partir da leitura de obras no projeto Biblioteca Y, que incentivou a leitura de vários compêndios, por meio de uma biblioteca volante, e instigou a escrita de um romance por um aluno do ensino básico tecnológico. L1 controla a interação, e L2 limita-se a responder ao que lhe é perguntado, com turnos inseridos de caráter interacional, contribuindo apenas para desenvolver o diálogo.

As assimetrias podem ser globais e locais (MARCUSCHI, 1995). As primeiras são caracteristicamente bem definidas/precisas e ultrapassam os limites das trocas dialógicas na interação, correspondendo ao evento de fala em sua totalidade, podendo impor-se pelo poder social, pela autoridade preexistente, natureza do evento e atingindo, no discurso, níveis mencionados anteriormente – tópicos, eventos de fala, tipos de evento, posição social etc. As segundas são configuradas por enunciados individuais, turnos, pares adjacentes, atos de fala, além de outras relações imediatas (SANTOS, 1999).

Na conversação simétrica, a alternância de papéis entre os interactantes configura-se de modo relativamente simétrico, pois ambos desenvolvem o tópico discursivo, e as posições de falante e ouvinte alternam-se, por intermédio da passagem de turno ou da transferência da vez de falar. No discurso assimétrico, os papéis dos interactantes também se alternam, podendo ocorrer passagem de turno ou transferência da vez de falar a partir dos lugares relevantes de transição.

A passagem de turno ou a transferência da vez de falar pode ocorrer por meio de uma solicitação explícita ou implícita, a partir dos lugares relevantes de transição (LRTs), conforme estabelecem Sacks, Schegloff, Jefferson (1974). Desse modo, o ouvinte tem a capacidade de prever, por meio de perguntas diretas ou indiretas, pausas, alongamentos, hesitações, entonações ascendentes ou descendentes, marcadores conversacionais, gestos etc. (DIONISIO, 2001), que o turno do falante corrente está concluso, ou seja, seu momento de fala terminou e aquele ouvinte toma o turno e assume a posição de falante.

A alocação de turnos pode ser realizada não somente pelo falante corrente que seleciona o falante seguinte, indicando-lhe sua vez de falar, como é o caso da entrevista, – embora os interactantes precisem ser cuidadosos, ao identificar os LRTs, observando, inclusive, o maior número possível de pistas (GALEMBECK, 1993), a fim de que a determinação desse ponto de possível completude não seja uma projeção errônea – como também pela autosseleção ou autoescolha.

Certos eventos comunicativos possuem regras preestabelecidas, que regulam os turnos, e um tempo predeterminado para o turno de cada interactante (SILVA, 2005). Esse mecanismo que administra a tomada de turno como um sistema localmente comandado¹⁴, de caráter contextual e não automatizado (MARCUSCHI, [1986] 2003), contribui para caracterizar interações simétricas e assimétricas.

A simetria e assimetria podem ser marcadas na interação verbal quando os interactantes assumem posições distintas no processo interacional. A relação de lugares, poder, hierarquia, dominação, representada por dados contextuais – idade, sexo, estatuto, papel interacional, domínio da língua, competência, prestígio, carisma, força física, além de outros dados –, também contribui para definir as interações como simétricas e assimétricas (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Os indicadores que estruturam essas interações são chamados relacionemas horizontais e verticais. Os relacionemas são unidades conversacionais utilizadas/manipuladas nas relações entre os interactantes. Esses indicadores e construtores da relação interpessoal implicam comportamentos conversacionais que, por sua vez, refletem, confirmam, contestam, constituem ou invertem as relações humanas durante a interação, contribuindo para o funcionamento da conversação.

Nesse sentido, aparecem as relações horizontais e verticais, as quais se constroem nas relações interpessoais entre os participantes de uma interação verbal. As primeiras remetem ao fato de que esses participantes podem se mostrar relativamente próximos ou mesmo distantes na interação. Assim, as relações horizontais compõem um eixo gradual orientado para a distância, familiaridade e intimidade e desenrolam-se a partir de dados externos ou contextuais, quais sejam: os marcadores verbais, não verbais e paraverbais, os laços socioafetivos, a situação comunicativa (formal, informal, cerimonial) (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

¹⁴ Quando, na troca de falantes, o ouvinte intervém sem que seu momento de fala seja solicitado ou consentido, direta ou indiretamente, chamamos essa participação não autorizada de assalto ao turno.

As segundas referem-se à relação de lugares, considerando as diferentes posições ocupadas pelos interactantes no processo conversacional, em que um deles pode exercer a posição de dominante, enquanto o outro pode exercer a função de dominado. As relações verticais são, essencialmente, dissimétricas e dependem dos relacionemas verticais (marcadores verbais, não verbais e paraverbais) para marcar a relação de hierarquia ou de poder (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). Por serem entrevistas gravadas de um programa de radiojornalismo e não se disporem de imagem, os não verbais e paraverbais não constituirão a análise do *corpus*.

Santos (1999, 2008) mostra que as marcas de simetria e assimetria são constituídas nas ações interativas do discurso de sala de aula, por intermédio das relações horizontais e verticais, observadas a partir dos marcadores verbais, paraverbais e não verbais, significando que a interação é uma atividade dinâmica e que pode haver momentos simétricos e assimétricos num mesmo evento de fala, ou, dizendo de outro modo, graus dessas categorias.

Embora o discurso de sala de aula seja intrinsecamente assimétrico, a simetria torna-se possível, exatamente, por ser a interação um processo dinâmico que domina em um plano e é dominado em outro (SANTOS, 2008). Assim, também ocorre em entrevistas, considerando que as trocas realizadas entre os interactantes nas relações sociais são, moderadamente, simétricas e assimétricas, por isso “Não se deve analisar as interações, caracterizando-as aprioristicamente como simétricas ou assimétricas, pois essas interações podem apresentar aspectos de um ou de outro desses ângulos de visão”. (SANTOS, 1999, p.32).

De acordo com Santos (1999), as interações na vida diária caracterizam-se por eventos interacionais e situacionais. Estes possuem um objetivo definido e dizem respeito a situações públicas e contextos de normas convencionalizadas; aqueles não apresentam preparação e tema previamente definidos, e os interactantes exercem papéis iguais. Nesses eventos, possivelmente, existam assimetrias que condicionam as relações de poder e formas de controle.

Na entrevista, a assimetria pode ser determinada pelo perfil interacional dos interactantes e caracterizada como um evento situacional quando, por um lado, ao estruturar a interação, o entrevistador dirige a atividade conversacional, conduzindo-a e suscitando a fala do entrevistado e, quando, por outro lado, cede o direito à palavra ao entrevistado para extrair-lhe as informações pretendidas, colocando-o, para tanto, em evidência.

As conversações casuais e os encontros institucionalizados (MARCUSCHI, 1991) abrangem os eventos interacionais e implicam situações de simetria, quando os interactantes intervêm igualmente nos momentos interativos, e situações de assimetria, por ocasião das relações de poder e fontes de controle, instituídas na interação, decorrentes da autoridade que uns interactantes exercem sobre os outros nos eventos comunicativos para firmarem boas relações interpessoais e atingirem flexivelmente seus propósitos no meio social.

Dessa forma, a assimetria é marcada pelos poderes social, econômico, político, cultural, intelectual dos interactantes, pelos grupos sociais, pelas classes de interesse, práticas institucionais e socioculturais, bem como pode ser estabelecida pelo controle dos tópicos, das formas de tratamento, das tomadas de turno, da seleção de certos atos de fala, além de outros (MARCUSCHI, 1991).

Conforme Santos (1999), as relações de poder materializam-se de modo explícito e implícito nos eventos discursivos, seja pelos papéis dos interactantes na conversação e do *status* social, seja pelos atos de linguagem que o interactante monitorado absorve do interactante que controla o momento interativo. Nesse sentido, quando se fala em controle, pode-se dizer, ainda, que, em textos orais e escritos, as relações simétricas e assimétricas realizam-se por meio da seleção dos interactantes, do tempo de permanência nos turnos, da abertura e do fecho dos eventos de fala, da elocução/produção da linguagem, das sequências injuntivas, de definições plausíveis, do ato de dar ordens, instruções, inquirir, proibir, da tomada de decisões, da natureza do evento de fala, dos operadores modais, da organização estrutural e interna do texto, entre outros fatores.

Para Marcuschi (1991) e Santos (1999), a assimetria descreve relações de poder ou desequilíbrio entre os interactantes num evento de fala, em decorrência da inserção em grupos sociais diversos, formação desigual, profissão com valor social diferenciado, direitos diferenciados, papéis desiguais no comando da interação. Analogicamente, a simetria implica igualdade/similaridade de condições, de modo que as questões de poder não predominam nas relações interpessoais, quer pelo conhecimento, quer pela posição social; acontece (simetria) na medida em que alguns desses elementos têm a mesma equivalência para ambos os interactantes.

A assimetria é percebida no seguinte exemplo (6), considerando os elementos que apontam para esse tipo de interação, quando L1 entrevista L2 que, por sua vez, ocupa uma posição social relevante e exerce uma profissão cujo valor social é

distinto, razão por que L2 – diretor de fiscalização e postura da superintendência X – foi escolhido para tratar a respeito da desocupação do centro da cidade de Maceió e do redirecionamento dos vendedores ambulantes.

L1 gente olha eu tô em linha com o DF que é diretor de fiscalização e postura da superintendência X... que está realizando desde as primeiras horas dessa manhã... uma operação que visa desocupar o centro da cidade da presença dos ambulantes... D inicialmente muito obrigado pela sua participação aqui com a gente... a gente sabe que você né? está... né? cumprindo também essa tarefa... participando... então você gentilmente nos atende aqui AO vivo... que balanço você já pode fazer pelo menos das primeiras horas dessa operação no centro de nossa capital D? bom dia. (Exemplo 6 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

Essas diferenças explicam, por exemplo, a razão por que um jornalista, colaborador ou não, ou um especialista, em determinado assunto, é convidado a escrever em determinada seção do jornal, bem como alguém é convidado para proferir uma palestra ou uma conferência, por sua capacidade intelectual, sua formação acadêmica, profissional, ética e moral, pelo modo como seleciona os recursos linguísticos na fala ou na escrita, enfim, por apresentar caracteres diferenciados nas situações discursivas.

As relações assimétricas mostram que os interactantes mais influentes, na interação interpessoal, controlam o processo conversacional em diversos níveis, quais sejam:

- selecionar preferencialmente os falantes;
- introduzir, incentivar ou retirar tópicos discursivos;
- iniciar e concluir os eventos;
- Coordenar as alocações dos turnos, sua extensão etc.;
- produzir preferencialmente determinados tipos de atos de fala;
- Definir as formas de polidez;
- Definir o estilo, o léxico etc.;
- coordenar as sequenciações;
- avaliar posições, opiniões, situações etc. (MARCUSCHI, 1991, p.61).

Possivelmente, as entrevistas, em condições de assimetria, incorporem algumas formas de repetição (MARCUSCHI, 1991). Assim, repete-se: o verbo/substantivo no início da resposta; a pergunta antes de iniciar a resposta; integralmente a pergunta como parte inicial da resposta; a pergunta reformulada; a pergunta de maneira intermitente durante a resposta; o segmento com transformações morfossintáticas e/ou de modo parafrástico. Fazem exceção a isso

quando se responde sem repetir elementos da pergunta e quando se dá resposta tangencialmente.

Enfim, num evento de fala, as interações são constituídas de situações interpretativas, e as relações simétricas e assimétricas relativizam-se durante o processo interacional, pois os interactantes “[...] têm vontade própria e podem a cada momento subverter a ordem das coisas com novas interpretações de suas relações” (MARCUSCHI, 1995, p.83), de forma que as interações podem apresentar aspectos de simetria ou de assimetria num mesmo evento de fala. Com base em Marcuschi (1995), Santos (1999) evidencia os seguintes elementos de interação, a partir das dimensões simetria-assimetria e cooperação-competição: simétrico e cooperativo, simétrico e competitivo, assimétrico e cooperativo e assimétrico e competitivo.

3.1 Categorias da assimetria e/ou da simetria

Observaram-se, na entrevista radiojornalística, as categorias textuais e conversacionais teorizadas a seguir, e é possível que as referidas categorias – paralelismos sintático e semântico, paráfrase, repetição e operadores modais – suscitem/fomentem o aparecimento da assimetria e/ou da simetria.

3.1.1 Paralelismos sintático e semântico

Os textos não são formados por um aglomerado de frases ou por um amontoado de palavras. Esses gêneros são construções textuais constituídas por encadeamentos morfológicos, sintáticos e semânticos, dotados de complexidade, isto é, são ou (devem ser) formados por sequências ordenadas e/ou coordenadas (repetidores) que permitem a compreensão textual. Isso se dá, porque a língua é “uma atividade interativa, social e mental que estrutura nosso conhecimento e permite que nosso conhecimento seja estruturado”. (MARCUSCHI, 2008, p.65).

Partindo do caráter interacional da oralidade, orientada para a articulação de tópicos ou subtópicos da interação, convém dizer que não se pode abdicar de recursos de encadeamento dos tópicos nos textos orais (ANTUNES, 2003), pois o uso de recursos reiterativos ou de conectores, dentro de suas especificidades, contribui para manter as unidades temática e semântica do texto falado, inclusive os paralelismos sintático e semântico.

Desse modo, o texto, que se divide em blocos menores (parágrafos, períodos, frases, orações), sendo “forma específica de manifestação da linguagem” (FÁVERO, KOCH, 2002, p.11), isto é, evento comunicativo das práticas linguísticas, deve ser organizado sintática e semanticamente, por intermédio de uma grande modalidade de coesão textual¹⁵, denominada por Koch (2010a) de coesão sequencial ou sequenciação textual. Os fatores de coesão sequencial (paralelismos) que conectam os elementos linguístico-textuais “dão conta da estruturação da sequência superficial do texto; não são simplesmente princípios sintáticos e sim uma espécie de semântica da sintaxe textual, onde se analisa como as pessoas usam os padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos”. (MARCUSCHI, 2012, p.50).

A coesão sequencial constitui um princípio de construção textual do sentido, a fim de interligar ou interconectar elementos linguísticos no texto. A sequenciação

[...] diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir. (KOCH, 2004, p.39).

Dentre os aspectos que norteiam a progressão do texto, estão os paralelismos sintático e semântico, usados para fins pragmático-linguísticos. Funcionam como sequências que se equivalem, assemelham-se e se coordenam, emprestando clareza, transparência e objetividade à linguagem.

Na propriedade de coesão textual, esses recursos coesivos auxiliam na promoção das continuidades semântica e temática, resultando em textos bem articulados, em que a compreensão, cooperação e negociação tornam possível a interação, possibilitando aos interactantes atingir seus propósitos nos torneios verbais.

Segundo Lier-DeVitto (2006, p.82, *apud* CALIL, 2010, p.541), o paralelismo “remete à repetição e, portanto, ao retorno de um mesmo, porque é, por definição, um ‘sistema de correspondências’, de ordenações de construções sintáticas, de combinações sonoras, de esquemas prosódicos”. Essa correspondência entre itens lexicais diferentes de mesma estrutura sintática, que caracteriza o paralelismo sintático, pode vir acompanhada de combinações sonoras e esquemas prosódicos, fenômeno que Koch, Elias (2011) denominam paralelismo rítmico ou similitudência.

¹⁵ Neste trabalho, a coesão sequencial tem ênfase por apontar para a categoria do paralelismo, da paráfrase, da repetição, além de outras.

As continuidades semântica e temática dão-se, dentre outras formas, por meio da reiteração, relação semântico-textual que retoma segmentos prévios do texto ou antecipa segmentos seguintes. Esse movimento reiterativo ocorre a partir de um procedimento de coesão do texto, chamado de repetição que consiste no mecanismo de retomar um segmento textual anterior e manter algum elemento da forma ou do conteúdo (ANTUNES, 2005).

É nesse contexto em que se inserem o paralelismo sintático e o semântico, funcionando como sequências lineares, de ordens sintática e semântica no exercício da linguagem. Esses recursos de repetição são facilitadores das atividades interativas e da intercompreensão, por sua natureza sociocognitiva, considerando: “[...] toda interação verbal – em textos falados e escritos – resulta de uma rede de conhecimentos, de relações e de intenções que partilhamos com os outros e é um processo que se constitui na atividade social em que estamos mergulhados”. (ANTUNES, 2005, p.58).

O paralelismo, enquanto encadeamento sintático e estilístico de segmentos do texto, funciona como recurso linguístico-discursivo que compõe o estilo e a coesão textuais, efetivados por elementos morfológicos, sintáticos e semânticos no plano oral e no escrito. A fim de estabelecer a simetria sintática das estruturas linguísticas e promover o bom funcionamento linguístico-discursivo dos segmentos textuais, os enunciados podem se ligar harmoniosamente e as estruturas paralelísticas podem se materializar por intermédio de expressões correlativas.

Segundo Antunes (2005), elas podem ser: não só... mas também, não somente... como também, não apenas... mas ainda, (não) tanto... quanto, quanto mais (menos)... mais (menos), seja... seja, quer... quer, ora... ora, ou... ou, por um lado... por outro lado, nem... nem, não... e não, um e outro, um ou outro, nem um... nem outro; expressões nominais e estruturas gramaticais equivalentes; complementos ou adjuntos de um mesmo termo; tempos verbais; orações coordenadas e subordinadas; expressões explicativas vistas sob o âmbito gramatical como isto é, ou seja, quer dizer, vale dizer, em outras palavras, em outros termos, em suma, em síntese (sintetizando), em resumo (resumindo).

Assim, o paralelismo sintático refere-se à correspondência sintática de termos em frases ou orações, ou seja, palavras ou expressões apresentam-se em um dado contexto com estrutura idêntica, do ponto de vista sintático, como observado no exemplo 7:

L1 gente... olha tô recebendo aqui no estúdio o:: TF... né? que é estudante e escritor e também a PN que é coordenadora da biblioteca da instituição e a gente vai falar um pouco sobre essa obra um gesto de amor que é uma obra inédita... né? e eu achei que o meu produtor F ele não é um leitor ele é um devorador de livros né? ele adora né? e ele disse olha O é um bate-papo uma obra muito interessante né? vai ser um papo muito legal porque eu também sou um cara que gosta muito de ler... e a gente vai falar um pouquinho sobre essa obra falar um pouquinho também sobre a biblioteca da instituição... rapaz uma carência tão grande que nós temos de bons espaços... pra que as pessoas possam né? ter uma boa leitura ou encontrar boas obras... tem muita gente que sequer conhece o espaço né? e a gente vai poder também falar sobre esse assunto... deixe eu cumprimentar aqui o T... tudo bom T... prazer recebê-lo aqui nos estúdios. (Exemplo 7 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

É possível verificar a recorrência de estruturas no exemplo 7, em que a progressão textual é construída por itens lexicais diferentes, mas de mesma estrutura sintática. Nesse fragmento, L1 inicia seu turno, situando os espectadores dos tópicos (assuntos) que serão tratados ao longo da entrevista, isto é, da obra escrita (romance) por um aluno de um IES, estimulado a partir da leitura de obras do projeto Biblioteca Y, e do referido projeto.

A similaridade de estruturas sintáticas ocorre quando L1 faz uso dos sintagmas oracionais “que é estudante e escritor” e “que é coordenadora da biblioteca da instituição”, nos quais se encontram as expressões nominais equivalentes “estudante” e “escritor” e sintagmas adjetivais “da biblioteca da instituição” referentes ao termo coordenadora.

A equivalência sintática dá-se também por meio dos sintagmas oracionais a seguir: “e a gente vai falar um pouquinho sobre essa obra falar um pouquinho também sobre a biblioteca da instituição [...] e a gente vai poder também falar sobre esse assunto”; ocorre também por intermédio dos sintagmas verbais em: “ele adora né? e ele disse”; e das expressões correlatas em: ele não é um leitor ele é um devorador de livros.

O paralelismo semântico é observado quando L1 diz que conversará sobre a biblioteca da instituição e ressalta a carência de bons espaços como este da biblioteca volante, bem como a importância daqueles para proceder a boas leituras e encontrar boas obras. Essa equivalência semântica é construída também, quando L1 diz que conversará sobre a obra “Um gesto de amor”, destacando seu ineditismo e, em seguida, comenta que o produtor do estúdio radiojornalístico acredita ser um bate-papo apreciável, por ser uma obra “muito interessante”. No entanto, o

paralelismo semântico é quebrado quando L1 diz que o produtor do estúdio radiojornalístico “não é um leitor, ele é um devorador de livros” e utiliza a linguagem conotativa (figurada), para dar efeito de ênfase e frisar que o referido produtor lê demasiadamente, o que causa estranhamento.

Quanto ao paralelismo semântico, refere-se à simetria de construção no nível semântico, isto é, no plano das ideias, associadas, lógica e argumentativamente, reforçando o caráter persuasivo do texto oral e/ou escrito e garantindo a coerência entre as ideias/informações articuladas pelos interactantes.

O paralelismo semântico diz respeito à coerência entre as ideias, por intermédio de uma sequência de termos articulados e passíveis de sentido. Em outros termos, as ideias se equivalem semanticamente. Também chamado de sequência linear, o paralelismo explica-se pela similaridade entre as estruturas, do ponto de vista sintático e semântico, apresentadas/utilizadas repetidamente nas estruturas enunciativas (ANTUNES, 2005).

É possível construir o paralelismo semântico por meio de uma sequência de turnos conversacionais, a fim de fazer a interação progredir semântica e tematicamente, quando L1 e L2 conversam sobre as primeiras experiências e o primeiro livro de L2, discorrendo sobre a pouca idade com que determinados escritores começam a produzir, comparando L2 a um escritor da literatura americana e ressaltando a importância de haver uma preparação, um amadurecimento, tanto no campo das ideias quanto na produção/edição do livro em si, o que é verificado no exemplo 8.

L1 esse não é o primeiro livro?	
L2 não... o primeiro livro mesmo eu fiz... mas não	
	[
L1	não publicou... apenas fez
L2 não	
L1 qual era o livro?	
L2 tem título e tudo... é <u>recomeçar</u> o nome dele	
L1 <u>recomeçar</u>	
L2 é	
L1 por que você não teve interesse de lançar? Foi por dificuldade mesmo?	
	[
L2	eu ia precisar melhorar bastante... eu
tinha uns quinze anos na época então... foi logo no início mesmo... muito:... vai pisar ser	
lapidado bastante	
L1 [...] eu tava vendo uma matéria sobre um escritor americano... meu deus... que coisa	
triste eu não lembrar o nome dele... é recente... de que ele começou muito novo assim	
com catorze... quinze anos... agora ele tinha um potencial muito grande... começou a	
despertar o interesse... né? de algumas pessoas e ele é considerado uma das pessoas	
mais misteriosas da literatura americana... [...] é óbvio que ninguém vai esperar que um	

garoto de catorze quinze anos sente e e e:: primeiro né? tem que passar por uma revisão... tem que passar por uma edição e com certeza é um primeiro passo... e aí veio o segundo livro né? que você já escreveu com que idade T? você é muito jovem né? você tem quantos? (Exemplo 8 – Fonte: *Corpus* da pesquisa).

A similaridade ou não similaridade de estruturas paralelas depende da disposição dos elementos sintáticos, semânticos, morfológicos, lexicais e discursivos no texto. Convém registrar as áreas a que pertencem os elementos citados anteriormente: a Sintaxe, Morfologia, Semântica e a Lexicologia que compõem a chamada *Microlinguística* (WEEDWOOD, 2002) e frisar que os componentes dessas áreas, os sintáticos, semânticos, morfológicos, lexicais e discursivos estão em sincronia no texto e possibilitam a análise de aspectos da língua/linguagem, razão por que as áreas que formam a *Microlinguística* imbricam-se e são referenciadas neste trabalho.

Na Sintaxe, observam-se as diversas maneiras como as palavras estão dispostas nas frases. Essas estruturas sintáticas maiores (frases, orações, períodos) podem ocorrer não só no discurso escrito, mas também no discurso oral, o que é ratificado pela proposta e pelo foco deste trabalho, direcionado para um gênero oral.

Na Morfologia, encontram-se os operadores lógicos e argumentativos, também conhecidos como articuladores textuais ou marcadores discursivos, que são representados pelas conjunções, preposições, advérbios e por palavras que não se enquadram nas classes de palavras, mas compõem a estrutura gramatical das frases.

Na Semântica, verifica-se a equivalência de sentido e a continuidade de sentidos no texto, as quais se dão pelo uso adequado desses marcadores, pela escolha eficaz dos componentes lexicais de uma língua, com base no campo lexical a que esses componentes pertencem e, conseqüentemente, pela boa articulação de ideias ou pela eficácia no entrelaçamento das informações no texto.

Quando as simetrias de construção não se estabelecem nas construções textuais (frases, orações, períodos), isto é, quando não há similaridade entre os segmentos, diz-se que houve a quebra de paralelismo que pode comprometer a ordem sintática e/ou semântica dos enunciados ou até mesmo do texto como um todo, tornando esses enunciados “[...] menos aceitáveis do ponto de vista sintático e estilístico”. (ANTUNES, 2005, p.64). A quebra das simetrias sintática e semântica aparece no exemplo 9:

[...] e o T o T é um diferencial entre os jovens né? porque a gente sabe da dificuldade do jovem de entender a leitura como:: um momento de prazer né? a gente as pessoas associa muito a leitura com o estudo... nunca como entretenimento que a pessoa pode se divertir lendo conhecendo novos espaços novos lugares através da leitura... então o T já tem né? o Biblioteca Y foi mais um canal... mas ele já tinha esse gosto esse amor pela literatura e:: a gente quando percebe o incentivo o gosto que a pessoa tem de tá pegando o livro sempre que a biblioteca tá lá no bairro... essas pessoas são bem diferenciadas né? elas vão levam o livro emprestado... devolvem na data certa... pega novamente e aí a gente começa a conversar... tem um laço de com o/ um estreitamento de amizade com o público e aí a gente vai percebendo e vai incentivando né? na necessidade como ele falou na época a Mônica que era a pessoa que tava no caminhão e sempre incentivou que ele levasse porque pela inexperiência pela idade pouca ele ficou com medo de levar um não né? e desestimular pra ele escrever... e aí você vê que a obra dele é tão que ele mandou pra cinco editoras e as cinco quiseram publicar o livro dele né? (Exemplo 9 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

Nesse exemplo, observa-se, inicialmente a ausência dos paralelismos sintático e semântico, por L3 não estabelecer a equivalência semântica dos sintagmas oracionais *a gente quando percebe o incentivo o gosto que a pessoa tem de tá pegando o livro sempre que a biblioteca tá lá no bairro... essas pessoas são bem diferenciadas né?*, além de não aparecer, de maneira estruturada, esses sintagmas oracionais, inclusive em relação à mudança dos tempos verbais no discurso.

Essa não recorrência das estruturas sintática e semântica pode ser vista também em: “na necessidade como ele falou na época a Mônica que era a pessoa que *tava* no caminhão e sempre *incentivou* que ele levasse *porque pela inexperiência pela idade pouca ele ficou com medo de levar um não né? e desestimular pra ele escrever... e aí você vê que a obra dele é tão que ele mandou pra cinco editoras e as cinco quiseram publicar o livro dele né?*”, devido ao uso de tempos verbais não equivalentes, à falta de vínculos sintáticos e semânticos entre as orações, por ocasião do uso do operador argumentativo “porque” que, segundo o contexto, não estabelece relação explicativa. Portanto, as estruturas aparecem sem articulação, como averiguado, agora, o exemplo 10:

L3 com certeza... é a grande preocupação que a gente enquanto profissional de biblioteca que eu sou bibliotecária de ver... é pra que as pessoas entendam... os educadores principalmente as escolas que as pessoas associam um projeto muitas vezes ao lado financeiro... ah eu não fiz porque eu ia gastar muito... mas só de você ter na sua escola aquele espaço nem que seja pequeno adaptado... pra que a criança desde a infância já visite esse espaço com um momento de leitura... essa criança vai crescer diferenciada... porque a gente vê a dificuldade que as pessoas tem de entender esse espaço... é como eu falei... como pensa não... livro é caro de fato livro é caro realmente é... mas tem vários projetos por aí... não só da instituição né? que que tem

aquele itaú que que você manda... éh cadastra seu e-mail e recebe... são obras pequenas mas já você recebe gratuitamente. (Exemplo 10 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

O momento de fala de L3, nesse exemplo, é intermediado por períodos truncados, cujas simetrias sintática e semântica não se evidenciam, por não haver uma correlação lógica e argumentativa entre a maioria dos enunciados como em “éh a grande preocupação que a gente enquanto profissional de biblioteca que eu sou bibliotecária de ver...”, pela ausência de sintagma verbal que complete o sentido de outro sintagma verbal em “é pra que as pessoas entendam... os educadores principalmente as escolas que as pessoas associam um projeto muitas vezes ao lado financeiro...”, pela falta de equivalência sintática, ao usar o operador argumentativo bímembre “não só” que no fragmento não aparece correlacionado à segunda parte “mas também”.

A dissimetria semântica pode se constituir, notadamente, um recurso literário de efeito estilístico e de aceitabilidade significativos na prosa e na poesia. Essa falta de equivalência semântica ocorre de maneira intencional, nas linguagens publicitária e literária, seja pelo caráter expressivo, seja pelo caráter enfático/irônico da não simetria das estruturas linguísticas (ANTUNES, 2005).

A quebra do paralelismo sintático e do semântico também pode ocorrer no texto involuntariamente, quando o falante não possui o conhecimento ou o cuidado necessário na produção de seus enunciados. Ou ainda, quando ideias e/ou expressões linguísticas não são reativadas e bloqueia a compreensão do texto. Conforme Santos (2013, p.106):

A falta de sentido acontece se, na reativação, for dada uma forma linguística que não corresponda a remissões do mundo discursivo em que os produtores textuais estejam inseridos, o que vai bloquear o sentido na interação discursiva. Igualmente a isso, a falta de sentido acontece quando o produtor de texto não utiliza as mesmas estruturas sintáticas com itens lexicais diferentes (paralelismo sintático e semântico), o que pode provocar uma ruptura nas suas ideias, dificultando novamente a apreensão do sentido textual.

Dessa maneira, verifica-se que os paralelismos sintático e semântico são importantes mecanismos de repetição, os quais se estabelecem no processo de coesão sequencial, contribuindo para a construção e progressão do sentido no texto. Observa-se, também, que, embora haja a quebra do paralelismo, o discurso tende a permanecer assimétrico.

3.1.2 A paráfrase linguística

Para que a interação seja bem-sucedida no processo conversacional, é necessário também que os enunciados produzidos por eles sejam linguisticamente compreensíveis. Dessa forma, é possível garantir a intercompreensão, o reconhecimento das intenções comunicativas reciprocamente e o desdobramento de atividades argumentativas, por parte dos interactantes, considerando o deslocamento de sentidos ao longo dos momentos interativos. Para Hilgert (1993, p.107, **negritos do autor**):

Construir linguisticamente o enunciado ou, em sentido mais amplo, o texto, significa dar **forma** e organização lingüística a um conteúdo, a uma idéia, enfim, a uma intenção comunicativa, o que permite dizer que, na construção lingüística do enunciado, desenvolvem-se **atividades de formulação** (*sic*).

Isso implica dizer que a formulação e o planejamento textual ocorrem simultaneamente, pois “[...] construir o texto falado é desenvolver-lhe o planejamento, na medida em que evolui o processo de formulação”. (HILGERT, 1993, p.107). Os interactantes constroem suas intenções comunicativas e planejam suas atividades comunicativas na e pela formulação, resultando a tessitura e a caracterização do texto conversacional a partir de processos formulativo-interacionais¹⁶.

O texto falado pode ser marcado por descontinuidades e problemas no fluxo formulativo dos enunciados, marcados por hesitações, interrupções no percurso informacional de turnos, na seleção/recorrência de termos para reapresentar um conteúdo semântico, entre outros fenômenos. A paráfrase apresenta-se, nesse contexto, com vistas a ajustar, reformular, desenvolver, sintetizar ou precisar (KOCH, ELIAS, 2011) mais significativamente o conteúdo semântico do enunciado reformulado, de modo que se mantenha equivalência semântica entre os dois enunciados (enunciado de origem e o enunciado reformulador) e a relação parafrástica se efetive.

A paráfrase constitui uma atividade linguística de reestruturação do texto escrito e/ou falado, contribuindo para a compreensão textual e para o uso efetivo das capacidades cognitiva, gramatical, comunicativa, linguística, textual, referencial.

¹⁶ Para maior aprofundamento sobre características e processos formulativo-interacionais da conversação, ver FÁVERO, Leonor Lopes et al. Interação em diferentes contextos. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). *Linguística de texto e Análise da Conversação*: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.

Por intermédio dessa atividade linguística de ressignificação textual, de estruturação do discurso, interpretam-se e explicam-se as ideias, os conteúdos de um texto, atribuindo-lhe mais clareza e tornando-o mais compreensível quanto ao sentido, promovendo, assim, a continuidade textual.

Tomando por base esse breve conceito, convém salientar uma série de caracterizações que contribuem para definir a paráfrase linguística. Segundo Fuchs (1985), a paráfrase é considerada um dado imediato da consciência linguística dos falantes e produto das construções teóricas dos linguistas, pois o domínio de uma língua implica produzir e identificar termos, orações, períodos, parágrafos e blocos supraparagráficos com equivalência semântica e sintática. Além disso, enquanto produto das construções teóricas, é possível teorizar acerca dessa categoria, de acordo com a sua natureza e a sua tipologia.

A mesma autora ainda nomeia a paráfrase como uma atividade de linguagem dos sujeitos (dos falantes/usuários de uma língua), a qual auxilia na interpretação e reformulação de enunciados ou textos, contínua ou progressivamente, favorecendo a compreensão destes. Considera também o mecanismo parafrástico a partir de uma relação entre um enunciado ou texto-fonte¹⁷ e sua (s) reformulação (ões) efetiva (s) numa situação dada e de uma relação entre todos os enunciados equivalentes na língua. Assim, o enunciado de origem¹⁸ e o enunciado reformulador¹⁹ inter-relacionam-se e favorecem o diálogo/imbricamento e, conseqüentemente, o entendimento entre as demais partes do texto.

Conforme Fuchs (1985), a paráfrase linguística pode ser vista ainda sob três perspectivas: a paráfrase como equivalência formal entre frases, a paráfrase como sinonímia de frases e a paráfrase como reformulação.

A primeira (equivalência formal entre frases) segue uma perspectiva da lógica, em consonância com a Linguística formal, e diz respeito ao valor de verdade entre duas proposições/frases equivalentes. Desse modo, os linguistas formais refletem essa perspectiva em relação à paráfrase, considerando que duas paráfrases são formalmente equivalentes quando possuem algum aspecto convergente ou relações gramaticais profundas, seja do ponto de vista sintático, seja do ponto de vista semântico.

¹⁷ As nomenclaturas *texto-fonte* e *texto-base* são equivalentes.

¹⁸ O enunciado de origem também será chamado, neste texto, de enunciado matriz ou enunciado reformulado.

¹⁹ O enunciado reformulador refere-se à paráfrase propriamente dita.

É importante medir essa equivalência, porque a diversidade de construções sintáticas pode interferir não apenas na unidade sintática, mas ainda na unidade semântica das proposições equivalentes. Assim, sintática e/ou semanticamente a primeira proposição pode não ter equivalência com a segunda.

A paráfrase, como sinonímia lexical, permite que conceptualizações diversas e pontos de vista distintos sejam dados a respeito de um mesmo referente, o que se pode chamar de diferenças semânticas secundárias, em decorrência da variação de significados do referente comum; quando esse referente se estabiliza, as palavras ou frases apresentam núcleos semânticos comuns. É o que ocorre com as palavras livro e obra neste exemplo, apontadas para o mesmo referente: “L1 T vamo falar um pouquinho sobre essa obra... é a sua segunda obra... a primeira publicada né? primeiro sobre o quê fala o livro T?”. (Exemplo 11 – Fonte: *Corpus* da pesquisa).

Há situações em que as palavras não pertencem ao mesmo campo semântico, embora mantenham entre si relações de semelhança, de significação aproximada em determinados contextos. Isso acontece quando a relação de sinonímia ocorre entre palavras que não são dadas como sinônimas, assim se tornam no jogo discursivo, no acordo entre interactantes (RIBEIRO, 2001).

No exemplo 12 a seguir, em que L1 faz referência à data de realização de um simpósio e utiliza as palavras “projeto” e “simpósio” indiferentemente, tornando-as sinônimas. O exemplo exhibe: “L1 tá bom então... obrigado pela participação de vocês... tá aí lembrando que:: esse **projeto** o semina/ o **simpósio projeto** inclusã/não... desafios e conquistas tá? **projeto** inclusão desafios e conquistas vai acontecer de sete a nove de agosto... aGOra tá? [...]”. (Exemplo 12 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

A paráfrase como reformulação implica reconstruir, reformular a significação de um texto-fonte ou reiterar um discurso prévio em outro ponto do texto falado ou escrito. Fuchs (1985) apresenta as seguintes abordagens da paráfrase a partir dessa terceira perspectiva. Inicialmente, a reformulação parafrástica é produto/resultado de uma interpretação prévia do texto-fonte, a qual varia segundo os interactantes do discurso e o momento interativo. Depois, consiste em reconhecer a significação do texto-fonte, a qual é reconstruída por um novo texto. Finalmente, é caracterizada pelo uso da metalinguagem no texto falado ou escrito, explicitando movimentos reformuladores na linguagem.

Segundo Koch (2002a), a reformulação consiste numa estratégia de processamento do texto falado, a qual se realiza por intermédio de paráfrases, repetições e correções e possui uma função retórica, cujo intuito é o de fortalecer ou reforçar a argumentação ou, ainda, facilitar a compreensão, e outra função saneadora, cujo propósito é o de resolver/solucionar problemas ou dificuldades de ordem lexical, sintática, prosódica, de organização textual ou conversacional (BARROS, 1993), de um segmento já materializado do discurso.

Possivelmente, a concepção de Antunes (2005) em nível de paráfrase linguística sintetize as três abordagens apresentadas anteriormente, ao definir a atividade parafrástica como um princípio de reformulação textual ou mesmo de formulação linguística.

A paráfrase acontece sempre que recorremos ao procedimento de *voltar a dizer o que já foi dito antes*, porém, com outras palavras, como se quiséssemos traduzir o enunciado, ou explicá-lo melhor, para deixar o conteúdo mais transparente, sem perder, no entanto, sua originalidade conceitual. A paráfrase é, portanto, uma operação de reformulação, de dizer o mesmo de outro jeito. (ANTUNES, 2005, p.62, itálicos da autora).

Essa nova formulação linguística de construção do enunciado também se caracteriza como um recurso de coesão textual, por atribuir um novo sentido ao texto-fonte, ao enunciado de origem, explicando ou explicitando ideias, conteúdos, ligando segmentos textuais por intermédio das seguintes expressões, também chamadas de marcadores de reformulação parafrástica: *em outras palavras, em outros termos, isto é, ou seja, quer dizer, em resumo, em suma, em síntese*. Assim, a paráfrase é um mecanismo de reelaboração do discurso falado ou escrito. O uso desses marcadores ocorre no exemplo 13 a seguir:

L2 [...] e aí o pessoal faz assim uma certa... confusão entre um e outro medicamento... primeiro de que tudo eu gostaria de dizer ao pessoal o seguinte... o medicaMEN-TO... éh:: o pessoal confunde muitas coisas... remédio com medicamento... todo medicamento é um remédio... mas nem todo remédio é um medicamento... **ou seja**... se:: eu você tá com uma dor e eu le dou uma massagem... se eu faço uma massagem e passa essa dor... isso aí é medicamento mas não é medicamento... certo? se eu boto uma compressa... de água fria na testa de uma pessoa para diminuir a febre e baixa essa febre éh::... isso aí é um remédio mas não é medicamento... [...]. (Exemplo 13 – Fonte: corpus da pesquisa).

Nesse exemplo, L2 utiliza o marcador parafrástico “ou seja” para explicar a assertiva que diz: “nem todo remédio é um medicamento”, facilitando o processo de intercompreensão por parte de L1 e dos espectadores.

Dessa maneira, a fim de resolver problemas de compreensão entre os falantes no processo de reformulação textual, os interactantes utilizam atividades de composição textual, também chamadas linguístico-cognitivas, como: corrigir, precisar, parafrasear, repetir, resumir, para formular um novo texto (HILGERT, 1989). Além das atividades citadas, os atos de argumentar, persuadir, ensinar/orientar, também constituem procedimentos utilizados pelo locutor no fazer textual para conduzir o seu interlocutor às conclusões pretendidas, a fim de que este concorde com o ponto de vista daquele que fala, conforme os referidos exemplos apontam.

L2 bom dia... bom dia a todos os ouvintes... éh:: eu gostaria de dizer o seguinte éh existe muita falácia sobre:: **medicamento de marca** que é o **medicamento de referência**... que pode ser esse **medicamento de referência** pode ser o **medicamento de marca** e o **medicamento manipulado**... entendeu? [...]. (Exemplo 14 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

Destacam-se, nesse exemplo, as nomenclaturas mencionadas por L2 para denominar o mesmo tipo de medicamento e fazer com que L1 e os espectadores saibam definir o medicamento de referência e compreendam, ao final do seu discurso, as diferenças entre medicamento de referência, genérico e similar.

Conforme Galembeck (1993), do ponto de vista da operacionalização, as relações parafrásticas podem ocorrer a partir de autoparáfrases – um dos interactantes parafraseia o seu próprio enunciado – e heteroparáfrases – um interactante parafraseia o enunciado de seu parceiro na interação. Desdobram-se em autoiniciadas – quando o mesmo interactante parafraseia o seu enunciado, por iniciativa própria ou do outro – heteroiniciadas – quando um interactante parafraseia o enunciado do parceiro a partir da própria iniciativa ou da iniciativa do outro.

Do ponto de vista semântico e, ainda, sintático-lexical, as paráfrases podem ser expansivas, quando o deslocamento de sentido ocorre do geral para o específico, na passagem do enunciado reformulado para o enunciado reformulador; redutoras, quando o deslocamento de sentido ocorre do específico para o geral, formando uma condensação sintático-lexical; e paralelas, quando a textualização

das paráfrases ocorre com a dimensão sintática dos enunciados reformulados (GALEMBECK, 1993).

Além da paráfrase, a repetição e a correção também se constituem atividades de reformulação textual e apresentam pontos de aproximação e distanciamento, quanto aos seus papéis no jogo discursivo. Essas atividades reformuladoras (repetição, paráfrase e correção) do texto apresentam como ponto comum um enunciado reformulador (ER) e um enunciado de origem (EO) (HILGERT, 1993).

O que distingue a paráfrase da correção são as diferenças de ordem sintática, fonética, lexical ou prosódica em relação ao enunciado de origem. Dessa forma, a correção é um procedimento reformulador que visa reelaborar o discurso falado e/ou escrito para retificar alguma escolha do falante em nível sintático, lexical, prosódico, textual ou conversacional (BARROS, 1993), o que acarretaria um contraste semântico, por anular, total ou parcialmente, o enunciado de origem.

Há de se considerar também que, no discurso escrito, existe a possibilidade de apagamento dos erros. No discurso falado, a elaboração e produção dos enunciados ocorrem mutuamente no tempo; a correção, nesse caso, dá-se imediatamente após a fala. Em síntese, na paráfrase, a relação entre enunciado reformulado e enunciado reformulador é de equivalência semântica e, na correção, a relação é de contraste semântico.

3.1.2.1 Os mecanismos parafrásticos

Ribeiro (2001) apresenta uma tipologia para reflexão linguística em matéria de paráfrase, propondo-se comprovar que os mecanismos parafrásticos não só configuram movimentos de retomada na constituição de sentidos, como também desempenham funções argumentativas, retóricas e didáticas na organização de textos escritos e orais. Tais mecanismos contribuem para a estruturação do discurso, sendo representados pelas paráfrases denominadas modalizadora, intensificadora ou enfática, gradativa, referenciadora, explicativa, explicitadora e exemplificadora.

3.1.2.2 Paráfrase modalizadora

A paráfrase modalizadora constitui um mecanismo parafrástico, por meio do qual o locutor manifesta intenções, sentimentos, atitudes mediados por operadores

modais (modos de lexicalização) numa atividade discursiva. Koch (2002b) apresenta os modos de lexicalização das modalidades (atos ilocutórios), os quais materializam tal paráfrase, quais sejam: os performativos explícitos, auxiliares modais, predicados cristalizados, advérbios modalizadores, as formas verbais perifrásticas, os modos e alguns tempos verbais, verbos de atitude proposicional, a entonação e os operadores argumentativos.

A paráfrase modalizadora materializa-se no exemplo a seguir. Nele, os interactantes falam sobre a qualidade do livro recém-lançado, por ocasião da entrevista realizada.

<p>L1 não... com certeza... e olha eu não tô eu não li o livro né?... pela história deve ser uma história fascinante... mas tá muito bem feito tá muito bonito o livro né? a escolha quem foi que escolheu a capa T? L2 o capista da própria editora criou [L1 criou mandou pra você L2 foi... e eu aprovei... a capa tem todo o significado do livro L1 tem todo o significado... não e realmente tá muito bonito o livro... éh tá tá tá muito bem feito né? tá muito bem escrito... e a próxima obra o que é que você tá pensando já? (Exemplo 15 – Fonte: <i>corpus</i> da pesquisa).</p>
--

É possível averiguar a presença do advérbio modalizador “muito”, também operador argumentativo, que intensifica/modaliza as características atribuídas ao livro (muito bem feito, muito bonito, muito bem escrito); da locução adverbial “com certeza” e do advérbio modalizador “realmente”, os quais ratificam a veracidade das assertivas, tais como: “mas tá **muito** bem feito tá **muito** bonito o livro né?”, “não e realmente tá **muito** bonito o livro”, “éh tá tá tá **muito** bem feito né? tá **muito** bem escrito”; do auxiliar modal, também forma verbal perifrástica, “deve ser” que funciona como um elemento atenuador da assertiva. Todos esses operadores modais que se referem ao livro medeiam a atividade parafrástica no processo interacional.

3.1.2.3 Paráfrase intensificadora ou enfática

Essa paráfrase ocorre quando, ao efetivar o parafraseamento, intensifica-se ou dá-se ênfase a um segmento do enunciado reformulado (enunciado matriz ou de origem), com o exemplo 16:

L1 gente... olha tô recebendo aqui no estúdio o:: TF... né? que é estudante e escritor e também a PN que é coordenadora da biblioteca da instituição e a gente vai falar um pouco sobre **essa obra um gesto de amor que é uma obra inÉdita**... né? e eu achei que o meu produtor F ele não é um leitor ele é um devorador de livros né? ele adora né? e ele disse olha O é um bate-papo uma obra muito interessante né? (Exemplo 16 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

O referido exemplo enfatiza o ineditismo da obra “Um gesto de amor”, escrita por L2. Essa afirmativa é comprovada quando L1 parafraseia o enunciado de origem que destaca a exclusividade da obra apontada.

3.1.2.4 Paráfrase gradativa

Nesse tipo de paráfrase, os enunciados são dispostos numa ordem hierárquica, de forma cadenciada. No exemplo 17, L2 ressalta a importância de o projeto visar à capacitação de profissionais da saúde e da educação, em transferir à família conhecimentos e práticas que mostrem a existência de recursos e possibilidades para o tratamento de pessoas com deficiência e inclusão destas no meio social.

L2 porque a família inicialmente eu acho que o caminho deve ser daqui lá porque a família começar procurar é mais difícil... agora quando a família percebe... principalmente como você diz pra mãe **lá no sítio... lá no interior** que não tem muita **acesso a informação ao conhecimento** e que fica ali restrito então nessas situações é papel dos profissionais né? da área social... da área da saúde... da educação mostrar ali **que existe possibilidade e que existe tratamento e que existem recursos**... trazer... levar essas possibilidades até essas pessoas. (Exemplo 17 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

Verifica-se que L2 organiza os segmentos textuais numa ordem ascendente, o que constitui uma disposição gradual para expandir o sentido nos termos “sítio”, “informação” e “possibilidade”.

3.1.2.5 Paráfrase referenciadora

Nesse tipo de paráfrase, o mecanismo parafrástico resume o enunciado reformulado por intermédio de um elemento anafórico. Todos os argumentos evidenciados no enunciado de origem são encapsulados anaforicamente no enunciado reformulador, com o intuito de sintetizar o enunciado matriz, com o exemplo 18:

L3 o projeto... **ele vai tratar da temática da inclusão** direcionada aos profissionais da saúde e educação... nós vamos trabalhar **essa temática da inclusão**... éh numa perspectiva... que trabalha **a questão da inclusão** não somente como **uma questão pedagógica escolar**... mas **a questão da inclusão**... da criança ou da pessoa com alguma necessidade especial com alguma deficiência... **no meio social**... e nós vamos trabalhar com profissionais diferentes [...] pessoal que trabalha com estimulação precoce' nós vamos ter um filósofo também falando sobre ética e infância e eu como psicóloga... nós vamos estar trabalhando **essas questões** [...]. (Exemplo 18 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

No exemplo mencionado, a atividade parafrástica referenciadora dá-se pelo enunciado reformulador “essa temática da inclusão” e “essas questões” que retomam os segmentos “ele vai tratar da temática da inclusão” e “questão da inclusão pedagógica escolar e no meio social”, respectivamente.

3.1.2.6 Paráfrase explicativa

A explicativa justifica a proposição ou a sequência de proposições do enunciado reformulado, desempenhando o papel de explicação definidora (HILGERT, 1989), explicando e definindo, de maneira precisa e específica, o enunciado matriz. No exemplo a seguir, L2 explica o motivo por que tem preferência por livros de romance, justificando por meio de uma paráfrase em que L2 define ou expande a informação anterior (enunciado de origem).

L2 ah eu gosto... os livros que eu mais gosto de ler são os de romance... **porque é um livro que traz um ensinamento... traz uma mensagem bonita... então... os primeiros livros que eu comecei a ler foram no Biblioteca Y foram os romance**... eu li quase todos os romance da biblioteca volante... então eu já tinha histórias na mente só que eu nunca tive coragem de escrever... foi com o incentivo da bibliotecária que vinha na biblioteca ela disse olhe T escreva... não tenha medo escreva arrisque [...]. (Exemplo 19 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

É possível observar que o locutor explica o significado do termo “livros de romance”, presente no enunciado de origem.

3.1.2.7 Paráfrase explicitadora

A explicitadora tem como objetivo esclarecer/explicitar um termo, uma expressão ou um segmento do texto. No exemplo seguinte, L2 justifica que a operação de desocupação do centro da cidade de Maceió, por parte de vendedores ambulantes tem ocorrido com êxito, pois tanto a comunidade tem se manifestado

satisfeita, quanto os vendedores têm-se conscientizado de que a desobstrução de determinados espaços era necessária.

L2 bom dia O... éh... nesse primeiro momento podemos dizer que estão que tá tendo uma boa aceitação pela comunidade **pela população que tá circulando livremente pelas ruas** que a gente tá mantendo essa revitalização né? e:: o camelô **o ambulante** em si... acredito está se conscientizando... até o presente não tivemos nenhum tipo de de de tumulto que pudesse contestar o que tá sendo feito... [...]. (Exemplo 20 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

L2 esclarece o sentido dos termos “comunidade” e “camelô”, explicitando-os por meio das denominações população e ambulante, respectivamente, em ambos os casos.

3.1.2.8 Paráfrase exemplificadora

Conforme aponta o nome dessa tipologia, o enunciado de origem é explicitado por meio de exemplos, de uma paráfrase exemplificadora que reitera o enunciado matriz.

L2 [...] todo medicamento é um remédio... mas nem todo remédio é um medicamento... ou seja... **se::: eu você tá com uma dor e eu le dou uma massagem... se eu faço uma massagem e passa essa dor... isso aí é remédio** mas não é medicamento... certo? **se eu boto uma compressa... de água fria na testa de uma pessoa para diminuir a febre e baixa essa febre éh:::...** isso aí é um remédio mas não é medicamento... [...]. (Exemplo 21 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

No referido exemplo, a fim de explicar o que vem a ser um remédio, L2 utiliza exemplos práticos, diferenciando-o de medicamento.

3.2 Repetição

As atividades de formulação/reformulação textual, por serem constituídas de funções retóricas, argumentativas ou didáticas, facilitam e asseguram/promovem a compreensão, enfatizam ou intensificam ideias e persuadem os interactantes do discurso (KOCH, 2010b). Nesse contexto, aparecem o paralelismo, a paráfrase, a repetição e a correção, sendo este último procedimento apenas mencionado neste trabalho.

A repetição²⁰ é uma atividade de formulação textual que, entre outras finalidades, estrutura/organiza o discurso e permite que os interactantes reiterem segmentos textuais previamente mencionados, seja uma palavra, uma sequência de palavras, seja um segmento inteiro. Esse recurso de coesão textual ou de reiteração do texto é fundamental para a manutenção das relações interpessoais, continuidade semântica e progressão textual, em contextos/interações mais ou menos formais e informais.

A repetição, enquanto estratégia de formulação textual, ocorre distintamente no texto falado e no escrito, pois, neste, há a possibilidade de apagamentos sucessivos de segmentos textuais recorrentes, de modo que o interactante pode revisar e editar a escrita; naquele, a repetição é inerente ao mecanismo de construção, já que a fala é localmente planejada e as ideias materializam-se ao longo do evento de fala, em que os interactantes colaboram à continuidade do tópico e do sentido, à negociação e à argumentação, motivados por fatores de ordem interacional, cognitiva, textual e sintática.

Seguindo uma perspectiva textual-interativa, Marcuschi (2006) admite que a repetição não é um simples ato tautológico, automático, mecânico ou aleatório, segundo fora dito, mas é uma estratégia de composição do texto e de condução do tópico. Repetir segmentos linguístico-textuais não é manifestar o mesmo conteúdo; consiste em produzir segmentos textuais idênticos ou semelhantes – em níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos ou pragmáticos –, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento de fala. Esses segmentos podem ser itens lexicais, construções suboracionais, construções oracionais, elementos fonológicos e morfológicos.

L1 [...] **a gente vai falar** um pouco sobre essa obra um gesto de amor que é uma obra iNÉdita... né? e **eu** achei que o meu produtor **F ele** não é um leitor **ele** é um devorador de livros né? **ele** adora né? e **ele** disse olha O é um bate-papo uma obra muito interessante né? vai ser um papo muito legal porque **eu** também sou um cara que gosta muito de ler... e **a gente vai falar** um pouquinho sobre essa obra **falar** um pouquinho também sobre a biblioteca da instituição... rapaz uma carência tão grande que nós temos de bons espaços... pra que as pessoas possam né? ter uma boa leitura ou encontrar boas obras... tem muita gente que sequer conhece o espaço né? e **a gente vai poder também falar** sobre esse assunto... deixe eu cumprimentar aqui o T... tudo bom T... prazer recebê-lo aqui nos estúdios [...]. (Exemplo 22 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

²⁰ Em sentido lato, a repetição é um procedimento coesivo por meio do qual “[...] recorreremos à estratégia de voltar a um segmento anterior do texto, mantendo algum elemento da forma ou do conteúdo”. (ANTUNES, 2005, p.60). Em sentido específico, constitui um recurso de repetição também chamado de repetição propriamente dita ou repetição literal.

É possível observar no exemplo 22 que L1 repete o item lexical “eu”, para marcar o seu posicionamento sobre o produtor do estúdio e sua apreciação pela leitura. Em seguida, L1 repete o termo “ele”, enfatizando que as informações que estão sendo elucidadas referem-se ao produtor do estúdio. O entrevistador repete a construção subordinada “a gente vai falar”, para anunciar o tópico discursivo a ser tratado, bem como para comunicar implicitamente que a discussão será construída de modo colaborativo entre entrevistador e entrevistados, por isso o segmento repetido “a gente” expressa coletividade.

Essas estratégias verbais do comunicador, além da função de formulação com enquadramento, a qual reforça uma tese proposta, seja com um sintagma, seja com uma construção subordinada, desempenham a de formulação com expansão, retomando elementos da interação verbal, com continuidade ao fluxo verbal e com o acréscimo de uma informação nova (XAVIER, 2006).

Enquanto forma de organização textual-interativa, em que os interactantes constroem colaborativamente o evento de fala, processam e trocam informações, esse mecanismo reiterativo-coesivo permite que entrevistador e entrevistado interajam e atinjam seus propósitos comunicativos, ao utilizar sequências conversacionais, por ocasião de formas de cumprimento, de agradecimento, de despedida e de elementos de cortesia verbal, dentre outras formas. Conforme Marcuschi (2006, p.219), a repetição

Contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual; favorece a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas. Disso tudo resulta uma textualidade menos densa e maior envolvimento interpessoal, o que torna a repetição essencial nos processos de textualização na língua falada.

Em um dado texto, a repetição não é aleatória. Esse recurso coesivo possibilita a articulação, a conexão e os efeitos semânticos entre os segmentos do texto, marca a intencionalidade dos interactantes em textos de domínios discursivos político, jornalístico, didático/escolar e publicitário – por meio de estratégias retóricas, didáticas intensificadoras ou argumentativas –, intensifica, enfatiza, (re)itera itens lexicais, promove a continuação e progressão textual, permite verificar a importância da repetição na aquisição da linguagem, na socialização linguística e no ensino de línguas.

L1 agora aqui vo/ tem dizendo que você é **estudante** e escritor... você é **estudante** de que T?
 L2 de **química industrial** do:: instituto federal de alagoas
 L1 **química industrial**... né? uma matéria peSA::da... **eu** aliás admiro quem escolhe **química** física... era meu terror quando **eu** era mais novo... não que **eu** não desenrolasse... mas é que **eu** não gosto mesmo né? e de repente você vai né? e escreve um livro que tem tudo a ver com sensibilidade né? **com com com** carinho né? **com** um gesto de amor... como é o título do livro... essa sua outra face né? o **químico industrial** também é uma pessoa que gosta de falar de amor T? (Exemplo 23 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

A repetição dos segmentos no exemplo 23 tem função de interação com ratificação do papel do entrevistado, fazendo com que o entrevistador seja envolvido na interação, indicando atenção à conversação e permitindo a confirmação da posição do entrevistado. Isso pode ser observado na pergunta inicial que L1 faz quando repete o item lexical “estudante” e quando confirma a informação dada pelo entrevistado na resposta, isto é, de que ele é estudante de Química Industrial.

Conforme Santos (2002), a repetição pode ocorrer nos níveis oracional, lexical, locucional, periodológico, bem como em outros níveis, de modo que os interactantes repetem durante a conversação para transferir o turno ou manter-se neste ou para revelar que compreenderam e concordaram com as ideias, o que pode ser verificado a seguir:

L1 [...] mas **começou** como? você **começava** a **escrever** um texto... aí mostrou... aí de repente o pessoal disse olha você tem jeito **escrevendo** [...]
 L2 não... eu **sentava logo** e ia preparar... **sentava logo** e ia digitando... aí **o primeiro livro** mesmo deu quase quinhentas páginas
 L1 esse não é **o primeiro livro**?
 L2 não... **o primeiro livro** mesmo eu fiz... mas não [...]
 L1 não publicou... apenas fez
 L2 não
 L1 qual era o **livro**?
 L2 tem título e tudo... é **recomeçar** o nome dele
 L1 **recomeçar**
 L2 é [...]. (Exemplo 24 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

Assim, a repetição é caracterizada como um mecanismo reformulador, não apenas por apresentar diferenças sintáticas e lexicais, mas ainda fonéticas e prosódicas, no que diz respeito ao enunciado de origem (EO) e o enunciado reformulador (ER), com vistas a facilitar ou resolver problemas de compreensão, enfatizar ou intensificar ideias, persuadir os interactantes e manter as unidades

semântica e tópica/temática (KOCH, 2002a), o que diferencia a repetição das demais atividades reformuladoras.

L2 (...) **a gente** tá mantendo essa revitalização né? (...) **a gente** não tá fazendo de surpresa... **a gente** já vem avisando desde antes da copa do mundo que aconteceu aqui no brasil... então **a gente** vem conscientizando eles... ontem **a gente** divulgou na mídia... **a gente** divulgou através/ entre eles uma panfletagem informando da necessidade da desocupação dessas ruas... então até o presente posso dizer que as/ que a coisa está evoluindo tranquilamente. (Exemplo 25 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

Neste exemplo (25), o movimento reformulador da repetição reside sobre a recorrência no uso do sintagma “a gente”, utilizada repetidamente por L2 (entrevistado), para destacar que as ações realizadas na operação de desocupação do centro da cidade de Maceió ocorreram conjuntamente. Assim, quando usa o referido item lexical “a gente”, além de incluir toda a Superintendência X, as informações presentes no seu discurso tendem a ser aceitas pelo espectador e a persuadi-lo por insistência da repetição.

Em sentido amplo²¹, a sequenciação textual permite a reiteração de formas linguísticas, podendo-se repetir o mesmo item lexical/termo (repetição propriamente dita), o tempo verbal, a estrutura sintática (paralelismo), conteúdos semânticos similares (paráfrase), elementos fonológicos, segmentais e prosódicos, com o objetivo de manter o fio discursivo e revelar o caráter expressivo, argumentativo, explicitador e multifuncional da repetição (KOCH, 2010a; KOCH, ELIAS, 2011).

Em se tratando da recorrência de itens lexicais, ou seja, da repetição de palavras e atribuindo valor significativo, generalizado, incontestável e funcional a esse recurso textual, Antunes (2005, p.71) ressalta: “Sua ocorrência em textos é incontestável, isto é, os textos maiores, orais ou escritos, formais ou informais, normalmente, trazem palavras repetidas, sem que isso lhes afete a qualidade”. O ato de reiterar termos implica estabelecer ligações entre os segmentos textuais que sustentem a continuidade temática e semântica, exigida pela própria coerência, e que façam o texto progredir tematicamente durante a formulação de um determinado texto.

²¹ Conforme mencionado anteriormente, Antunes (2005) aborda os procedimentos de coesão textual, entre os quais insere a repetição que, por sua vez, desdobra-se em três recursos: paráfrase, paralelismo e repetição propriamente dita.

A repetição de uma palavra num texto falado ou escrito pode ser inevitável, pois atribuir sinônimos ou quase sinônimos (quaisquer termos equivalentes) nem sempre é possível, pelo fato de as possibilidades de substituição lexical serem restritas, dado que o contrário pode comprometer o sentido, a clareza e a fluência do texto. Outrossim, a recorrência de termos, isto é, a frequência com que se repete varia de acordo com uma série de fatores: o evento de fala ou o gênero textual, as intenções pretendidas, o tema abordado, a situação discursiva, além de outros aspectos que orientam a produção de sentidos em textos falados e escritos.

A fim de manifestar ideias, estabelecer laços afetivos, preservar as faces, promover a compreensão ou expandir sentidos, as repetições realizam-se de várias formas e possuem funções diversas. No que se refere aos aspectos funcionais, as repetições atuam em diversos âmbitos da formulação textual-interativa, atuando em diversos planos: da coesividade, abarcando-se a coesão sequencial, os amálgamas sintáticos e o enquadramento sintático-discursivo; no da compreensão, fortalecendo-se a intensificação e o esclarecimento de segmentos textuais, bem como as estratégias de transformação de rema em tema (rematização); da organização/continuidade tópica, propiciando a amarração, introdução, reintrodução, delimitação, condução e manutenção do tópico; da argumentatividade, possibilitando a reafirmação, o contraste e a contestação de argumentos; da interatividade, contribuindo à expressão de opinião pessoal, ao monitoramento de tomada de turno, à ratificação do papel de ouvinte e à incorporação de sugestões (MARCUSCHI, 2006).

L1 [...] porque muitas pessoas se sentem extremamente pequenas diante de:... de u:m um grande **plano de saúde** (diz) “eu vou entrar num embate com um **plano de saúde** desse? dificilmente eu vou ganhar” mas existe sim possibilidade de êxito [...] eu me lembro que eu precisei fazer uma **cirurgia**... e ao fazer a **cirurgia** existiam dois tipos de procedimento ou ela aberta ou ela fechada... [...] e quando eu dei entrada no **plano de saúde**... o **plano de saúde** ele negou... né? porque havia uma diferença muito grande de **custos** né? enquanto uma **custava** X a outra **custava** três X era uma **cirurgia** muito mais cara... (Exemplo 26 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

No exemplo 26, o movimento reformulador da repetição reside sobre a recorrência no uso dos itens lexicais “plano de saúde” e “cirurgia”, utilizados repetidamente por L1 (entrevistado), a fim de evidenciar a dificuldade imposta por determinadas empresas de planos de saúde, quando os clientes precisam de

autorização para realizar quaisquer procedimentos cirúrgicos. Embora sejam necessários aos pacientes e solicitados por especialistas, as empresas representantes não os disponibilizam, já que não financiam despesas/custos mais elevados, tendo em vista o plano contratado.

Quanto à funcionalidade, a repetição pode marcar a ênfase que o interactante pretende atribuir a um segmento textual, mesmo que a palavra se repita com outro significado; marcar o contraste/a oposição entre dois segmentos do enunciado, com a intenção de distingui-los; contribuir para que o interactante faça uma correção, explícita ou apenas sugerida, no texto; expressar uma ideia de quantificação; e, principalmente, marcar a continuidade temática do texto, ainda que existam outros recursos textuais de volta ao tema.

É importante observar a situação discursiva em que essa atividade de formulação textual ocorre, o efeito pretendido no contexto e, sobretudo, sua aplicabilidade que requer cuidados, para que a qualidade e o estilo não sejam diminuídos, por ocasião de repetições não funcionais ou inexpressivas textualmente. Desse modo, a repetição acontece em gêneros textuais (falados e escritos), flexível e distintamente, dependendo do propósito discursivo dos interactantes e das funções que esse mecanismo coesivo cumpre (ANTUNES, 2005).

Para Marcuschi (2006) e Koch (2002a), no tocante à produção, os interactantes repetem os segmentos discursivos por intermédio de autorrepetições – quando um interactante produz a repetição em seu turno, o que pode ser visto em “L1 [...] é óbvio que ninguém vai esperar que um garoto de catorze quinze anos sente e e e:: primeiro né? **tem que passar por uma revisão... tem que passar por uma edição** e com certeza é um primeiro passo...[...]” (Exemplo 27 – Fonte: *corpus* da pesquisa) – e de heterorrepetições – quando um dos interactantes repete algum segmento textual da fala do outro, o que ocorre no fragmento “L1 esse não é **o primeiro livro?** L2 não... **o primeiro livro** mesmo eu fiz... mas não”. (Exemplo 28 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

No que diz respeito à distribuição, há repetições adjacentes (contíguas ou próximas) e distantes, segundo as quais os interactantes formulam questões retóricas, repetem seu último segmento discursivo, enfatizam uma palavra importante ou expandem segmentos iniciais. Além disso, as repetições podem ser intencionais, quando há objetivos textuais e/ou interativos específicos, e não intencionais, quando não há finalidade textual ou interativa definida; literais, quando

se repete integralmente o segmento discursivo, e não literais, quando se repete parcialmente; autorrealizadas – o interactante repete por iniciativa própria – e heterocondicionadas – o interactante repete por influência/interferência do outro.

As alorrepetições ou heterorrepetições apresentam múltiplas funções. Dessa maneira, predominam em aberturas e fechamentos da conversação e podem exercer a função de sinais retroalimentadores – facilitando a produção dos turnos dos interactantes – ou de sinais de entrega de turno; ocorrem, ainda, quando os interactantes repetem, total ou parcialmente, o segmento textual do parceiro, para manter-se ou planejar melhor o turno. Ao apresentar dificuldades de seleção vocabular (palavras ou expressões), o interactante repete a palavra sugerida pelo parceiro, incorporando-a ao seu discurso.

No que tange às sequências conversacionais, também chamadas pares adjacentes, sobretudo a díade pergunta-resposta, os interactantes estruturam/organizam seus turnos com base nos turnos anteriores, repetem ou utilizam estratégias de expansão ou reduplicação para demonstrar atenção, interesse, concordância ou deferência. Quando os turnos não se sucedem, a repetição serve como mecanismo de recriação de segmentos textuais, produzidos nesses turnos não sucessivos, ou de produção de humor.

Ao acompanhar elementos não verbais e paraverbais, as repetições podem ridicularizar ou ironizar a fala do outro interactante; quando apresentam entonação interrogativo-exclamativa podem expressar surpresa ou descrença e com acento contrastivo podem representar provocação ou enfrentamento; caso uma assertiva se repita com valor de negação, pode contradizer um segmento discursivo anterior do parceiro; se houver a substituição de uma palavra ou de uma oração, pode ocorrer uma correção de um segmento mencionado previamente.

A repetição no discurso de sala de aula²² materializa-se quando o professor reproduz ou resume a pergunta ou comentário de um aluno. Nesse contexto, repetem-se os segmentos discursivos, visando ao acompanhamento de toda a classe, mesmo que o ato de repetir não implique aprovação ou adesão ao segmento textual repetido. Esse mecanismo utilizado pelo professor pode servir como estratégia de monitoramento da coesão e da coerência do referido discurso.

²² SANTOS, Maria Francisca Oliveira. *A interação em sala de aula*. Recife: Bagaço, 2002.

As autorrepetições referem-se aos segmentos textuais produzidos pelo mesmo interactante, em função de exigências cognitivo-interacionais, seja para orientar o próprio interactante – fazendo-o garantir a posse do turno, ganhar tempo de planejamento ou simplificar/facilitar a tarefa de produção discursiva –, seja para orientar o outro, podendo, ainda, orientar ambos os interactantes, o que pode ser mais bem visualizado no exemplo a seguir:

L2	dezesseis anos... eu ainda tava frequentando a:: Biblioteca... terminei o outro livro há uns três meses... tava muito eufórico
	[
L1	empolgado
L2	empolgado ... passava o dia inteiro no computador digitando... era dois três capítulos... [...]. (Exemplo 29 – Fonte: <i>corpus</i> da pesquisa).

Quando orientadas para o próprio interactante, as repetições aparecem após um falso começo ou como mecanismos que preenchem as pausas num dado momento do turno e ocorrem como uma ponte a uma interrupção; quando orientadas para o outro interactante, as repetições objetivam segmentar o discurso para um melhor processamento, garantir a compreensão, substituir ou reparar a formulação inicial (KOCH, 2002a).

3.3 Modalidade, modalização e operadores modais

No âmbito dos Estudos Conversacionais, há duas categorias de notável importância, nomeadas modalização e modalidade e aplicadas em um contexto interacional, a fim de atender a propósitos sociocomunicativos. Alguns teóricos tratam modalização e modalidade indistintamente, justificando ou não tal iniciativa (SANTOS, 1999). Entendem-se, neste trabalho, modalidade e modalização como categorias diferentes, embora ambas estejam imbricadas, apresentem a interatividade como ponto comum e favoreçam as atividades discursivas.

Os operadores modais entram no estudo das especificidades das modalidades linguísticas, o que faz com que um enunciado seja modalizado/atenuado de maneira a indicar uma ordem, um pedido, um apelo, um rogo e, até mesmo, indicar conhecimento.

Bronckart (1999) emprega os termos modalização e modalidade, em seus estudos, sinonimicamente, não apresentando explicação para tal procedimento, assim como menciona quatro tipos de modalização: lógicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas. Consoante o teórico,

As modalizações têm como finalidade geral traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos **comentários** ou **avaliações** formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático. [...] Portanto, as modalizações pertencem à dimensão *configuracional* do texto, contribuindo para o estabelecimento de sua coerência pragmática ou interativa e orientando o destinatário na *interpretação* de seu conteúdo temático. (ibidem, p.330).

Castilho, Castilho (1993) também utilizam os termos modalização e modalidade indistintamente e dizem que, em relação a essas duas categorias discursivas, o falante avalia previamente o conteúdo proposicional que irá veicular, decorrendo dessa avaliação suas decisões sobre afirmar, negar, interrogar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou a dúvida sobre esse conteúdo etc.

A Gramática Normativa certifica que a sentença se constitui por dois componentes, quais sejam: o proposicional que se configura a partir do sujeito e predicado; e o modal que se refere ao julgamento que o falante faz do conteúdo proposicional (SANTOS, 1999).

Nesse sentido, a modalidade consiste em um falante apresentar o conteúdo proposicional numa forma assertiva, interrogativa e jussiva. A modalização diz respeito à estratégia por meio da qual o falante manifesta seu relacionamento com o conteúdo proposicional, determinando a veracidade deste e expondo seu julgamento acerca da forma elencada para verbalizar o conteúdo. Quanto à modalidade, Santos (1999, p.53) ratifica:

A modalidade aparece nas seguintes formas: a) asserção, que é expressa na frase assertiva, de maneira afirmativa ou negativa; b) interrogação, que se concretiza na frase interrogativa, de caráter afirmativo ou negativo e c) ordem ou desejo, que se expressam por meio de frase imperativa ou optativa, de maneira afirmativa ou negativa.

Modalidade é um termo sinônimo de modo, que se apresenta geralmente ligado ao verbo (SANTOS, 1999). Essa categoria gramatical, segundo Dubois *et alii* (2011, p.415), reflete “o tipo de comunicação instituído pelo falante entre ele e seu interlocutor”. A modalização, por sua vez, diz respeito à atitude do falante com relação aos seus próprios enunciados.

Santos (1999, p.53-4) também define e explica pontualmente o fenômeno discursivo da modalização:

A modalização refere-se à oposição entre a atitude de um falante que assume seus enunciados, e aquela do locutor que não os assume, ou seja, que rejeita seus enunciados de maneira parcial ou total. Em português, o modo indicativo vai indicar que o enunciado é assumido pelo falante. No entanto, o futuro do pretérito nas frases diretas e indiretas e o modo subjuntivo nas frases indiretas vão indicar que os enunciados não são assumidos pelo falante.

As modalidades podem ser denominadas da seguinte forma: epistêmicas, que determinam o caráter de verdade de conteúdos proposicionais e se relacionam ao saber ou às crenças; as deônticas, que se ligam ao dever ou à ordem, ou seja, àquilo que se deve fazer; e as afetivas, que reproduzem ou manifestam as reações de afetuosidade e emotividade do falante, quanto à verbalização do conteúdo proposicional (SANTOS, 1999).

Koch (2002b, 2010b) aborda as modalidades do discurso, sob uma perspectiva da pragmática linguística, e aponta as várias possibilidades ou meios linguísticos de lexicalização de uma mesma modalidade e de diferentes modalidades, expressas por intermédio de um mesmo indicador modal (item lexical). Segundo a autora, as atividades ilocucionárias ou os atos ilocutórios utilizados pelo falante/locutor se apresentam sob a forma de elementos lexicais, chamados de operadores modais: *expressões cristalizadas* do tipo “é + adjetivo”; *certos advérbios* ou *locuções adverbiais* (talvez, provavelmente, certamente, possivelmente etc.); *verbos auxiliares modais* (poder, dever etc.); *construções de auxiliar + infinitivo* [ter de + infinitivo, precisar (necessitar) + infinitivo etc.]; *orações modalizadoras* (tenho a certeza de que..., não há dúvida de que..., há possibilidade de..., todos sabem que... etc.).

Por um lado, Dubois *et alii* (2011, p.415), de forma menos ampla e mais concisa, chamam de modalizadores “os meios pelos quais um falante manifesta o modo como ele considera seu próprio enunciado”. Por outro lado, Koch (2002b, p.136) estende o conceito, definindo os modalizadores como “todos os elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso”.

Neste trabalho, a modalidade e a modalização são categorias diferentes, e os operadores modais funcionam como elementos linguísticos que marcam o discurso e contribuem para que os interactantes expressem o conteúdo proposicional (modalização) a partir de enunciados (modalidade). Dessa maneira, os indicadores modais revelam a posição do locutor no que diz respeito às proposições. Portanto, a modalidade refere-se aos enunciados, às proposições, e a modalização, ao conteúdo proposicional. As pontuações teóricas acerca das idiosincrasias da modalidade, modalização e dos operadores modais tomam por base, entre outros teóricos, Santos (1999).

Castilho, Castilho (1993) salientam que os modalizadores apresentam uma enorme mobilidade na cadeia da fala, por intermédio do mecanismo de modalização que, por sua vez, apresenta uma tipologia – epistêmica, deôntica e afetiva. Tomando por base o estudo dos referidos autores e de Santos (1999), essa tipologia enquadra os modalizadores da seguinte forma: modalizadores epistêmicos, deônticos e afetivos, os quais contribuem para assegurar os valores ilocucionais ou proposicionais.

Os modalizadores epistêmicos avaliam o valor de verdade, bem como as condições de verdade da proposição. Além disso, dividem-se em três tipos, quais sejam: os asseverativos, quase-asseverativos e delimitadores. Os asseverativos indicam que o conteúdo proposicional, expresso pelo falante, tem um efeito de ênfase, seja de maneira afirmativa ou negativa, todavia sem provocar dúvidas. Os quase-asseverativos indicam que o conteúdo dos enunciados verbalizados pelo falante se aproxima da verdade e, por isso, indica uma possibilidade epistêmica. Os delimitadores estabelecem os limites para a veracidade do conteúdo proposicional; estes últimos tornam implícita a categoria interacional da negociação entre os interactantes, fundamental à manutenção do diálogo.

Os modalizadores deônticos indicam que o conteúdo proposicional é tido como obrigatório pelo falante e que as proposições devem ocorrer necessariamente/obrigatoriamente. Os modalizadores afetivos reproduzem ou manifestam as reações de afetuosidade e emotividade do falante, quanto à verbalização do conteúdo proposicional.

Portanto, como se pôde verificar, a modalização opera por meio de advérbios ou locuções adverbiais, de modos verbais (indicativo, subjuntivo), de verbos auxiliares modais, de certas expressões formadas por verbos e/ou adjetivos em

orações principais. Além disso, a modalização implica várias marcas linguísticas ou elementos linguísticos que servem para manifestar as intenções, as opiniões, os sentimentos e as atitudes dos interactantes (entrevistador e entrevistado) numa atividade discursiva.

Uma vez que a entrevista oral radiofônica se materializa na oralidade, como a própria nomenclatura aponta, há o estabelecimento da modalidade, modalização e dos operadores modais no referido gênero textual.

Os operadores modais, de acordo com Koch, Bentes (2008) e Koch (2002b, 2010b), também se materializam em: formas verbais – *futuro do pretérito* (ajudaria, poderia), *imperfeito do indicativo e do subjuntivo* (*chegassem*); verbos modais (*creio/acho/imagino/penso*); fórmulas do tipo “*pode até ser que você tenha razão*”, “*mas eu não creio que seja assim*” etc.; *disclaimers* – *não é que eu queira corrigi-lo, não tenho condições para isso, mas acredito que...*; perguntas diretas e indiretas; enunciados justificativos ou explicativos; pares adjacentes; expressões de cortesia comuns na interação cotidiana – *por favor, por obséquio, por gentileza, muito obrigado* etc.; certos marcadores discursivos, como os introdutores e interruptores de tópico ou marcadores de desvio tópico – *veja bem, eu não conheço bem esse assunto, mas...*; certos torneios verbais – *se não for muito incômodo para você, gostaria que me esclarecesse melhor esse assunto*; recuos estratégicos – *veja bem, não foi bem isso que eu quis dizer* etc.

Esses elementos encontrados no texto falado podem contribuir para marcar as relações de assimetria (poder, controle e dominância), mesmo que ambos os interactantes construam conjuntamente o evento de fala.

4 O GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA ORAL NO RADIOJORNALISMO

A entrevista oral insere-se no estudo dos gêneros textuais, a partir da observação sistemática dos gêneros literários, em Platão, no Ocidente. No entanto, esse estudo firma-se com Aristóteles, que faz surgir uma teoria mais sistemática acerca dos gêneros e da natureza do discurso, cuja visão sobre as estratégias e as estruturas dos gêneros desenvolveu-se significativamente na Idade Média.

Sob a perspectiva sócio-histórica e dialógica/discursiva, os gêneros do discurso, em Bakhtin, Volochinov (2006) e Bakhtin (1997), são tipos relativamente estáveis de enunciados que circulam em diversas esferas da atividade humana. Nesse enfoque enunciativo-discursivo, encontram-se os gêneros primários que possuem características comuns e, em virtude de aspectos relacionados ao conteúdo temático, à estrutura/forma composicional e específica dos textos, a configurações específicas das unidades de linguagem (estilo), à diversidade discursiva, à dimensão textual, ao lugar social da interação e dos interactantes, a finalidades de interação, a propósitos discursivos, fazem surgir os gêneros secundários.

Os chamados gêneros secundários trazem características dos primários, acrescentando àqueles novas características da nova esfera discursiva em que circulam e realizando-se como um novo gênero (COSTA, 2009). Assim, a entrevista oral é um gênero secundário e origina-se da conversação, tomando por base transformações histórico-sociais, critérios linguísticos e diferenciando-se de outros gêneros por suas características individuais (BRONCKART, 1999).

Há várias perspectivas teóricas atuais (etnografia, sociologia, comunicação social, antropologia, retórica e linguística) que utilizam a noção de gênero textual como uma categoria do discurso falado ou escrito, vinculada ou não à literatura, isto é, com ou sem aspirações literárias. Essa diversidade torna o estudo dos gêneros textuais multidisciplinar (MARCUSCHI, 2008).

Conforme Aristóteles (2005), o discurso é composto por três elementos: aquele que fala, aquele ou aquilo sobre o que se fala e aquele a quem se fala, e nele atuam três tipos de ouvinte – o espectador que observa o presente; a assembleia que se volta para o futuro; e o juiz que tem o poder de julgar coisas passadas. Nesse contexto, estão inseridos os três gêneros do discurso definidos pelo referido

teórico, tomando por base o auditório, a finalidade e o contexto (MARCUSCHI, 2008).

O gênero epidíctico (demonstrativo) tem por objetivo elogiar/louvar ou censurar fatos, demarcar a importância e a nobreza do próprio homem, de seus valores, ou ainda, criticar o homem, depreciar suas atitudes, ideias e seus valores. O discurso epidíctico centra-se nos espectadores como auditório e refere-se ao tempo presente.

O gênero deliberativo (político) destina-se às assembleias, com o objetivo de aconselhar ou desaconselhar acerca de questões, fatos, valores, julgando-os úteis ou nocivos/prejudiciais. Dessa forma, os discursos que deliberam, referem-se ao futuro, instigando a tomada de decisões e efetivando projeções baseadas em fatos.

O gênero judiciário tem por finalidade acusar ou defender causas, comportamentos, atos, avaliando-os justos ou injustos, pertinentes ou impertinentes. O tempo verbal do referido gênero é o passado. O discurso judiciário concentra-se nos tribunais (juízes e jurados), nos espaços religiosos (sermões utilizados por chefes religiosos) e em outros contextos em que os auditórios citados esclareçam, qualifiquem ou julguem fatos passados.

Segundo os estudos jornalísticos, a origem da entrevista deu-se em Nova Iorque, por volta de 1836, quando, após a publicação de notícias sobre política e administração, a imprensa norte-americana passou a publicar histórias de interesse humano. O surgimento da entrevista jornalística justifica-se pelo fato de James Gordon Bennet, fundador e editor do jornal *New York Herald*, ter entrevistado Rosina Townsend, proprietária de um prostíbulo, onde ocorrera um assassinato. As matérias publicadas pelo *New York Herald* acerca do fato obtiveram êxito, inclusive por mostrar a inocência da pessoa apontada como criminosa (ERBOLATO, 1991).

Naquele momento, Bennet já ratificava que o sucesso de uma entrevista dependia mais do repórter (entrevistador) que do entrevistado. A boa aceitação das matérias por parte do público é ratificada com a entrevista sobre o assassinato, já que James Gordon Bennet havia trabalhado anteriormente como repórter no *New York Sun*, onde também descrevia ações cotidianas dos habitantes nova-iorquinos, o que conquistou o público e fez o repórter se aprimorar na tarefa.

De acordo com Erbolato (1991), em 1859, surgiu o sistema pingue-pongue de perguntas e respostas (par dialógico) quando o repórter Horage Greeley entrevistou, em Salt Lake City, Brigham Young, o fundador da Igreja Mórmon (Igreja de Jesus

Cristo dos Santos dos Últimos Dias). Mas, segundo Costa (2010), as pesquisas sobre gêneros textuais no campo do Jornalismo começam a se firmar na Europa, na década de 1950, a partir da sistematização decorrente da criação de disciplinas voltadas ao Jornalismo, e chegam ao Brasil na década de 1960.

Conforme Melo (2003), a entrevista é um gênero jornalístico informativo que visa informar os espectadores sobre acontecimentos reais e se solidifica na literatura, com a sua ocorrência e legitimação em diversas mídias. Enquanto uma das formas básicas de que dispõem os jornalistas para a coleta de informações, a fim de produzir matérias jornalísticas, seja no corpo da matéria, seja em *off*²³, a entrevista é um gênero do tele e radiojornalismo, por meio do qual o entrevistado e entrevistador interagem mutuamente, e este, a partir de técnicas, comanda o diálogo e utiliza elementos e estratégias variados que exercem um efeito de aproximação tanto no entrevistado quanto no espectador (ouvinte).

Assim, o entrevistador introduz o tópico, iniciando a entrevista a partir de uma pergunta inicial, a fim de estimular respostas mais seguras; continua/prossegue esse tópico; redireciona e/ou muda-o durante a interação. Além disso, a utilização do par dialógico pergunta-resposta e de outras díades conversacionais dá-se com vistas a um pedido de informação, pedido de confirmação, pedido de esclarecimento e/ou a uma pergunta retórica (FÁVERO, 2000).

O gênero entrevista oral, de natureza jornalística, cujo discurso é conversacional, é de linha expositiva. Seu caráter de expor, como bem coloca Costa (2009), permite a obtenção de esclarecimentos, avaliações, opiniões, coleta de declarações, informações para divulgação através dos meios de comunicação. Esse todo enunciativo possibilita que informações/fatos sejam debatidas e levadas ao conhecimento do público-espectador, que tem um interesse particular ou coletivo/social.

A noção de que os textos se assemelham e apresentam tipologias discursivas, necessárias ao funcionamento da linguagem, pode ser remetida à noção de *continuum* tipológico dos gêneros textuais, pois ambas comprovam a dinamicidade e plasticidade dos textos e o imbricamento entre as duas modalidades da língua: fala e escrita.

²³ Conforme Lucht (2010), *off* é a abreviatura de *off the records* que significa “fora da gravação” e refere-se a uma informação confidencial dada ao jornalista, a qual, mesmo não sendo divulgada, contribui para que o jornalista entenda melhor o assunto em pauta.

O gênero textual entrevista, considerado um texto oral por excelência, tende a apresentar-se sob duas modalidades: a escrita ou a oral. Quando os suportes textuais escolhidos para publicação são jornais ou revistas, a entrevista é transcrita para a publicação. Desse modo, a entrevista, mesmo que se realize como um texto falado, aproxima-se, conceptualmente, de um texto escrito por ser concebido nessa modalidade. O que existe é um conjunto de traços – as marcas da oralidade e outros elementos da língua oral, os quais são preservados neste trabalho – que a configuram como um texto falado ou escrito, em maior ou menor grau, dentro de um *continuum* de variações.

No tocante à definição de gêneros textuais e aos aspectos tipológicos, considerando as formas assumidas por aqueles individualmente, aponta-se Costa (2009, p.104) que conceitua a entrevista como sendo “um gênero formal de troca/busca de informações, em que o entrevistador deve estar seguro sobre o que vai perguntar a fim de obter informações relevantes” do entrevistado. A entrevista oral, elencada para este trabalho, circula no meio radiofônico e visa expor fatos, informações aos espectadores. De acordo com Costa, (2009, p.24), essa natureza expositiva está vinculada “à transmissão e construção de saberes, com apresentação textual de diferentes formas dos saberes”.

A entrevista jornalística é um gênero midiático, cuja materialização ocorre primordialmente na forma oral e, para muitos autores, constitui-se em uma prática linguística de caráter altamente padronizado, implicando expectativas normativas que estabelecem a conversação e a interação entre interactantes (entrevistador e entrevistado). Essa conversa controlada, de caráter assimétrico, é marcada por perguntas e respostas, podendo ocorrerem ainda outros pares conversacionais ou adjacentes.

As funções do entrevistador são caracterizadas por iniciar e finalizar a entrevista, além de fazer perguntas, suscitar a palavra do outro, estimular ou incitar a transmissão de informações ou opiniões, introduzir novos assuntos, conduzindo o tópico conversacional e (re)direcionando a interação. A fim de que esse evento de fala se realize, informe o público e forme a opinião pública, o entrevistado (figuras públicas, especialistas, autoridades, pessoas atuantes num dado movimento etc.) tem como função responder aos questionamentos ou às perguntas que lhe são feitas, completando esse circuito dialógico.

Levando em conta que a entrevista jornalística, oral ou escrita, centra-se em algum fato ou problema e possui valor social inestimável – auxilia, por exemplo, no desenvolvimento das capacidades linguística e cognitiva do espectador –, convém ressaltar a importância do ouvinte ou público-espectador e o direcionamento da entrevista, quanto a esse público. Conforme Hoffnagel (2003, p.183), “tanto as perguntas como as respostas são formuladas com uma audiência específica em mente”, ainda que esse público específico não participe direta e efetivamente da entrevista.

Para Fávero (2000), a entrevista é uma atividade em que todos os partícipes do processo comunicativo, direta ou indiretamente, de uma forma ou de outra, estão envolvidos, quer como entrevistadores, quer como entrevistados. Nesse sentido, o objetivo é promover o inter-relacionamento humano, embora os direitos dos participantes do evento de fala possam não ser os mesmos, pois o entrevistador geralmente controla a interação, mas as relações de poder permitem ao entrevistador e ao entrevistado diferentes condições de participação no diálogo, em que pode haver um direcionamento maior ou menor na interação, o que a autora chama de inversão de papéis ou inversão da relação eu-tu (jogo duplo).

Em se tratando do jogo duplo ou inversão de papéis, aparecem a simetria e a assimetria na entrevista. No processo interacional, Fávero, Andrade (1998) dizem que a tarefa do entrevistador está ligada à escolha do tópico discursivo e da direção da conversação, à distribuição dos turnos, ao caráter contratual ou polêmico da interação, entre outras atividades, e o dever do entrevistado é de responder aos questionamentos feitos, podendo conservar o turno por mais tempo, pois é a ele que se quer ouvir; mas, a permanência do entrevistado no turno nem sempre ocorre e o tempo e a duração do turno tornam-se variáveis e menores. Ainda que essas características da entrevista marquem uma interação assimétrica,

[...] o conceito de assimetria interacional está relacionado não só às funções dos interlocutores na situação comunicativa, mas principalmente a seus papéis sociais e a suas características individuais. Há casos em que a importância social do entrevistado leva à inversão do equilíbrio da entrevista: o entrevistado seleciona os tópicos e decide quando passar o turno. Por sua vez, há entrevistadores peculiares que dominam a entrevista e não deixam ao entrevistado nem mesmo os turnos que lhe são devidos. (FÁVERO, ANDRADE, 1998, p.162).

O entrevistador cumpre o papel de obter respostas e dirigir a entrevista, e o entrevistado restringe-se a responder às perguntas prévia ou instantaneamente

elaboradas pelo entrevistador. Todavia, é possível inverter os papéis, a partir do momento em que o entrevistado dirige a entrevista, aprova ou não a ação do entrevistador, fazendo-lhe perguntas (FÁVERO, 2000).

Comparando a entrevista a outros textos conversacionais, Fávero, Andrade (1998) diferenciam-na dos demais textos falados, levando em conta o número de participantes envolvidos na sua organização, o caráter assimétrico da interação, o planejamento e o tempo de elaboração. As autoras afirmam que não somente ideias e opiniões são expressas pelos interactantes, como também esses interactantes cumprem seus papéis, constroem o texto juntos, atuam sobre o outro e sobre a audiência, pois existe uma relação de poder, controle e dominação. Dessa maneira,

Embora em muitas entrevistas haja – a princípio – certa condição de igualdade (não existe qualquer hierarquia pré-estabelecida entre os participantes), a interação não se fixa apenas em cumplicidade e solidariedade, mas também em certa disputa, na medida em que os interlocutores fazem parte de um jogo de linguagem que se instaura através de um processo de negociações, trocas, normas partilhadas, concessões. (FÁVERO, ANDRADE, 1998, p.159).

Fávero (2000) ratifica a diferença desse evento de fala em relação a outros eventos. Menciona três momentos na entrevista: o tempo de preparação, o da entrevista propriamente dita e o da edição. O planejamento e a produção não só na entrevista, como também na língua falada são simultâneos ou quase simultâneos, o que contribui para caracterizar a entrevista jornalística como estruturada ou semiestruturada, visto que o planejamento existe da parte do entrevistador e pode existir também da parte do entrevistado. No que se refere à edição, conforme dito anteriormente, a entrevista mantém-se oral, seja no rádio, seja na televisão, ou passa à escrita, quer em jornais, quer em revistas.

A relevância das perguntas na organização do texto de entrevistas é ressaltada por Fávero, Aquino (1998), as quais atribuem às perguntas um papel privilegiado na organização textual, por estas contribuírem para a coerência conversacional e para o desenvolvimento da atividade interacional. É a partir de estratégias utilizadas na conversação que as perguntas comportam finalidades específicas e efeitos cumulativos, dependendo do objetivo discursivo do entrevistador na interação, e permitem que o evento e contexto discursivos sejam criados, recriados/ressignificados a partir do jogo de poder e das relações entre os interactantes.

A entrevista é produzida com o intuito de transmitir fatos, acontecimentos ou informações acerca de um referente. Pode-se usá-la em boletins, reportagens, documentários e programas jornalísticos, baseando-se em princípios-base que norteiam a realização de uma boa entrevista e que, possivelmente, evitará problemas na interação durante esse evento de fala.

Os gêneros radiofônicos²⁴ são definidos como instrumentos de que o rádio dispõe “[...] para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos”. (BARBOSA FILHO, 2009, p.89). Em relação aos conteúdos veiculados no rádio, os relatos podem apresentar características subjetivas, acrescentando à informação opiniões particulares. Além disso, apresentam-se por intermédio de vários formatos²⁵ no rádio, entre os quais está a entrevista que representa uma das principais fontes na coleta de informações de um jornal e pode ser encontrada, direta ou indiretamente, em grande parte das matérias jornalísticas.

Prado (1985) ressalta a importância do gênero radiofônico entrevista na comunicação/ interação humana e na manifestação/reprodução midiática dos acontecimentos, por ser um diálogo facilmente adaptável ao ambiente radiojornalístico, bem como elucida uma tipologia, em que a entrevista é observada sob duas vertentes principais: a entrevista de caráter, centrada na personalidade do entrevistado, e a noticiosa, centrada na informação. Esta última pode apresentar informações estritas, breves, garantindo agilidade à programação, devido à brevidade, e informações em profundidade, oferecendo ao ouvinte as adicionais acerca dos fatos, aprofundando-se nos acontecimentos, com vistas a provocar reflexões, o que implica maior duração quanto ao tempo de realização.

Apoiando-se nas palavras de Medina (1986), para obter sucesso na entrevista, é preciso tratá-la não como uma simples técnica, mas como diálogo, atingindo os limites da inter-relação entre os parceiros comunicativos, de modo que o leitor, ouvinte ou telespectador emocione-se, dê credibilidade e autenticidade ao discurso produzido pelo entrevistador (nas perguntas) e pelo entrevistado (nas respostas). A limpidez, transparência, o reconhecimento dos interactantes,

²⁴ Os gêneros radiofônicos relacionam-se à função específica ou ao tipo específico de expectativa que a mensagem radiojornalística deseja transmitir ao ouvinte. Na comunicação, o gênero radiofônico é o que se denomina, nos Estudos textuais, de esferas da comunicação, domínio discursivo ou instância discursiva.

²⁵ Os formatos radiofônicos dizem respeito à forma como o texto se realiza. É o modelo ou o contorno plástico que se insere em um ou mais gêneros radiofônicos, marcado pela intencionalidade de quem o utiliza e materializado no programa de rádio e na programação radiofônica. Na comunicação, o formato radiofônico é o que se chama nos Estudos textuais de gênero textual.

fenômeno da identificação entre fonte de informação-repórter-receptor, tudo resulta no que Medina (1986) chama de vivência e, conseqüentemente, desencadeia um diálogo interativo.

A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações. A audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencadeada pelo entrevistador, e vai se humanizar, generalizar no grande rio da comunicação anônima. Isto, se a entrevista se aproximou do diálogo interativo. (MEDINA, 1986, p.6).

Com vistas a quebrar isolamentos grupais, individuais e sociais, servir à pluralização de vozes e distribuir democraticamente a informação, a entrevista é uma técnica de interação social, na qual os participantes do evento de fala buscam interagir, modificar-se, revelar-se, crescer no conhecimento do mundo e de si próprios. Nela, é necessário recolher fatos, informar o público-espectador e motivar tanto esse público, quanto o entrevistado que vai falar (MEDINA, 1986).

Em Baltar (2012), a entrevista midiática/radiofônica não é vista apenas como um gênero textual genuíno do jornalismo e radiojornalismo, mas é vista ainda como uma técnica de interação social, por meio da qual entrevistador, tema, entrevistado e público-ouvinte entrosam-se, o que pode ser mais bem visualizado no esquema a seguir:



Fonte: Baltar, 2012, p.95.

A entrevista como evento textual-interativo ou discursivo-dialogal pode materializar-se em outros domínios discursivos (esferas sociodiscursivas), a partir de empresas, consultórios médicos, universidades, decorrendo em entrevistas de emprego, entrevistas entre médico e paciente, psicólogo e paciente, professor e aluno, pesquisador e partícipes do processo da pesquisa etc., bem como pode ser mais ou menos formal. Schneuwly, Dolz (2004, p.85) salientam

A entrevista é um gênero jornalístico de longa tradição, que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado). Uma entrevista consiste, então, em fazer falar essa pessoa *expert* a respeito de diversos aspectos de um problema ou de uma questão, com o intuito de comunicar as informações fornecidas a terceiros, que representam, teoricamente pelo menos, a demanda de informações.

Esse gênero textual permite que o entrevistador – a partir dos seus objetivos – pergunte acerca de um assunto, ouça a resposta, produza uma nova pergunta, interaja com a resposta do entrevistado e colete informações, bem como permite que o entrevistado expresse sua opinião sobre um tema, exponha um assunto, argumente sobre determinado fato. Para Lage (2002, p.73), “A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e reconstituições de fatos”. Além disso, Lage (2002) diz que a palavra *entrevista* é ambígua e refere-se a qualquer procedimento que apura fatos junto a uma fonte que torne o diálogo possível; a uma conversa de duração variável com personagem notável/evidente ou um entrevistado que disponha de conhecimentos ou informações que interessam ao público; e a matéria publicada com as informações coletadas durante a conversa.

Segundo Ferraretto (2001), a entrevista radiofônica constitui-se por abertura, fase de perguntas e respostas e encerramento. Essa estrutura canônica global ou unidade composicional do gênero mantém-se em todos os tipos de entrevista, variando o tema, a duração e o ritmo (condução) de cada etapa. Na abertura, apresentam-se o entrevistador e o entrevistado; situa-se o local do evento de fala e o tópico (assunto). Na fase de perguntas e respostas, tem-se a etapa principal (núcleo) da entrevista, em que o diálogo se firma, e o evento de fala desenvolve-se pelos parceiros da comunicação. Por fim, no encerramento, o entrevistador cumprimenta/agradece ao entrevistado e ao público, podendo recapitular concisamente o(s) assunto(s) que conduziu (ram) o diálogo (a entrevista).

Uma das principais diferenças/características entre o rádio e outros veículos midiáticos é o imediatismo das informações, a versatilidade espaciotemporal de transmissão da linguagem radiofônica. Ademais, na entrevista jornalística, inclusive radiofônica, é importante que as perguntas feitas aos entrevistados e as informações dadas aos espectadores sejam postas de forma clara, objetiva e concisa.

Nesse contexto, o entrevistado pode apresentar dois tipos de comportamento, assim explicados: holístico, quando os fatos são explicados do todo para as partes, ou detalhista, a partir da análise minuciosa dos fatos, item por item. O entrevistador, por sua vez, desempenha um papel imprescindível no processo conversacional, interagindo com o entrevistado e com o público-ouvinte.

[...] na mídia radiofônica há uma interação muito maior, o jornalista fala diretamente com o ouvinte, na maioria das vezes em tempo real; o ouvinte pode telefonar, ir à rádio, participar ativamente da atividade, diferentemente dos outros canais de comunicação. O texto no rádio deve dar ao ouvinte a impressão de que o jornalista está falando e não lendo, justamente por ser o veículo imediato, instantâneo e ativo. (BALTAR, 2012, p.99).

Assim, a transmissão da entrevista pode ocorrer no instante em que o entrevistador e entrevistado interagem (ao vivo) ou gravada. Em outros termos, pode ser síncrona ou assíncrona. Apesar disso, recomenda-se que o entrevistador prepare-se para fazer a entrevista (com fichas escritas que sirvam como roteiros, por exemplo), conheça o entrevistado, sua personalidade, seus atos, seu trabalho, seu comportamento e elabore possíveis perguntas.

No âmbito dos estudos radiojornalístico e linguísticos, há um panorama de classificações de entrevistas radiofônicas. A tipologia proposta toma por base o conteúdo, os objetivos, a estrutura e as circunstâncias de realização da entrevista.

A entrevista temática dá-se pela busca de um conteúdo informativo pelo entrevistador acerca de determinados conceitos que o entrevistado conhece ou detém, por meio de um tema específico ou de temas vários. A entrevista biográfica objetiva expor informações sobre o entrevistado, a partir de suas características pessoais, suas preferências, seu estilo de vida etc. A enquete refere-se a entrevistas com diversos indivíduos acerca de um mesmo assunto que dispõe de pouca cientificidade. A entrevista pingue-pongue realiza-se por intermédio da troca direta de turnos entre os interactantes (entrevistador e entrevistado); assim, fazem-se perguntas simples ou complexas (BALTAR, 2012).

Prado (1985) estabelece a diferença entre dois tipos de entrevista, classificando-as em direta (ao vivo) e diferida (editada). A primeira é executada e transmitida instantaneamente ao público-espectador, o que ratifica a importância de haver uma preparação anterior à transmissão e cuidado com o controle do ritmo interno, do tempo e das frequências expressivas; a segunda possibilita editar os fatos, retirar trechos, corrigir erros, alterar a ordem das perguntas e respostas, com base numa disposição lógica.

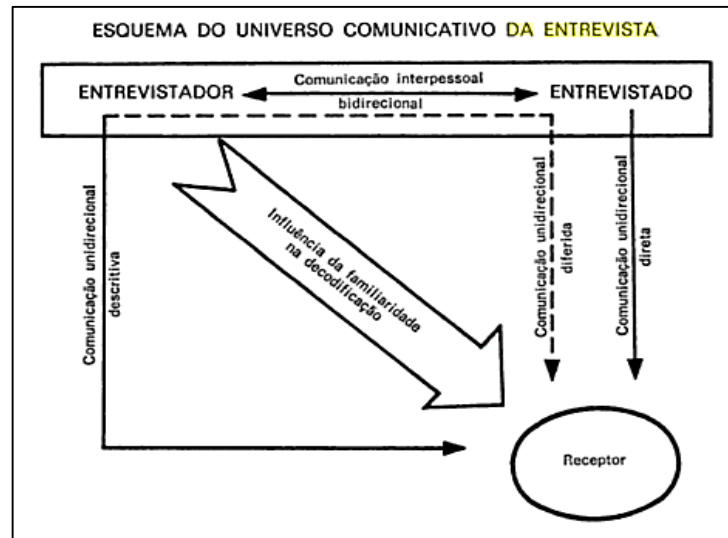
A edição/manipulação das informações no rádio também exige cuidado, atenção e tempo do jornalista, em função das diferenças existentes entre o material sonoro e o escrito, da finalidade e do suporte textual da entrevista. Na imprensa, a entrevista pode ser totalmente reelaborada, respeitando a ideia expressa pelo entrevistado, ao contrário do rádio, em que a edição é parcial (ou não se edita), respeitando, dessa maneira, as unidades expressivas da linguagem do entrevistado.

A entrevista é o gênero jornalístico de maior adaptabilidade ao rádio e às características desse veículo/suporte textual. A rapidez/agilidade e a flexibilidade/dinamicidade com que a linguagem radiofônica é utilizada permitem conhecer uma informação ou aprofundar os fatos e suas consequências e atender às expectativas dos ouvintes.

Conforme Prado (1985), na entrevista, um universo comunicativo muito complexo é produzido, considerando a comunicação interpessoal e a bidirecional bem como fluxos comunicativos unidirecionais diretos e distintos no referido universo. Nesse evento de fala, entrevistador e entrevistado interagem mutuamente e, a partir do fluxo comunicativo interpessoal do diálogo, exercem o papel de emissores da mensagem, formando uma dupla comunicação unidirecional e distribuindo informações aos receptores (público-espectador).

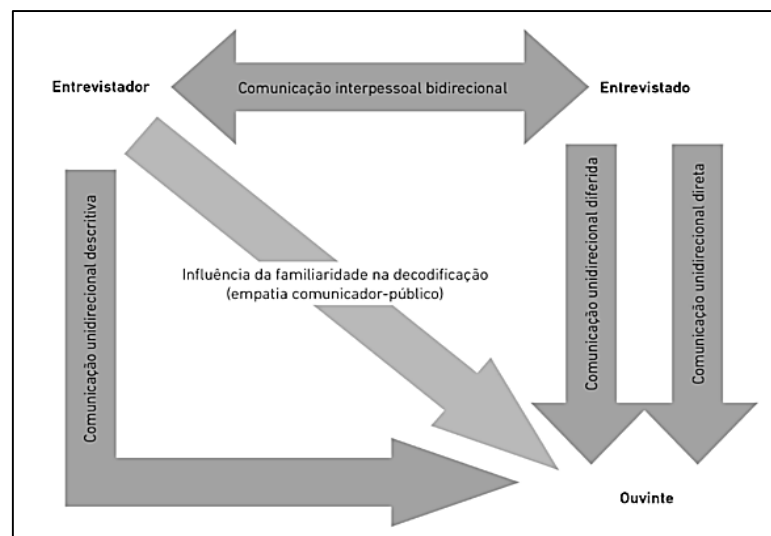
Enquanto as respostas do entrevistado fazem surgir uma comunicação unidirecional direta, as respostas e ações (técnicas) do jornalista (entrevistador) determinam uma comunicação unidirecional distinta. Há também a produção do fluxo unidirecional descritivo, partindo das observações, narrativas e descrições feitas pelo entrevistador. O universo comunicativo está mais bem explicado nas figuras a seguir:

Figura 1 – Esquema do universo comunicativo da entrevista



Fonte: Prado, 1985, p.58.

Figura 2 – Fluxos informativos na entrevista radiofônica



Fonte: Ferraretto, 2014.

Nesse fluxo do universo comunicativo, é fundamental observar o ambiente acústico da entrevista e a influência da familiaridade entre o entrevistador e o público, para que a riqueza da informação da entrevista e a mensagem propriamente dita não sejam prejudicadas, inclusive esta última, ao ser levada ao público-ouvinte.

Lage (2002) apresenta uma tipologia das entrevistas, levando em conta os objetivos e as circunstâncias. Do ponto de vista dos objetivos, têm-se a **entrevista ritual**, que tende a ser breve e centra-se, primeiramente, em expor a figura do

entrevistado, suas características e, posteriormente, nas informações fornecidas por ele. As declarações são irrelevantes, simbólicas ou meramente formais. Aparece ainda a **entrevista temática**, que trata de um tema acerca do qual o entrevistado tem domínio/autoridade para discorrer. Busca expor versões ou interpretações de acontecimentos, ajudando a compreender um problema, expor um ponto de vista, uma opinião, reiterar uma linha editorial com o argumento de autoridade, usado pelo entrevistado.

Inserem-se também a **entrevista testemunhal**, que consiste em relatar um fato, um acontecimento ou um evento de que o entrevistado participou ou a que ele assistiu. Ao reconstituir o fato, o entrevistado apresenta seu ponto de vista de forma particular, acrescentando suas próprias interpretações e até impressões subjetivas. Por fim, está a **entrevista em profundidade**, que se centra na figura do entrevistado, na apresentação de mundo construída por ele, aborda sobre atividades desenvolvidas pelo entrevistado, acerca de sua maneira de ser, de aspectos de sua vida.

No que diz respeito às circunstâncias de realização, as entrevistas podem ser do tipo **ocasional**, por não ser programada ou combinada previamente. O entrevistado é questionado sobre algum fato e o resultado pode ser interessante e surpreendente, porque não há preparação prévia, tampouco aviso prévio, o que faz com que o entrevistado formule declarações eventualmente, por ser questionado sobre algum assunto de modo aleatório.

É também de **confronto** em que o entrevistador assume a função de inquisidor, mediante acusações e contra-argumentos veementemente, baseados num dossiê ou num conjunto de acusações. Essa estratégia é comum em jornalismo panfletário e, por mais que o entrevistado tenha o direito de fala, não lhe são dadas condições favoráveis/razoáveis de expor seus pontos de vista. A habilidade retórica/argumentativa do entrevistado e a competência acusatória do entrevistador podem interferir diretamente na propagação da situação discursiva. Caso a entrevista seja ao vivo, no rádio ou na TV, o espectador pode acompanhar todo o percurso sem cortes de informações.

Existe também a **coletiva**, segundo a qual o entrevistado se submete a perguntas de vários entrevistadores, representantes de diferentes veículos de comunicação, em ambiente mais ou menos formal. Entrevistas coletivas acontecem comumente devido ao interesse geral por algum membro da sociedade, o qual

participou de um evento importante ou assistiu a ele. Programam-nas como parte da promoção de espetáculos, eventos culturais ou vendas de produtos, embutindo alguma criação ou tecnologia. Geralmente, autoridades ou artistas, pessoas que são influentes ou que estão em evidência na mídia dão entrevistas coletivas. Apesar do grau menor de formalidade do ambiente, o diálogo é bloqueado/limitado, porque se constrói a pergunta sobre a resposta e por a possibilidade de questionamento e a intervenção serem distribuídas a todos. O entrevistado ou alguém vinculado a ele (assessor, por exemplo) pode comandar a entrevista.

Tem-se a **dialogal**, considerada a entrevista por excelência, é marcada com antecedência, reunindo entrevistador e entrevistado num ambiente controlado, onde os interactantes sentam-se, sem qualquer aparato que estabeleça uma hierarquia entre ambos. O tom da conversa constrói-se colaborativamente, com a evolução de questões propostas pelo entrevistador, permitindo aprofundar e detalhar os pontos abordados e, assim, não se limitando na abordagem do assunto.

Finalmente, existe a **entrevista individual** ou **exclusiva**, que ocorre quando concede ao veículo de comunicação (rádio) uma entrevista com exclusividade, embora toda entrevista dessa natureza seja exclusiva, devido às diferentes formulações feitas pelo entrevistado em duas ou mais conversas. Essa nomenclatura justifica-se também quando a iniciativa parte do veículo e não há outra radiodifusora interessada ou que tenha idealizado o mesmo entrevistado. Na entrevista exclusiva, o eventual esforço despendido pelo entrevistador e o ineditismo das declarações (conteúdo) são valorizados.

No que se refere às **entrevistas em presença (face a face)** e **mediadas**, cabe fazer alguns apontamentos acerca da sua tipologia. Assim, segundo Lage (2002), a invenção do telefone possibilitou realizar entrevistas a distância. Logo, constatou-se que o resultado não era o mesmo, pois, embora o telefone fosse útil para apurar informações, suprimia condições que facilitam a realização desse evento de fala, como o ambiente controlado e a presença dos interactantes (interação face a face).

A internet provoca uma reviravolta nesse cenário. Dependendo da habilidade de ambos os interactantes, sobretudo do entrevistado, na troca de e-mails, chats ou em outras formas de conversação via internet, o diálogo pode ser bem-sucedido e as respostas mais espontâneas. Os avanços tecnológicos têm possibilitado a conversa oral e a presença de imagem do interactante na tela do computador, por

meio de redes sociais que dispõem de chamadas de vídeos. Mesmo assim, é possível que a espontaneidade seja menor do que em encontros face a face.

Recomenda-se avaliar a complexidade dos fatores envolvidos em uma conversa, uma vez que a avaliação que os interactantes fazem um do outro interfere no resultado do encontro entre entrevistador e entrevistado; a aferição de resposta rápida, visual e auditiva é permitida mediante a proximidade física; e o efeito do ambiente partilhado pelos interactantes é valorizado pelos modelos de comunicação, por ser o ambiente virtual limitado na conversação a distância.

Uma entrevista bem conduzida é formada pela troca de cumprimentos e de palavras acerca de um dado assunto, com vistas a transmitir um fato e a estabelecer uma boa interação entre entrevistador – entrevistado – público. Além disso, ambienta o entrevistado, seja em estudo radiojornalístico, seja em ambiente televisivo, sobretudo porque há entrevistados que se intimidam diante de microfones, gravadores de áudio portátil e de câmeras de televisão. Nesse caso, o entrevistador precisa utilizar técnicas a fim de reconstituir a entrevista, indicar a sequência dos fatos e reproduzir a fala do entrevistado com precisão.

Para se obter sucesso na entrevista, é conveniente que o entrevistador pesquise e formule perguntas, seja discreto, não esgote o assunto antes do término previsto, que saiba perguntar acerca de uma resposta dada, pergunte apenas o necessário, mantenha-se no comando da conversa, impedindo o desvio do tema ou digressões. O entrevistador deve ainda ser compreensivo, respeitoso, comedido e paciente, ainda que o entrevistado demonstre o contrário.

O estímulo do entrevistado dá-se a partir da compreensão da fala deste pelo entrevistador e da produção de questionamentos com base em inferências imediatas feitas pelo entrevistador, a partir do que o entrevistado expôs, o que demonstra interesse e entendimento do entrevistador bem como espontaneidade, expansão ou aprofundamento do entrevistado, dependendo das circunstâncias ou do momento (espera-se que seja oportuno) em que o jornalista contesta uma informação/um fato.

Vale ressaltar também que há entrevistados que desenvolvem o tópico discursivo e o turno conversacional fluentemente, de forma mais ou menos padronizada. Existem ainda os que conhecem métodos de edição em rádio e TV e encadeiam palavras e sentenças, dificultando o corte/ a edição do texto. De todo modo, deve-se levar em consideração dois aspectos na condução da entrevista: o

conteúdo e a personalidade do entrevistado, levando ao espectador ou ao leitor a realidade dos fatos reproduzidos nesse evento de fala.

Pode-se encontrar, em Chantler, Harris (1998), outra tipologia para o gênero entrevista, caracterizada como informal, interpretativa, emocional, noticiosa e coletiva, além da de caráter, ao vivo, de estúdios externos e “o povo fala”. A **entrevista informal** revela fatos ou informações mediante o uso de palavras cruciais (o que, onde, quem, como, porque e quando), as quais produzem perguntas que não acarretam respostas óbvias ou limitadas, sem grau de informalidade. As perguntas que usam essas palavras são comumente usadas no rádio e chamam-se perguntas diretas que, por sua vez, também devem ser curtas e diretas. Essa nomenclatura caracteriza outras entrevistas que utilizam esse formato, mesmo que recebam outra classificação e sejam observadas sob outra ótica.

Na **entrevista interpretativa**, o entrevistador interpreta alguns fatos que já são de domínio público, isto é, de conhecimento do público. Os efeitos de uma notícia de âmbito regional, nacional ou internacional são discutidos nesse tipo de entrevista, geralmente, por um especialista (entrevistado) que conhece o assunto. Na **entrevista emocional**, de natureza mais complexa, é possível cobrir diferentes formas de manifestação emocional que permeia o dito, o interdito, as pausas e os silêncios. A fim de evitar críticas, já que os sentimentos de pessoas, que estão em apuros (desesperadas) ou com problemas, são expostos, os entrevistadores (jornalistas) precisam ter cautela e manter a ética nesse tipo de entrevista.

A **entrevista de caráter** tem como foco a personalidade do entrevistado. É mediante as informações obtidas nas respostas que se conhece sua personalidade. Para tanto, é necessário que se crie um clima comunicativo, agradável, rompendo a timidez do entrevistado e permitindo que ele seja expressivo, espontâneo e fluido em suas palavras. Além disso, para realizar esse tipo de entrevista, convém conhecer previamente a personalidade do entrevistado e proceder a uma conversa antes de a entrevista entrar no ar, falando diretamente com o entrevistado, a fim de conhecer seu ritmo de fala, agilizar a entrevista e observar os ciclos expressivos de sua conversação.

Ao iniciar a entrevista de caráter, o entrevistador faz uma apresentação breve do entrevistado, destacando os aspectos mais atrativos do evento de fala para o ouvinte. Durante o momento interativo, a sugestão é que se repita, por diversas

vezes, o nome do entrevistado, situando o espectador que não acompanhou a entrevista desde o início.

A **entrevista noticiosa** objetiva informar sobre algum acontecimento, sendo dividida em três tipos: de informação estrita, de informação em profundidade e de declarações. O entrevistador utiliza perguntas objetivas e conduz o entrevistado a respondê-las, de forma clara, curta e precisa. Nessa entrevista, o ritmo é geralmente acelerado, de modo que se pedem ao entrevistado algumas informações acerca do fato e, a partir do tempo disponível na programação, solicita-se que as informações sejam mais bem explicadas. A entrevista de informação em profundidade tem papel reflexivo e fornece dados que complementam a notícia.

A **entrevista coletiva** realiza-se com vários entrevistadores (repórteres) que têm direito a uma ou mais perguntas, podendo aproveitar a pergunta de outro entrevistador para transmitir em sua rádio. As entrevistas ao vivo são complexas/difíceis e exigem que o entrevistador seja rápido, elabore/faça perguntas básicas e curtas. Deve-se estar atento ao tempo disponível, de modo que o entrevistado não o use completamente e responda apenas a uma pergunta.

As **entrevistas de estúdios externos** ocorrem comumente em rádios locais, improvisadas, conectadas a uma estação central de rádio ou televisão por uma linha telefônica ou por ISDN (*Integrated Services Digital Network* – Rede Digital de Serviços Integrados) para garantir boa qualidade na transmissão. Normalmente, fazem-se as perguntas via telefone e utiliza-se microfone para melhorar a qualidade do áudio.

As **entrevistas “o povo fala”** são feitas com pessoas populares, na rua, trazendo assuntos leves ou repercutindo notícias de amplo interesse do público. Consistem em declarações breves de pessoas escolhidas ao acaso, seguidas de comentários acerca do assunto. Convém, nesse tipo de entrevista, variar os entrevistados (jovens, idosos, homens, mulheres), deixar a pergunta bem clara na abertura da matéria e manter-se sempre na mesma pergunta, dispensando a possibilidade de produzir uma entrevista mais longa com qualquer pessoa e de falar os nomes dos entrevistados – estando na rua. Como ninguém gosta de ser abordado repentinamente por um repórter de rádio, é importante manter-se sorridente, gentil e não ser persistente, caso as pessoas não queiram falar.

Balsebre, Mateu, Vidal (1998) expõem uma tipologia que corrobora as tipologias anteriores, tomando por base os objetivos pretendidos pelo entrevistador,

dividindo a entrevista em: informativa, interpretativa, emotiva e de caráter. A **entrevista informativa** tem por objetivo conhecer os detalhes concretos de um fato-notícia por intermédio das palavras do entrevistado. Apresenta maior austeridade, narratividade, expressividade e brevidade, pois as perguntas são precisas, breves, simples e adequadas, dispensando sua contextualização e apoiando-se na informação somente, razão por que a presença do entrevistador deve ser mínima e não se devem utilizar figuras retóricas.

O entrevistador guia-se pela razão comunicativa, expressa-se num tom de voz que denota autoridade e prestígio social, fonte e origem de significativa credibilidade perante o público. O entrevistado normalmente proporciona a informação mais exata e completa. Considera-se a entrevista informativa um instrumento prévio da produção de notícias.

A **entrevista interpretativa** tem por finalidade conhecer a opinião do entrevistado a respeito de determinado fato-notícia. Essa opinião deve fundamentar-se em uma informação dada pelo próprio entrevistador que, por sua vez, deve proceder a uma introdução das perguntas em entrevistas interpretativas bem como explicar e esclarecer uma informação contextual, a origem informativa que fundamenta a solicitação de determinada opinião do entrevistado. Pode-se recorrer, nesse tipo de entrevista, a perguntas complementares. A contextualização é dispensável quando o público-espectador conhece o assunto a ser discutido ou quando uma entrevista interpretativa segue uma notícia bem exposta e contextualizada.

A **entrevista emotiva** no rádio centra-se na emoção do entrevistado acerca de um fato, dando ênfase à conotação afetiva da notícia, quando, numa dada notícia, o entrevistador acha conveniente obter do entrevistado uma reação emocional do que está sendo tratado. Assim, a interação entre os parceiros comunicativos dá-se mediante as emoções e os sentimentos, desde que a informação seja privilegiada, seguida pela emoção. Recomenda-se que a entrevista emotiva seja breve e subsista aos métodos de entrevistas tradicionais.

A **entrevista de caráter** fundamenta-se na personalidade, objetivando dar voz a pessoas importantes da sociedade, da política, das artes, da mídia etc. Diferentemente da entrevista informativa e da interpretativa, os esquemas linguístico e narrativo das perguntas não apresentam tanta rigidez. A introdução, na entrevista de caráter, também é necessária para contextualizar as informações posteriores. O

entrevistador pode atribuir um caráter mais pessoal, conforme o seu estilo. É possível ainda introduzir elementos narrativos diferentes (música, efeitos sonoros) dos convencionais, usar relatos literários e audiovisuais que melhor justifiquem uma pergunta ou completem com mais precisão a descrição de uma ideia, reiterar um mesmo tema em momentos distintos da entrevista. Esse tipo de entrevista apresenta certa continuidade narrativa e tolera comedidamente o recurso de perguntas tópicas.

Por fim, classificada de acordo com o objetivo proposto/a finalidade, a **entrevista escolar** liga-se diretamente aos objetivos propostos pelos sujeitos-partícipes da comunidade escolar, ou seja, aos objetivos didático-pedagógicos dos professores e ao interesse dos alunos, envolvendo, com base em Schneuwly, Dolz (2004) e Baltar (2012), as algumas das seguintes contribuições: desenvolvimento de habilidades no entrevistador (estudantes) que planeja e redimensiona perguntas, por meio de um roteiro prévio; desenvolvimento da velocidade de raciocínio e do comportamento interativo verbal; demarcação de papéis; pontualidade nas intervenções; mediação de uma situação comunicativa entre entrevistador – entrevistado – público; dentre outras.

A entrevista radiofônica escolar, nesse sentido, traduz-se como uma experiência de letramento midiático (BALTAR, 2012), bem como é vista sob três dimensões, quais sejam: o estudo do papel do mediador, da organização interna da entrevista e da regulação da conversa formal (SCHNEUWLY, DOLZ, 2004).

Schneuwly, Dolz (2004), bem como outros autores, apresentam expectativas normativas específicas que traduzem os papéis dos interactantes numa entrevista, pressupondo a presença de um terceiro participante da interação: o público-espectador. Assim, o entrevistador deve abrir e fechar a entrevista, fazer perguntas, suscitar a palavra do outro, incitar a transmissão de informações, introduzir novos assuntos, orientar e reorientar a interação; o entrevistado, por sua vez, compactuando com a situação discursiva, deve responder e fornecer as informações solicitadas/pedidas. É comum, nesse jogo interativo, os parceiros comunicativos ocuparem papéis públicos institucionalizados e que a natureza das relações social e interpessoal condicione significativamente a relação instaurada entre ambos (entrevistador e entrevistado).

Para a realização bem-sucedida de uma entrevista, em sua modalidade oral, no rádio e na televisão, o jornalista (entrevistador) precisa seguir, se bem orientado profissional e tecnicamente, alguns princípios norteadores para a condução dos

seus questionamentos. Esses procedimentos/princípios que norteiam o trabalho de um entrevistador são de ordem estrutural e de ordem ética e foram pensados segundo Guedes Caputo (2006) e Oyama (2015).

Os procedimentos estruturais dizem respeito a um conjunto de ações que organizam e estruturam qualquer entrevista. Por um lado, o entrevistador pode agendar a entrevista; definir o seu local; determinar se será por telefone, e-mail ou face a face; fazer um roteiro que guie a entrevista; desconfiar da memória e gravar a entrevista – o uso de gravadores preserva a fala do entrevistado, recupera trechos da entrevista, possibilita ao entrevistador direcionar sua atenção totalmente ao entrevistado e ouvir repetidas vezes a entrevista; fazer perguntas abertas; não fazer perguntas que já contenham a resposta; escolher e organizar os eixos temáticos; soltar o fio, recuperando, resgatando ou reencontrando o sentido da sua escrita ou da sua fala sobre a realidade.

Por outro lado, também pode usar bloco de anotações, mesmo que use um gravador; testar o gravador ou aparelho de áudio; não desprezar o figurino (*dress code*); fazer perguntas simples, objetivas, claras e concisas; evitar usar um lugar-comum como pergunta, a fim de obter respostas inteligentes, originais e sensacionais; reconhecer o limite; desgravar, organizar e editar (pentear) a entrevista desde que seja possível e isso não altere o que o entrevistado quis dizer; eleger o título e escolher uma frase interessante, dita pelo entrevistado ou pelo entrevistador e baseada na discussão, frase esta que resuma e reforce o assunto tratado na entrevista. Isso também funciona como recurso gráfico; revisar e publicar o texto (dependendo do tipo de entrevista, do conteúdo, objetivo, da estrutura e das circunstâncias); não repetir alguns sons (hãhã, mmm ou ahh) enquanto o entrevistado fala; finalizar a entrevista imediatamente se perceber que o entrevistado não domina o assunto para o qual foi convidado a falar.

Os procedimentos éticos estão relacionados ao comportamento e às atitudes do entrevistador como: perguntar antes se pode gravar, fotografar, filmar e fazer determinada pergunta; estar informado sobre o entrevistado; não roubar a ideia de ninguém, caso o entrevistador utilize referências e fontes que não são de sua autoria, recomenda-se citá-las; não inventar ninguém, mesmo o entrevistador tendo esquecido alguma pergunta, não entendido suas anotações rápidas ou perdido suas apurações/informações; ter paixão pelo Jornalismo, inclusive por entrevistar; perguntar por último – o entrevistador precisa perguntar ao entrevistado se pode

encerrar a entrevista, pois ambos devem estar de acordo com o fim; pesquisar sobre entrevistado; verificar a forma de tratamento para dirigir-se ao entrevistado; quebrar o gelo, sendo cordial, simpático, flexível e interativo; saber ouvir atentamente o entrevistado; conquistar a confiança do entrevistado; utilizar *poker face* (expressão impassível), falsos elogios e outras dissimulações diante de uma informação espalhafatosa/estrandosa; explorar o ponto fraco do entrevistado, de modo que este revele/conte fatos ou informações relevantes; buscar a melhor maneira de fazer perguntas difíceis sem ofender o entrevistado; desligar o aparelho de áudio ou gravador, caso o entrevistado diga que o que vai falar ou está falando é *off the records* ou se ele interromper a entrevista para falar ao telefone.

4.1 O radiojornalismo alagoano, a oralidade e a interação radiofônica

A fim de situar historicamente o radiojornalismo alagoano, no que se refere aos registros que marcam a configuração e implantação do radiojornalismo em Alagoas, tem-se Alencar (1991, 2004) que faz um retrospecto do rádio em Alagoas e traz um anedotário sobre o mundo radiofônico regional, mostrando como o rádio alagoano expandiu-se e se tornou mais acessível, não se restringindo apenas à elite, mas atingindo ainda a outras classes sociais. Sobre o radiojornalismo, Alencar (1991, p.97) elucida:

Enquanto o rádio de antigamente concentrava a sua programação nas novelas, no humorismo, nos espetáculos musicais, nos programas de auditório, o rádio dos nossos dias, reduzido os custos com pessoal tem investido no rádio-jornalismo (*sic*), dedicando à informação a base de sua audiência, na maioria dos casos e em relação, principalmente às emissoras AM. Informação na forma dos noticiários curtos, em geral de hora em hora, nos jornais falados ou nas reportagens de rua, flagrando os acontecimentos ou ainda através da divulgação de notícias de utilidade pública.

Nesse sentido, a fim de compreender melhor essa reviravolta da radiodifusão alagoana, é importante observar o contexto histórico do radiojornalismo alagoano. A primeira tentativa de implantação de uma estação de rádio em Alagoas se deu em 1925 quando Mário Marroquim, primeiro Diretor Geral da Radiodifusora de Alagoas, juntamente com um grupo de idealistas fundou, em Maceió, a Rádio Clube Alagoas. A partir do citado período, várias tentativas foram executadas, com vistas a tornar possível o funcionamento regular de uma estação de rádio. Essas tentativas tomaram por base o surgimento da radiodifusão no Brasil, datada em 1922 e implantada efetivamente em abril de 1923, com a inauguração da Rádio Sociedade

do Rio de Janeiro, por Roquette Pinto, Henrique Morize e Elba Dias, tornando oficial a transmissão do rádio no Brasil.

Várias outras emissoras surgiam pelo país e, apesar dos percalços e das dificuldades técnicas de recepção dessas emissoras, o interesse em propagar o radiojornalismo em Alagoas era grande e se acentuava cada vez mais. Havia a necessidade de implantar uma estação de rádio, embora as dificuldades para a instalação fossem diversas, tais como: implicações de natureza política, custos elevados, importação de material, pagamento do elenco, entre outras. Não existiam pessoas dispostas a aplicar dinheiro em tal empreendimento.

Em 1933, os técnicos Jacques Mesquita e Luiz Gonzaga introduziram uma pequena emissora, denominada Estação Experimental, que durou um tempo relativamente curto. Como não havia estação de rádio, Jorge Sá, um dos pioneiros do rádio alagoano, introduziu em Maceió a novidade do carro de som, no qual promovia anúncios, música e informações de utilidade pública.

A tenacidade dos precursores José Renato, Jacques Mesquita, Mayeber de Carvalho, Luiz Gonzaga, Josué Junior, Miguel Correia de Oliveira, Rosalvo Mota e outros para a atividade radiofônica, em novembro de 1935, fez com que estes lançassem uma radiotransmissora, o Centro Regional de Anúncios Falados – CRAF, marco importante na década de 30, em se tratando do período, a fim de propagar a radiodifusão em Alagoas, mesmo sendo uma estação de rádio sem registro oficial, isto é, clandestina.

Conforme o exposto, diferentemente do que muitos imaginavam, o rádio em Alagoas não surgiu com a Rádio Difusora, em 1948, quando foi inaugurada. Entretanto, esta foi fundada pelo jornalista Josué Junior, tornou-se a pioneira da radiodifusão alagoana e emissora oficial do Estado, em decorrência de haver sido a primeira emissora a dispor de uma estrutura técnica e artística organizada, cuja autorização para funcionamento se deu por determinação e iniciativa do governador Silvestre Pércles de Góes Monteiro, a partir de recursos originados do jogo do bicho, por ausência de apoio do poder público. Assim,

Com a inauguração da Rádio Difusora, em 16 de setembro de 1948, Alagoas deixou de ser um ponto apagado na constelação brasileira para se tornar uma estrela radiosa entre as estrelas irmãs. A classe artística ganhou vez e voz através dos programas de variedades, de humor, das radionovelas e dos musicais; os desportistas puderam acompanhar as jornadas de seus clubes pela narração entusiasmada de seus locutores; e a

sociedade ganhou um canal de comunicação aonde a notícia chegava quente como pão feito em casa. (CARVALHO, 2008, p.3).

Esse breve percurso histórico mostra que, embora o rádio seja um veículo/instrumento de comunicação, o qual visa à informação e ao conhecimento de fatos, inicialmente, não era acessível a todos. Além do custo relativamente alto, o que dificultava a compra de um aparelho receptor, a programação do rádio, formada por música erudita, concertos, conferências e palestras, impossibilitava torná-lo um veículo de massa (CÉSAR, 2009).

Com a publicidade e propaganda no rádio, este se popularizou, adquirindo novos formatos, mobilidade, elementos para a programação radiofônica e criando, segundo Melo (2003) e Barbosa Filho (2009), novos gêneros radiojornalísticos (informativo, opinativo, interpretativo, utilitário, diversional, publicitário ou comercial, musical, propagandístico, de serviço, especial, dramático ou ficcional e educativo-cultural). Com a urbanização, a tecnologia, a especialização dos serviços, o desenvolvimento técnico, os programas especializados, a estruturação do rádio tornou possível que o profissional exercesse um cargo ou função definida e não várias funções (contato, redação, produção e apresentação) ao mesmo tempo.

Pontuando ainda acerca do radiojornalismo, convém discutir também sobre a imprescindibilidade do radiojornalismo e sua relação com a oralidade, considerando que ambos estão imbricados para atender a propósitos comunicativos/midiáticos, bem como fazem com que o texto oral, a voz, o timbre, a intensidade, as pausas e uma série de elementos verbais, não verbais e paraverbais se entrelacem e sugiram imagens a partir do que é falado.

Nas mais diversas esferas de circulação (internet, TV a cabo, celulares, rádio etc.) e por meio dos mais diversos recursos, a fim de propagar a comunicação, o radiojornalismo tem como elemento crucial o áudio, a oralidade na veiculação de informações. Considerando os seus vários formatos e gêneros, o rádio se configura como um instrumento da comunicação social, levando informação e conhecimento ao público-espectador.

Para Xavier (2006, p.15), “O imediatismo e a rapidez com que as informações são processadas nesse veículo são suas principais qualidades em relação aos demais meios de comunicação”. O rádio possibilita a veiculação e a socialização de informações, de conhecimentos e a propagação de ideologias por meio de um canal, mediante um dispositivo de som de possível transmissão, rádio de pilha, rádio à

manivela, rádio capelinha, rádio-gravador, rádio-relógio, telefone convencional, aparelho celular e amplificador de voz (microfone).

De acordo com Prado (2012), o rádio vem se transformando nesses 90 anos de existência. Esse processo de reconfiguração dá-se não apenas em seu conteúdo, mas ainda em sua linguagem, com o intuito de acompanhar os tempos modernos, por meio de liberdade de expressão, seriedade, credibilidade, descontração, entretenimento.

O rádio se modifica também com as várias formas de produzir jornalismo sob a égide das novas tecnologias. Embora os aparatos tecnológicos circulem por muitas linhas do conhecimento e da comunicação, a oralidade é umas das principais categorias, senão a principal, para situar e estabelecer a funcionalidade e permanência do rádio, diante de qualquer transformação, seja de natureza social, política, histórica, financeira ou tecnológica, pois a oralidade é a base para estabelecer a comunicação humana – a conversação e interação com o público. Segundo Cunha (2010, p.1), o rádio

Está baseado no áudio, na oralidade, e assim como a espécie humana evolui e se modifica, também acumula características dos diferentes momentos da história. E é esta capacidade de acumular e de respeitar a fusão dos períodos históricos é que faz o rádio permanecer. Definida como primária, secundária ou mista, a oralidade está presente nas diferentes sociedades. O que permanece, na verdade, é a vocalidade e a audição.

Acrescida a essa ideia, Silva (1999) assinala que os textos orais, assim como os textos radiofônicos, não são essencialmente verbo-orais, pois há o aparato cênico, os elementos não verbais e paraverbais, a sonoplastia, a voz, a performance dos interactantes, que participam do processo interacional, conferindo plasticidade e cor ao texto radiojornalístico e contribuindo para estabelecer sentidos e significações nesse texto.

O rádio dispõe de características muito próprias como veículo de comunicação, inclusive por possibilitar que o jornalista ou radialista projete/idealize o ouvinte e por ser o veículo mais popular, ao levar a informação e o entretenimento aos espectadores, e de maior alcance público entre os meios de comunicação, devido a aspectos geográficos, econômicos ou culturais. Conforme César (2009, p.119):

Esse status foi alcançado em especial pelos seguintes fatores: o primeiro, de natureza físico-psicológica, é o fato de ter o homem a capacidade de

captar e reter a mensagem falada e sonora e, simultaneamente, executar outra atividade; o segundo, de natureza tecnológica, é a descoberta do transistor²⁶.

Entre as especificidades do rádio, estão a linguagem oral, penetração, mobilidade, o baixo custo, o imediatismo, regionalismo ou identidade local, a instantaneidade, sensorialidade, autonomia, a velocidade, acessibilidade, função social. No rádio, é por meio da linguagem oral que o jornalista leva as informações, as ideias, as opiniões, os pontos de vista ao público-espectador; o uso da oralidade permite que a comunicação entre locutor-ouvinte seja eficaz, independente do nível cultural ou escolar (CÉSAR, 2009). Pela ampla penetração/massificação, o rádio comunica fatos e acontecimentos a milhões de pessoas, garantindo a parcela e o alcance da audiência em pontos remotos.

É um instrumento de grande mobilidade e autonomia, o qual não precisa de fios e tomadas para funcionar, podendo ser levado a qualquer lugar (sala, cozinha, quarto, escritório, campo, automóvel, fábrica etc.), o que faz dele um instrumento que fala tanto para a sociedade quanto para cada indivíduo. O imediatismo, a instantaneidade e a velocidade permitem que as informações sejam levadas ao público num curto espaço de tempo, no momento quando ocorrem os fatos. Embora essas características contribuam positivamente para aumentar a audiência, e a liberdade de expressão esteja presente na escolha do conteúdo a ser transmitido, o público tem sido cada vez mais exigente quanto à visibilidade da programação, o que faz com que o ambiente (radio) jornalístico reflita sobre as informações e o conteúdo compartilhados (PRADO, 2012).

O baixo custo de investimento e de manutenção torna possível o alcance regional, nacional ou mundial do rádio, pelo barateamento do aparelho receptor e por este funcionar sem grande complexidade tecnológica, o que facilita também a instalação de emissoras locais, preocupando-se o dono da estação de rádio em adquirir a frequência de transmissão, por meio de licença pública, publicidade comercial, capital privado, subsídio/financiamento governamental ou assinatura pública. Uma vez que o aparato tecnológico é formado por uma estrutura relativamente simples e comum, isso torna possível o funcionamento de uma emissora local. Além disso, a simplicidade e a acessibilidade permitem ao ouvinte a aquisição de um aparelho de rádio.

²⁶ O transistor é um componente eletrônico do aparelho ou receptor radiofônico portátil que amplifica/intensifica o sinal de transmissão.

A sensorialidade propicia a formação de imagens na mente do ouvinte, transformando ideias, palavras, acontecimentos, ações, pessoas em imagens auditivas, isto é, imagens mentais com base na locução ou nos elementos radiofônicos do áudio, inclusive a voz dos interactantes no processo comunicativo. O rádio promove a intimidade, no sentido de voltar-se não apenas à sociedade como um todo, mas ainda a um indivíduo em particular. O regionalismo ou identidade local faz o rádio levar informações locais ao espectador, dando visibilidade aos fatos da região onde ele mora.

O rádio não só ensina, veiculando informações, mas também surpreende com sua programação. Por ser um agente de informação e formação, possui uma função social importante, disponibilizando informações de utilidade pública, fornecendo informações de inúmeras esferas sociais (educação, saúde, política, economia, cultura, meio ambiente, arte, entre outras), divulgando ideias e ideais. Segundo Xavier (2006, p.15-6):

Esse veículo também tem propiciado trocas de informações importantes, além de servir como propagador de educação a distância, contribuindo, dessa forma, para a implantação de políticas públicas de educação que visam à cidadania e, por conseguinte, à melhoria da qualidade de vida dos povos com difícil acesso aos benefícios e privilégios da escolarização e da modernidade.

Há, ainda, uma função comunitária – que também é social –, na medida em que pode tornar o cidadão crítico e reivindicador de seus direitos, bem como conhecedor de seus deveres, representando os interesses e propósitos do indivíduo e da sociedade, no que diz respeito à prestação de serviço público. O rádio é, ao mesmo tempo, um veículo massivo e particular que abarca um sistema significativo de informações, emoções e sensações a um e a muitos espectadores (MCLEISH, 2001).

Thompson (1998) menciona três tipos de interação em que se inserem os meios de comunicação, inclusive o rádio: *a face a face*, na qual os parceiros comunicativos interagem dialogicamente num contexto copresencial e num mesmo sistema referencial de espaço e de tempo; *a mediada* que dispõe de um meio técnico na transmissão das informações e dos fatos aos parceiros da comunicação, podendo variar o tempo e o espaço; e *a quase mediada*, em que as relações sociais estabelecidas pelos veículos comunicativos dão-se por meio do fluxo de informações levadas a um número elevado de espectadores, de forma unidirecional/monológica.

Os novos aparatos tecnológicos têm promovido o melhoramento do radiojornalismo, da paisagem sonora, devido à maior acessibilidade e disposição de equipamentos para gravar entrevistas, reportagens, notícias, entre outros materiais de cunho jornalístico, os quais, por sua vez, podem ser chamados de gêneros jornalísticos. Assim, o radiojornalismo, propagado em múltiplas plataformas, e seu material radiofônico ganham destaque na atualidade pelos recursos utilizados na produção do material jornalístico, tais como: blogs, sites, redes sociais que medeiam a interação entre o radialista, jornalista, locutor ou apresentador – essa nomenclatura depende da atribuição do profissional do jornalismo – e o espectador/interlocutor.

De acordo com César (2009), a linguagem do rádio baseia-se em quatro elementos que são a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio. A palavra diz respeito ao conteúdo falado pelos interactantes em uma notícia, reportagem, entrevista, um comentário. O conteúdo falado veicula ideias, argumentos e reflexões acerca de um referido tópico, quando associado a técnicas de voz, ao conhecimento que se tem do assunto, à coerência, à simetria e ao ordenamento das palavras. A música que consiste em combinar harmoniosamente os sons, o que ocorre ao se definirem os gêneros e os ritmos da programação da emissora, formando uma *playlist*.

Os efeitos sonoros contribuem para tornar a linguagem, a programação e a comunicação mais atrativas, entusiasmantes, independentemente da duração, do formato, tipo de texto ou conteúdo, desde que a mensagem seja clara e compreensível ao espectador. O silêncio é marcado pela ausência do som e constituído por pausas, intervalos, hesitações e pode indicar dúvida, reflexão, sentimentos, processamento de informações e/ou compreensão da linguagem; deve ser utilizado criteriosamente para não comprometer a comunicação radiofônica.

Percebe-se, junto a essas informações, que a linguagem radiofônica sugere plasticidade, dinamismo, flexibilidade, por agregar vinhetas, efeitos sonoros, música, vários estilos de locução e os emolduramentos ou links de improviso (entradas relativas ao ouvinte, à emissora, às músicas, a blocos ou programas, a noticiários, entradas de comerciais), versatilizando os seus elementos e recursos.

Para Xavier (2006), o comunicador se utiliza de estratégias verbais que estimulam e favorecem a interação radiofônica entre os parceiros comunicativos; a exemplo da entrevista, em que o circuito da comunicação dá-se por entrevistador-

entrevistado-ouvinte. Essas estratégias são as repetições, os marcadores conversacionais e as marcas de envolvimento e constroem a interação dialogicamente pela atividade/atitude responsiva ativa dos interactantes e busca uma compreensão responsiva ativa do ouvinte (BAKHTIN, VOLOCHINOV, 2006).

Seguindo esse raciocínio, Van Dijk (1992) diz que, na interação social, vários interactantes realizam uma sequência de ações, conjunta ou separadamente, simultânea ou consecutivamente, o que se aplica à linguagem e ao espaço interativo do radiojornalismo entre comunicador e espectador, pois o comunicador produz um número maior de ações verbais em relação ao ouvinte. Essas ações devem ser coerentes e estar relacionadas ou conectadas entre si; o comunicador, por sua vez, deve levar em conta o público-espectador e/ou seu parceiro comunicativo para que a interação se efetive.

O que se pode depreender das pontuações do referido teórico é que as ações são práticas linguísticas, verbais e/ou não verbais que implicam a interação entre os participantes do evento de fala. Van Dijk (1992) salienta que a interação pode ser unilateral e bilateral. Na interação unilateral, um interactante é agente único do processo interacional e realiza uma ação ou uma sucessão ordenada de ações, a qual afeta várias pessoas tidas como objeto de tais ações.

Na interação bilateral, mais de um agente/interactante realiza uma ação ou uma série ordenada de ações conjunta, simultânea ou separadamente. Conforme Xavier (2006), a ideia de interação e conectividade de ações (linguísticas, verbais e não verbais) aplica-se à interação radiofônica, chamando-a de evento verbal interacional, por comunicador e audiência executarem ações consecutivas, relacionadas e, sequencialmente, coerentes, mesmo não sendo simultâneas.

É indiscutível o fato de que as ações do comunicador predominem sobre as ações da audiência, uma vez que é ele quem conduz e alimenta a interação, ao tornar conversacional o seu discurso, ou seja, quando simula o turno do ouvinte dentro do seu próprio turno. É o radialista quem inicia e finaliza a Interação Radiofônica, até porque o seu papel de comunicador-apresentador-âncora, na estrutura de produção do evento, exige que ele assim proceda. (XAVIER, 2006, p.68).

Levando em consideração, os diversos critérios vandijkianos dos diversos formatos de eventos interacionais, Xavier (2006) diz que, na interação radiofônica, o comunicador, numa situação face a face ou a distância (mediada), realiza uma sequência de atos de fala, controla a interação, instiga, provoca e leva o outro à

réplica, veicula informações numa situação social que atinge um número significativo de espectadores, realiza o evento de fala de forma estruturada e organizada, objetiva entreter e informar. Ademais, a interação radiofônica, assim como um evento de fala espontâneo, deve apresentar os princípios forjados por SSJ (1974).

A aplicação das ferramentas das redes sociais ao radiojornalismo, a fim de estabelecer vínculos e divulgar informações, enquadra a radiofonia em um momento promissor que privilegia a qualidade, criatividade, rapidez, o imediatismo e o conteúdo, materializados na oralidade, que norteia o objetivo maior do rádio – a comunicação – por intermédio das diversas formas de transmissão da informação ou da palavra falada.

Desse modo, o texto falado, além de ser flexível para atingir o propósito comunicativo desejado, permeia as relações sociais, atendendo às diversas necessidades da sociedade. Necessidades de comunicar-se, de interagir, de conversar, de manter-se informado, dentre outras. Tudo isso por meio da palavra falada, o que denota a importância da oralidade – por que não dizer dos Estudos Conversacionais que regem as práticas linguísticas orais e a análise dos aspectos conversacionais dos textos orais, tanto no radiojornalismo quanto em qualquer outra esfera da comunicação.

Nessa perspectiva, a realização de entrevistas, por exemplo, depende de trocas comunicativas entre interactantes (entrevistador e entrevistado). Assim, não há conversação nem interação senão por meio da oralidade, nesse contexto, mediatizada, isto é, por meio da linguagem radiofônica no processamento dos conteúdos. Conforme Cunha (2010, p.2):

Oralidade permanece sempre sendo oralidade, mas existindo por intermédio de diversas formas de transmissão da palavra criadas pelo homem. Neste ponto, a oralidade começa a ser cruzada com as plataformas tecnológicas que lhe dão suporte para produção dos conteúdos radiofônicos.

Ao ser observado e analisado sob a ótica de suas adaptações, nos diferentes panoramas ou contextos históricos, o rádio, que se baseia na oralidade, evidencia sua estabilidade e seu valor de permanência, em relação ao conteúdo e aos ambientes midiáticos, responde a questionamentos, faz provocações às audiências, obedece às regras ou aos padrões culturais, históricos, sociais e, principalmente, linguísticos.

5 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A metodologia aplicada neste trabalho se impõe a partir do objeto teórico de análise e da linha de pesquisa adotada/percorrida, cujo embasamento se dá nos Estudos Conversacionais, contemplando dados verbais descritos, comparados e analisados, obedecendo a critérios ligados à própria teoria. Dessa maneira, a pesquisa segue a linha qualitativa, por agregar os aspectos teorizados à sua prática linguística, procedendo a análises descritivo-interpretativas de maneira processual.

A pesquisa de linha qualitativa privilegia o processamento de informações, a descrição de dados, a flexibilidade e subjetividade no estudo analítico, ênfase na qualidade em vez de na quantidade. A respeito da pesquisa nessa linha, Flick (2009, p.23) salienta:

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos.

Assim, esses aspectos essenciais caracterizam a pesquisa qualitativa por possibilitarem ao pesquisador se apropriar de métodos e teorias que expliquem o fenômeno, observar as perspectivas que servem de base para a análise do objeto teórico, refletir acerca de questões levantadas, bem como da abordagem e do método explorados no desenvolvimento do seu trabalho.

Ainda sobre o processo de pesquisa qualitativa, Flick (2009) enfatiza que esta abrange uma compreensão específica da relação entre o que se aborda (tema) e como se procede ao estudo (método), o que se explica por o pesquisador ter de escolher uma linha metodológica que permita o entendimento dos elementos linguísticos presentes no objeto teórico, a exemplo deste trabalho cuja análise se centra na entrevista oral radiofônica.

Na pesquisa qualitativa, quem pesquisa se torna parte do ambiente de investigação, mantém contato direto com o objeto de estudo investigado, e a realidade é construída, dinâmica e contextualizada. As pesquisas nessa abordagem descrevem a complexidade de uma dada hipótese ou problema, analisam a interação de certas variáveis, compreendem e classificam processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentam contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de um dado grupo e permitem a

interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos (OLIVEIRA, 2002).

Esta pesquisa tem como universo o campo do radiojornalismo, lugar de onde provém a realização de várias possibilidades de gêneros textuais, como a notícia, a reportagem, a propaganda, a exposição de opinião pessoal, entre outras categorias de gênero. A entrevista oral radiofônica pertence a esse universo de possibilidades, constituindo, assim, o *corpus* essencial deste trabalho formado 40 (quarenta) entrevistas orais, cujos encontros conversacionais gravados, em uma emissora de radiojornalismo da região local, foram minuciosamente ouvidos e transcritos. Como as análises sempre se repetem, foi retirada uma amostragem composta por 8 (oito) entrevistas que representassem os pontos teóricos pretendidos.

Optou-se pela entrevista oral no radiojornalismo, por ser um gênero textual da modalidade oral, cujos momentos entre os interactantes são transmitidos instantaneamente pelo rádio, e por ser um evento de fala organizado/estruturado e constituído por categorias conversacionais – neste trabalho, a categoria assimetria – que permitem a análise do referido objeto teórico.

Além disso, a interpretação dos dados linguísticos coletados toma por base conversações face a face, as quais são eventos comunicativos constituídos pelos seguintes fatores mencionados previamente neste trabalho: situação discursiva, evento de fala, tema do evento, objetivo do evento, grau de preparo necessário para efetivação do evento, participantes, relação entre participantes e canal utilizado para a realização do evento (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 1999).

5.1 Contextualização metodológica da pesquisa: os Estudos Conversacionais

A perspectiva teórica que subjaz à pesquisa qualitativa nos Estudos Conversacionais baseia-se na forma como o objeto de análise pode ser compreendido e abordado, bem como no foco metodológico. As posturas teóricas nessa linha também abrangem o interacionismo simbólico e a etnometodologia. A primeira diz respeito ao estudo dos significativos subjetivos e à forma como os indivíduos constroem individualmente o significado atribuído a suas atividades e a seus ambientes; a segunda estuda como as realidades sociais, as rotinas da vida

cotidiana são construídas, como as atividades cotidianas triviais significam nos processos interativos.

Somado a isso, a Análise da Conversação de enfoque etnossociológico pressupõe que o evento de fala seja organizado, verifica como se dá sua estruturação e engloba o contexto, isto é, a situação comunicativa das conversações naturais. A AC centra-se na análise formal de situações cotidianas de interação verbais e não verbais, abrangendo desde conversas telefônicas, fofocas, conversas em família, conversas espontâneas, até eventos comunicativos mais específicos, como entrevista com especialistas, com autoridades, com pessoas públicas, a conversa de aconselhamento, as interações entre médico e paciente, as conversações em instâncias judiciais, enfim, conversações em contextos institucionais específicos (FLICK, 2009).

Conforme Flick (2009), os procedimentos metodológicos da Análise da Conversação (língua falada) compreendem a realização de gravações de interações naturais, a transcrição e organização dos eventos conversacionais, análise das interações e discussão dos mecanismos linguísticos que regem as conversações. Nesse sentido, é possível investigar por meio de análises de conversações como os interactantes iniciam e encerram os eventos de fala e quais as práticas linguísticas que organizam as interações.

No que se refere aos preceitos metodológicos para estudos analíticos de conversação, outro aspecto fundamental à interpretação dos dados verbais é o procedimento estritamente sequencial da fala, o qual ocorre por intermédio do revezamento das falas e dos pares adjacentes. Além disso, a compreensão da sequência das falas e a análise das conversações baseiam-se no contexto e na produção do significado e das práticas interacionais.

Levando em conta que a conversação é vista como um fenômeno linguístico, ou melhor, como uma atividade fundamentalmente linguística, de interação social, com estrutura e unidades próprias e independentes, Cestero Mancera (1994), em seu estudo sobre o intercâmbio (troca) de turnos de fala na conversação em língua espanhola, apresenta princípios metodológicos que subjazem os estudos em Análise da Conversação e que contribuem para investigar qualquer interação social, como: 1) coleta de dados, isto é, de conversações naturais em contextos diversos; 2) transcrição minuciosa dos dados; e 3) descrição detalhada/análise dos dados, a

partir das transcrições, observando a estrutura formal da conversação e analisando os elementos constituintes e caracterizadores das alternâncias de turnos de fala.

Num estudo posterior, intitulado *El intercambio de habla en la conversación (análisis sociolingüístico)*, Cestero Mancera (2000) amplia esses princípios e ratifica que os Estudos Conversacionais, ao analisarem momentos interativos em situações cotidianas e reais, contemplam quatro procedimentos metodológicos: 1) coleta de materiais/dados; 2) transcrição minuciosa das gravações; 3) análise dos materiais/dados; 4) apresentação dos resultados.

O primeiro passo efetiva-se a partir da gravação das conversações naturais, que ocorrem em diferentes situações comunicativas, ou seja, em contextos distintos. As gravações permitem que os dados verbais sejam ouvidos e transcritos minuciosamente e que o pesquisador observe continuamente a interação, voltando a segmentos do evento de fala para desenvolver as análises, a exemplo das entrevistas orais.

A coleta de dados verbais compõe um dos instrumentos metodológicos da pesquisa qualitativa, considerando que o seu percurso é traçado com especificidades para a estruturação da coleta de dados. Assim, é possível concentrar as entrevistas em tópicos específicos, enquadrando-as segundo um direcionamento temático. Essas entrevistas apoiam-se em perguntas e respostas e numa situação discursiva, bem como se centram tematicamente em questões voltadas à educação, ao meio ambiente, à saúde, à cultura e a problemas (questões) sociais.

Na pesquisa qualitativa, percebe-se que, à proporção que o pesquisador coleta os dados, também pode interpretá-los imediatamente, possibilitando o andamento de uma próxima etapa da pesquisa. Essa etapa constituiu um dos momentos deste trabalho, em que se gravaram as entrevistas, transcreveram-se e interpretaram-se previamente os dados, analisaram-se os fenômenos linguísticos referentes à pesquisa e apresentaram-se os resultados obtidos.

A pesquisa qualitativa trabalha com dados qualitativos, restando aos números e às tabelas quantitativas o auxílio na interpretação qualitativa desses dados (MOREIRA, 2002). Assim, os dados qualitativos referem-se àqueles que têm por objetivo primordial entender ou interpretar com maior abrangência os fenômenos analisados, como um evento de fala específico e elementos/fenômenos que o regem. Esses dados, representados no *corpus*, são amplos e incluem os elementos

verbais, não verbais e paraverbais, isto é, fenômenos encontrados nas linguagens verbal e não verbal. O trabalho com a entrevista oral restringe-se, especificamente, ao estudo interpretativo da linguagem verbal, no que é referente a pontos que revelem a interação radiojornalística.

O segundo passo refere-se à transcrição do material coletado de maneira pontual/criteriosa. Constitui um procedimento fundamental à pesquisa, por tornar possível a escuta repetida das gravações e, conseqüentemente, por facilitar a identificação dos fenômenos linguísticos que regem o objeto teórico.

Quanto à transcrição, conforme Marcuschi (2005, p.49), é entendida nos seguintes termos: “Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados”, isto é, transcrever consiste em transferir do plano sonoro para o gráfico.

Os encontros conversacionais gravados devem ser minuciosamente ouvidos, do ponto de vista linguístico, porque “Todo o funcionamento lingüístico (*sic*), por mais espontâneo e informal que seja, segue algum tipo de planejamento, pois, quando falamos, seguimos regras e não podemos fazer qualquer coisa” (MARCUSCHI, 2007, p.62). Assim, no momento de uma transcrição, a textualização da fala deve ser criteriosa. O fato de a transcrição do *corpus* ser minuciosa não implica que ela seja a melhor, pois, segundo Marcuschi ([1986] 2003, p.9):

Não existe a melhor transcrição. Todas são mais ou menos boas. O essencial é que o analista saiba quais os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados.

Nesse caso, as normas de transcrição possibilitam que aspectos pertinentes à análise sejam fixados. Além disso, é importante que se utilizem a gravação e a transcrição, a fim de que se delimitem os fenômenos linguísticos e não se percam dados relevantes ao processo. Foram utilizados os critérios para transcrição das entrevistas, seguindo as indicações de Marcuschi ([1986] 2003).

Realizadas a gravação e transcrição das entrevistas orais, o terceiro passo consiste na análise descritivo-interpretativa dos dados, de forma detalhada, a partir das conversações transcritas. Examinam-se minuciosamente fenômenos linguísticos do evento de fala, como os paralelismos sintático e semântico, a paráfrase, a repetição e as modalidades linguísticas, categorias textuais e conversacionais escolhidas para este trabalho.

Os Estudos Conversacionais seguem o método indutivo, por inexistirem modelos *a priori*; a partir desse método, analisam-se situações interativas reais produzidas intuitivamente pelos interactantes, e o fenômeno linguístico é investigado, interpretado e explorado a partir dos dados.

O quarto passo refere-se à apresentação dos resultados por intermédio das análises realizadas pelo analista da conversação, com base nos aspectos teóricos e práticos, apresentando as conclusões pertinentes, o que é possível devido à AC estudar regularidades e mecanismos das conversações e analisar ações e estratégias interativas utilizadas pelos interactantes para realizar seus propósitos comunicativos e estabelecer as relações sociais.

A coleta dos dados conversacionais, a transcrição minuciosa das entrevistas orais, bem como as análises dos momentos interativos e a apresentação dos resultados (CESTERO MANCERA, 2000) constituíram passos importantes na constituição e interpretação dos sentidos do evento de fala.

5.2 Contextualização metodológica dos dados verbais: as entrevistas

A entrevista pode ser vista como técnica de pesquisa qualitativa no âmbito metodológico e como um evento de fala que compreende elementos textuais e conversacionais passíveis de análise, apesar de as entrevistas que formam o *corpus* deste trabalho não terem sido realizadas, tampouco os questionamentos acerca de cada temática terem sido elaborados pelo pesquisador, é possível caracterizá-las tomando por base as acepções teóricas de Flick (2009) e de Moreira (2002).

Os vários tipos de entrevista percorrem caminhos distintos para atingir objetivos semelhantes. Assim, é importante que o entrevistador esteja familiarizado com o tópico discursivo para que a entrevista seja conduzida com êxito e os entrevistados esclareçam fatos/informações por meio de perguntas específicas, relevantes e compreensíveis. Essas entrevistas norteiam a realização do evento de fala e contribuem para responder às questões da pesquisa.

Nesse contexto, têm-se as entrevistas semiestruturadas. Na entrevista semiestruturada, o entrevistador segue uma ordem predeterminada quanto às perguntas, podendo haver o levantamento de outros questionamentos ao longo do evento de fala, dependendo das respostas dos entrevistados. São entrevistas que otimizam o tempo disponível, tratam sistematicamente os dados, selecionam

temáticas para aprofundamento e introduzem novas questões. Além disso, o entrevistador participa ativamente do evento de fala e pode fazer perguntas adicionais que possibilitem o esclarecimento de fatos e a compreensão do contexto.

O sucesso na condução das entrevistas depende não apenas da temática e do objetivo previamente definidos por parte dos interactantes, mas ainda da competência situacional do entrevistador e de alguns critérios que também podem ser aplicados aos dados verbais por ocasião das entrevistas. Esses critérios são não direcionamento, especificidade, espectro, profundidade e contexto pessoal; sua efetivação depende da situação real da entrevista e da forma como ocorre (FLICK, 2009).

Dessa maneira, o não direcionamento materializa-se por intermédio de diversas formas de perguntas: as estruturadas, semiestruturadas e as não estruturadas. O critério da especificidade implica a obtenção de informações específicas na entrevista, a fim de que esta forneça elementos específicos, significativos e esclarecedores em relação ao que está sendo tratado, de modo que isso determine o impacto ou o significado de uma situação/um evento. O critério do espectro visa garantir o esclarecimento de todos os aspectos e tópicos no momento da entrevista, o que assegura também um nível de informatividade considerável do que é posto.

Por intermédio do espectro, o entrevistador pode admitir que o entrevistado sugira novos tópicos, mas que estes sejam controlados e (re)orientados pelo entrevistador, sobretudo se o entrevistado desviar-se do assunto proposto, o que não é o caso das entrevistas orais deste estudo. A profundidade e o contexto pessoal dão condições de os entrevistadores obterem dos entrevistados respostas que ultrapassem avaliações ou julgamentos simples, de os entrevistados tecerem comentários que elevem o grau de profundidade das informações e de o conteúdo conversacional ser flexível para o movimento da conversação.

As entrevistas semiestruturadas apresentam critérios que confluem na realização de vários tipos de entrevista, inclusive na tipologia em que se enquadra metodologicamente aquela utilizada para este trabalho – a entrevista centrada no problema. A nomenclatura não significa necessariamente que a entrevista se dê em função de um problema social, econômico, político ou cultural, mas se dê em torno de uma questão que pode ser esclarecida, por meio de informações obtidas na

conversação entre entrevistador e entrevistado, sem desconsiderar a situação discursiva (o contexto).

Flick (2009) apresenta três critérios centrais da entrevista centrada no problema: centralização no problema pesquisado (a orientação do pesquisador para um problema social relevante); orientação ao objeto pesquisado (desenvolvimento ou modificação de métodos em função do objeto de pesquisa); e orientação ao processo, com vistas a conduzir o processo de pesquisa e entender o objeto de análise.

Essa modalidade de entrevista focaliza “quatro estratégias comunicativas: a entrada conversacional, as induções geral e específica e as perguntas *ad hoc*” (FLICK, 2009, p.155). A entrada conversacional diz respeito aos aspectos temáticos de que resultam as respostas às perguntas e marca o início do diálogo. A indução geral oferece informações adicionais e detalhes sobre dado fato.

A indução específica, de caráter ainda mais minucioso e profundo quanto às informações dadas, leva o entrevistador a promover uma reflexão sobre os enunciados do entrevistado, além de levantar questões, a fim de que este as responda. Para a obtenção de informações consistentes, o entrevistador deve dispor de clareza no discurso e manter uma boa atmosfera na conversa. As questões *ad hoc* possuem uma finalidade específica e asseguram o andamento da entrevista (do tópico discursivo).

Reunindo as considerações acerca dos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa, nos quais estão inseridos o universo da pesquisa, a análise das conversações (dados verbais) e as entrevistas, proceder-se-á à análise dos momentos interativos à luz da metodologia adotada.

5.3 Análises dos momentos interativos

Analisar-se-ão, a seguir, 8 (oito) momentos interativos constituídos por fragmentos maiores do *corpus* deste trabalho. As análises contemplarão as categorias elucidadas ao longo do trabalho, bem como outros aspectos que sirvam de base para explicar a assimetria na entrevista radiojornalística.

5.3.1 Análise do momento interativo 1

O evento de fala representado pelo momento interativo 1 (um) tem como tópico discursivo uma obra escrita por um aluno de uma IES, estimulado a partir da leitura de obras do projeto Biblioteca Y também foco da discussão. L1 é entrevistador e L2 e L3, entrevistados.

Esse evento de fala ocorreu no estúdio radiojornalístico, numa determinada situação temporal, em que o locutor L1 (interactante) controla a interação e dirige-se aos parceiros comunicativos L2 e L3 para atingir o propósito discursivo, levando as informações ao público-espectador.

Assim, há um objetivo discursivo que se explica por discutir uma produção intelectual, bem como reforçar a importância da leitura e do acesso a obras que estimulem a leitura e a escritura de textos literários, como faz o projeto de biblioteca. O canal da comunicação é a voz (linguagem verbal), pois o referido evento de fala realiza-se face a face no estúdio de radiojornalismo, embora as informações sejam transmitidas aos espectadores por meio do rádio.

O momento interativo 1 (um) pode ser caracterizado como um evento situacional, por haver um objetivo e tema previamente definidos, o que indica a existência de um grau de preparo na realização do evento, e por caracterizar-se segundo normas convencionalizadas (SANTOS, 1999), considerando que o discurso dialógico é de caráter institucional, a situação discursiva é pública e formal e que a entrevista segue princípios norteadores de ordem estrutural e ética.

Inicialmente, a assimetria justifica-se, nesse evento de fala, pelo fato de o entrevistador exercer controle e poder na interação verbal. Em nível macro, o poder social constitui-se pelas práticas institucionais que regulamentam o discurso jornalístico (MARCUSCHI, [1988] 1991). Em nível micro, o poder social manifesta-se por meio das relações interpessoais firmadas pelos interactantes do evento de fala e pelo controle dos tópicos, das formas de tratamento, do tempo de permanência no turno conversacional, da sobreposição de vozes, da tomada de turnos e da seleção de determinados segmentos da fala do outro (SANTOS, 1999).

Desse modo, é possível verificar, nesse evento de fala, que L1 (entrevistador) controla a interação verbal, levando em conta os papéis interacionais (entrevistador-entrevistado), os pares adjacentes (pergunta/resposta, cumprimento/cumprimento) e as relações interpessoais firmadas por intermédio das formas de tratamento. Esses

elementos constituem, por um lado, uma relação de poder explícita, conforme Santos (1999), devido ao papel dos interactantes no processo interacional e do *status* social destes; por outro lado, constituem uma relação de poder implícita, a partir do momento em que os interactantes absorvem ou repetem segmentos da fala do outro, como uma estratégia verbal que garante a posse ou a manutenção do turno, a progressão textual e o controle da conversação.

Nesse evento de fala, a assimetria é assegurada pelas seguintes categorias que apresentam variabilidade: idade (diferentes faixas etárias), o sexo (masculino e feminino), a posição social (diferentes classes sociais), a formação (nível de escolaridade variado), a profissão (habilidade de formação) e a relação entre os participantes (desconhecidos).

Esse evento de fala apresenta assimetria global e local (MARCUSCHI, 1995). A assimetria global aparece, em virtude do poder social e da autonomia exercidos pelo entrevistador, bem como das práticas institucionais que esse interactante utiliza para exercer as relações de poder e obter informações do entrevistado; a assimetria local acontece, pois o poder social existente comprova a existência de um locutor L1 que controla e desenvolve o tópico e os turnos, num evento situacional/formal regido por pares adjacentes como a díade pergunta/resposta, numa relação imediata de interação verbal. Além disso, L1 (entrevistador) seleciona os falantes, o que é comprovado por sua escolha – em primeiro lugar, ele conversa com L2 e, em segundo lugar, com L3. Nesse sentido, pode caracterizar essa interação como sendo assimétrica e cooperativa, porque os interactantes possuem papéis complementares (SANTOS, 1999).

A ordem e o tamanho variáveis dos turnos definem a assimetria do referido momento interativo, pois este apresenta turnos nucleares em L1 (entrevistador) e turnos inseridos em L2 (entrevistado). A assimetria também é marcada pelas relações interpessoais (verticais) e operacionalizada pelos relacionemas verticais. A relação vertical é, essencialmente, dissimétrica, por estabelecer uma relação de poder, hierarquia, dominação ou relação de lugares (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006), razão por que a assimetria se materializa, já que se constitui mediante a dimensão gradual (troca entre entrevistador e entrevistado).

A relação de lugares é assegurada pelos relacionemas verticais (marcadores verbais), quais sejam: os nomes e as formas de tratamento – “gente... olha tô recebendo aqui no estúdio o:: **TF**... né? que é **estudante** e **escritor** e também a **PN**

que é **coordenadora da biblioteca da instituição**” (Exemplo 30 – Fonte: *corpus* da pesquisa). O tratamento **você**, utilizado por L1, também exprime uma relação fortemente hierarquizada.

Vê-se que os nomes de tratamento também revelam a distância social e a relação de lugares ocupada pelos interactantes, inclusive por L1 (entrevistador) que se dirige aos parceiros comunicativos (L2 e L3) formalmente, caracterizando o funcionamento assimétrico; cumprimento-cumprimento ou agradecimento-agradecimento em “L1 [...] deixe eu cumprimentar aqui o T... tudo bom T?... prazer recebê-lo aqui nos estúdios L2 obrigado... o prazer é todo meu” (Exemplo 31 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

No que diz respeito à sobreposição de vozes, L1 sobrepõe a sua fala à de L2, demonstrando controle sobre o evento de fala.

L2 ah eu gosto... os livros que eu mais gosto de ler são os de romance... porque é um livro que traz um ensinamento... traz uma mensagem bonita... então... os primeiros livros que eu comecei a ler foram no Biblioteca Y foram os romance... eu li quase todos os romance da biblioteca volante... então eu já tinha histórias na mente só que eu nunca tive coragem de escrever... foi com o incentivo da bibliotecária que vinha na biblioteca ela disse olhe T escreva... não tenha medo escreva arrisque

L1 [mas começou como? você começava a escrever um texto... aí mostrou... aí de repente o pessoal disse olha você tem jeito escrevendo

L2 [não... eu sentava logo e ia preparar... sentava logo e ia digitando... aí o primeiro livro mesmo deu quase quinhentas páginas

L1 esse não é o primeiro livro?

L2 não... o primeiro livro mesmo eu fiz... mas não

L1 [não publicou... apenas fez (Exemplo 32 – Fonte: *corpus* da pesquisa)

A modalidade e modalização também concretizam assimetria por meio dos operadores modais. No momento interativo em análise, aparecem: expressões cristalizadas do tipo “é+adjetivo” – “é *estudante e escritor*”, “é *coordenadora*”, “é *uma obra inédita*”, “*não é um leitor ele é um devorador de livros*”; certos advérbios modalizadores – “*uma obra muito interessante*”, “*papo muito legal*”, “*gosta muito de ler*”, “*carência tão grande*”, “*tem muita gente*”; formas verbais perifrásticas – “*tô recebendo*”, “*tem dizendo*”, “*a gente vai falar*”, “*a gente vai poder falar*”, “*vai ser*”;

orações modalizadoras – “*eu achei que o meu produtor F*”, “*uma carência tão grande que nós temos de bons espaços*”, “*eu admiro quem escolhe química física*”, “*eu não gosto mesmo*”; construções de auxiliar+infinitivo – “*a gente vai falar*”, “*a gente vai poder falar*”, *vai ser*; verbos de atitude proposicional – “*eu aliás admiro*”, “*eu não gosto*”, “*eu achei*”; entonação: *obra iNÉdita*, *matéria peSAda*; pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo – “*qual era*”, “*você começava*”, “*não que eu não desenrolasse*”; operadores argumentativos: *também*, *um pouco*, *um pouquinho*, *mesmo*, *apenas*; o uso do imperativo – “*deixe eu cumprimentar*”.

As modalidades linguísticas aparecem por intermédio desses operadores modais quando afirma, interroga, expressa certeza e opinião no diálogo com L2, o que pode ser observado em: “*eu aliás admiro quem escolhe química física... era meu terror quando eu era mais novo...*” (Exemplo 33 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “*rapaz uma carência tão grande que nós temos de bons espaços... pra que as pessoas possam né? ter uma boa leitura ou encontrar boas obras... tem muita gente que sequer conhece o espaço né?*” (Exemplo 34 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “*L1 esse não é o primeiro livro?*”, “*L1 qual era o livro?*” (Exemplo 35 – Fonte: *corpus* da pesquisa). A modalidade/modalização e os relacionemas verticais são elementos que podem ser mais bem visualizados na tabela 1.

Tabela 1 – Categorias que propiciam a assimetria

Categorias	Exemplos
Operadores modais (modalidade e modalização)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ orações modalizadoras – “<i>eu achei que o meu produtor F</i>”, “<i>uma carência tão grande que nós temos de bons espaços</i>”, “<i>eu admiro quem escolhe química física</i>”, “<i>eu não gosto mesmo</i>”;
Relacionemas verticais	<p>A relação de lugares é assegurada pelos relacionemas verticais, quais sejam: as formas de tratamento – “<i>gente... olha tô recebendo aqui no estúdio o:: TF... né? que é estudante e escritor e também a PN que é coordenadora da biblioteca da instituição”.</i></p> <p>O tratamento você, utilizado por L1, também exprime uma relação fortemente hierarquizada.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2016)

O paralelismo sintático pode ser observado no exemplo a seguir, em que L1 introduz o evento de fala, revelando o tópico e fazendo algumas perguntas a L2:

L1 gente... olha tô recebendo aqui no estúdio o:: TF... né? **que é estudante e escritor** e também a PN **que é coordenadora da biblioteca da instituição** e **a gente vai falar** um pouco sobre essa obra um gesto de amor que é uma obra inédita... né? e eu achei que o meu produtor F **ele não é um leitor ele é um devorador de livros** né? **ele adora** né? e **ele disse** olha O é um bate-papo uma obra muito interessante né? vai ser um papo muito legal porque eu também sou um cara que gosta muito de ler... e **a gente vai falar um pouquinho** sobre essa obra **falar um pouquinho** também sobre a biblioteca da instituição... rapaz uma carência tão grande que nós temos de bons espaços... pra que as pessoas possam né? **ter uma boa leitura ou encontrar boas obras**... tem muita gente que sequer conhece o espaço né? e **a gente vai poder também falar** sobre esse assunto... deixe eu cumprimentar aqui o T... tudo bom T... prazer recebê-lo aqui nos estúdios [...]

L1 agora aqui vo/ tem dizendo que **você é estudante e escritor**... você é estudante de que T? [...]

L1 [...] e de repente você vai né? e escreve um livro que tem tudo a ver **com sensibilidade** né? com com **com carinho** né? **com um gesto de amor**... [...]. (Exemplo 36 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

É possível verificar a recorrência de estruturas no momento interativo 1, em que a progressão textual é construída por itens lexicais diferentes, mas de mesma estrutura sintática. Nesse fragmento, L1 inicia seu turno, situando os espectadores dos tópicos (assuntos) que serão tratados ao longo da entrevista, isto é, da obra escrita (romance) por um aluno de uma IES, estimulado a partir da leitura de obras do projeto Biblioteca Y, e do projeto em si.

A similaridade de estruturas sintáticas ocorre quando L1 faz uso dos sintagmas adjetivais em: “*que é estudante e escritor*” e “*que é coordenadora da biblioteca da instituição*”, nos quais se encontram as expressões nominais equivalentes “*estudante*” e “*escritor*”; “*da biblioteca da instituição*”, sintagmas adjetivais referentes ao termo *coordenadora*; e dos termos *estudante* e *escritor* (sintagmas adjetivais) em “*você é estudante e escritor*”. A simetria de construção ocorre também quando L1 diz que o livro de L2 estabelece relação com os sintagmas preposicionados *com sensibilidade*, *com carinho*, *com um gesto de amor* em “*escreve um livro que tem tudo a ver com sensibilidade né? com com com carinho né? com um gesto de amor*”. (Exemplo 37 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

A equivalência sintática dá-se também por meio das expressões verbais e dos complementos em: “*e a gente vai falar um pouquinho sobre essa obra falar um pouquinho também sobre a biblioteca da instituição [...] e a gente vai poder também falar sobre esse assunto*” (Exemplo 38 – Fonte: *corpus* da pesquisa); ocorre também

por intermédio dos tempos verbais em: “*ele não é, ele é*”, “*ele adora, ele disse*”; e das expressões correlatas em: “*ele não é um leitor ele é um devorador de livros*”.

O paralelismo semântico é observado quando L1 diz que conversará sobre a biblioteca da instituição e ressalta a carência de bons espaços como este da biblioteca volante, bem como a importância daqueles para proceder a boas leituras e encontrar boas obras. Essa equivalência semântica é construída também, quando L1 diz que conversará sobre a obra “*Um gesto de amor*”, destacando seu ineditismo e, em seguida, comenta que o produtor do estúdio radiojornalístico acredita ser um bate-papo apreciável, por ser uma obra “*muito interessante*”. O paralelismo semântico é evidenciado, ainda, por os interactantes garantirem a continuidade do tópico discursivo e manterem a equivalência semântica das informações, o que prova a unidade de sentido textual.

A paráfrase ocorre quando L1 reformula um segmento do enunciado matriz ou de origem, o que pode ser visto em: “L1 gente... olha tô recebendo aqui no estúdio o:: TF... né? que é estudante e escritor e também a PN que é coordenadora da biblioteca da instituição e a gente vai falar um pouco sobre *essa obra um gesto de amor que é uma obra iNÉdita... né?* (Exemplo 39 – Fonte: *corpus* da pesquisa). O referido exemplo destaca o ineditismo da obra “Um gesto de amor”, escrita por L2. Essa afirmativa é comprovada quando L1 parafraseia o enunciado de origem que destaca a exclusividade da obra apontada. A paráfrase se apresenta também quando L1 afirma: é um *bate-papo uma obra muito interessante né?* vai ser um *papo muito legal*”, tornando as palavras bate-papo, obra e papo sinônimas na interação, reformulando esses termos e parafraseando a expressão *muito interessante*.

A repetição pode ser visualizada no seguinte fragmento em que os segmentos destacados são repetidos estrategicamente por L1, com o intuito de organizar o discurso, reforçar e expandir as ideias, enfatizar as informações dadas pelo referido interactante e promover a coesão do diálogo.

L1 [...] **a gente vai falar** um pouco sobre essa obra um gesto de amor que é uma obra iNÉdita... né? e **eu** achei que o meu produtor **F ele** não é um leitor **ele** é um devorador de livros né? **ele** adora né? e **ele** disse olha O é um bate-papo uma obra muito interessante né? vai ser um papo muito legal porque **eu** também sou um cara que gosta muito de ler... e **a gente vai falar** um pouquinho sobre essa obra **falar** um pouquinho também sobre a biblioteca da instituição... [...] e **a gente vai poder também falar** sobre esse assunto... deixe eu cumprimentar aqui o T... tudo bom T... prazer recebê-lo aqui nos estúdios [...]
L1 agora aqui vo/ tem dizendo que **você é estudante** e escritor... **você é estudante** de que T?

L1 **química industrial**... né? uma matéria peSA::da... eu aliás admiro quem escolhe **química** [...] e de repente você vai né? e escreve um **livro** que tem tudo a ver com sensibilidade né? com com com carinho né? com um gesto de amor... como é o título do **livro**... essa sua outra face né? o **químico industrial** também é uma pessoa que gosta de falar de amor T?

L1 esse não é o primeiro **livro**?

L1 qual era o **livro**? (Exemplo 40 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

É possível observar no exemplo anterior que L1 repete o item lexical “eu”, para marcar o seu posicionamento sobre o produtor do estúdio e sua apreciação pela leitura. Em seguida, L1 repete o termo “ele”, enfatizando que as informações elucidadas referem-se ao produtor do estúdio. O entrevistador repete a construção suboracional “a gente vai falar”, para anunciar o tópico discursivo a ser tratado, bem como que a discussão será construída colaborativamente entre entrevistador e entrevistados, por isso o segmento repetido “a gente” expressa coletividade. L1 também repete segmentos (construções oracionais, itens lexicais) que dizem respeito a L2, quais sejam: “*você é estudante e escritor*”, “*você é estudante*”, “*química industrial*”, “*química*”, “*químico industrial*”, “*livro*”, “*título do livro*”, “*primeiro livro*”.

Desse modo, a assimetria é, muitas vezes, propiciada pelas categorias conversacionais elucidadas nessa análise (paralelismo, paráfrase, repetição, operadores modais, relacionemas verticais), pois o entrevistador detém o controle da interação verbal, mantém-se no turno ou transfere-o ao parceiro, mas assegurando a sua posição de dominância. Ainda que esses elementos contribuam para assegurar um diálogo assimétrico, a interação na entrevista radiojornalística pode acontecer de maneira relativamente simétrica. Isso ocorre, entre outros fatores, porque o evento de fala é uma construção colaborativa e, para que ele se efetive, ambos precisam estar engajados na conversação. As relações de poder marcadas pelos elementos já citados e pelos papéis interacionais que os parceiros da comunicação desempenham, evidenciam o caráter assimétrico da entrevista radiofônica. As categorias que inferem a interação assimétrica podem ser vistas com mais transparência na tabela 2 a seguir:

Tabela 2 – Categorias que propiciam a assimetria

Categorias	Exemplos
------------	----------

Paralelismo sintático	➤ ele não é um leitor ele é um devorador de livros, ele adora, ele disse.
Paralelismo semântico	O paralelismo semântico é assegurado quando L1 diz que conversará sobre a biblioteca da instituição e sobre a obra <i>Um gesto de amor</i> , garantindo a continuidade do tópico discursivo e mantendo a equivalência semântica das informações, o que prova a unidade de sentido textual e do tema em foco.
Paráfrase	➤ é um <i>bate-papo</i> uma obra muito interessante né? vai ser um <i>papo muito legal</i> '.
Repetição	L1 [...] você é estudante e escritor... você é estudante de que T? L1 química industrial ... né? uma matéria peSA::da... eu aliás admiro quem escolhe química [...]você vai né? e escreve um livro que tem tudo a ver [...] com um gesto de amor... como é o título do livro ... essa sua outra face né? o químico industrial também [...] gosta de falar de amor T? L1 esse não é o primeiro livro ? L1 qual era o livro ?

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2016)

5.3.2 Análise do momento interativo 2

O evento de fala, representado pelo momento interativo 2 (dois), tem como tópico conversacional a pauta de um curso de capacitação para professores, que trabalham com o ensino de alunos com necessidades especiais, profissionais da saúde e familiares de pessoas com tais necessidades. A entrevista dá-se pelo entrevistador, que será identificado por L1, e os entrevistados que serão identificados por L2 (AS) e L3 (PE).

O referido evento de fala ocorreu no estúdio de radiojornalismo e numa situação temporal específica, em que o locutor L1 (interactante/entrevistador) controla a interação e dirige-se aos parceiros comunicativos L2 e L3 (entrevistados), a fim de atingir o propósito dessa situação discursiva, conduzindo as informações ao público-ouvinte.

Dessa forma, há um objetivo discursivo por centrar-se em refletir sobre a importância da capacitação de professores e profissionais da saúde, os quais trabalham com pessoas que apresentam necessidades especiais, bem como da capacitação de familiares para auxiliarem na inclusão de pessoas deficientes na sociedade, de forma que elas realizem as mais diversas atividades normalmente no cotidiano.

O canal de comunicação é a voz (linguagem verbal), considerando a realização face a face do evento de fala no estúdio radiojornalístico, ainda que as

informações sejam levadas ao público-espectador por intermédio do rádio. Esse momento interacional é marcado por turnos nucleares, regulados por L1 (entrevistador) que, ao controlar esses turnos, contribui para determinar o diálogo como assimétrico e cooperativo. A assimetria é propiciada pelo poder e controle de L1 na interação, e a cooperação é evidenciada por entrevistador e entrevistado colaborarem para a construção do diálogo.

Em todo o momento interativo 2, L2 e L3 permanecem no turno por mais tempo, o que pode ser verificado pelo tamanho dos turnos e pelo tempo de permanência dos parceiros comunicativos L2 e L3 nestes. Embora isso ocorra, L1 (entrevistador) controla a interação e tem domínio sobre o evento de fala, pois, na posição de entrevistador, utiliza procedimentos estruturais e éticos para realizar a entrevista. Esses procedimentos incluem elaborar perguntas abertas e objetivas, escolher e organizar o eixo temático, recuperar e reencontrar o sentido na fala dos entrevistados – o que explica o par conversacional/ a díade pergunta-resposta –, ser flexível e saber ouvir o entrevistado, deixando-o esclarecer os fatos e as informações relevantes. O entrevistador também faz uso desses procedimentos como forma de garantir a credibilidade e a aceitação das ideias por parte dos ouvintes.

Esse momento interativo também se caracteriza como um evento situacional, cuja estrutura define o nível global da conversação, já que existem um objetivo e um tema previamente definidos, indicando que se estabelece um grau de preparo na realização do evento, a partir de normas convencionalizadas (SANTOS, 1999), tanto no âmbito da conversação, quanto no do Jornalismo. Outros fatores constitutivos desse evento de fala incluem o discurso institucionalizado entre os interactantes, representado por uma instituição, a situação discursiva pública e formal, seguindo princípios estruturais e éticos da linha conversacional e radiojornalística.

Nesse sentido, a assimetria efetiva-se por meio do controle e poder do entrevistador no processo interacional. Segundo Marcuschi (1991), em nível macro, o poder social é constituído de práticas institucionais que representam o discurso jornalístico; em nível micro, o poder social do evento de fala materializa-se nas relações interpessoais entre os parceiros comunicativos do evento de fala, no controle dos tópicos, na manutenção dos turnos, no uso das formas de tratamento para demonstrar cordialidade, simpatia e interatividade, na concessão do entrevistador à permanência dos entrevistados no turno, na seleção de certos

segmentos da fala do outro, na sobreposição de vozes, nos pares adjacentes – pergunta/resposta, cumprimento/cumprimento (SANTOS, 1999).

As relações de poder constituem-se explícita e implicitamente neste evento de fala. De maneira explícita, por os papéis interacionais e o *status* social serem estabelecidos da seguinte forma: L1, enquanto entrevistador e jornalista, abre, direciona e comanda o tópico e os turnos; L2 e L3, enquanto entrevistadas, psicóloga e nutricionista, coordenadoras do projeto, limitam-se a responder o que lhes é perguntado. Consideram-se, ainda, a formação e a profissão dos interactantes, bem como a relação entre eles (desconhecidos), implicitamente, por os interactantes repetirem segmentos da fala do outro.

O momento interativo 2 apresenta assimetria global e local. A assimetria global ocorre devido ao poder social/à autoridade preexistente do jornalista (entrevistador) e à natureza do evento de fala, isto é, um evento de fala de carácter institucional. A assimetria local é marcada por L1 controlar e desenvolver o tópico e os turnos nesse evento de fala, o qual é formal e composto por díades conversacionais (pergunta/resposta, por exemplo), e por L2 e L3 colaborarem para que a conversação se estabeleça em prol de um objetivo comum. Por ser uma construção colaborativa, em que todos dispõem de papéis complementares (SANTOS, 1999), por ser uma conversa controlada (HOFFNAGEL, 2003), o diálogo, na entrevista, tende a ser assimétrico e cooperativo, como já se mencionou.

É possível verificar a assimetria nos relacionemas²⁷ verticais que marcam as relações interpessoais, considerando que a relação vertical estabelece o poder, a hierarquia, dominação ou a relação de lugares (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006) e determina a assimetria. A relação de lugares é marcada pelos seguintes relacionemas verticais (marcadores verbais): as formas de tratamento, nomes de tratamento e outras formas nominais ou expressões referenciais (nomes de funções), tanto aquelas que se referem ao eixo subjetivo – participantes da conversação –, quanto aquelas que se referem ao eixo não subjetivo – não participantes da conversação –, quais sejam: “L2 o nosso foco é *educadores profissionais da saúde e familiares*” (Exemplo 41 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L2 temos... pra *estudantes* cento e setenta e cinco reais [...] a gente mantém o mesmo valor de *estudante*... né?” (Exemplo 42 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L2 nós temos

²⁷ Chamam-se relacionemas os marcadores verbais, não verbais e paraverbais que os interactantes utilizam em suas relações interpessoais.

o pagamento de *palestrantes*... são *palestrantes* que renomados” (Exemplo 43 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L1 [...] vocês lutando justamente” (Exemplo 44 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

Quanto à sobreposição de vozes, L2 sobrepõe a sua fala à de L1; entretanto, L1 recupera o turno e conclui o seu raciocínio, quando ressalta custos do projeto/da produção do simpósio.

L1 cento e setenta/ setenta e cinco isso lógico pra poder ratear esses custos né? que quer queira quer não.. não é uma coisa que é tão baixa assim pra trazer esse pessoal pra cá	[]
L2		nós conseguimos
L1 com hospedagem com tudo (Exemplo 45 – Fonte: <i>corpus</i> da pesquisa)		

A assimetria é comprovada ainda na passagem a seguir, quando L1 interrompe o turno de L2, para fazer-lhe outra pergunta, o que demarca o controle de L1 na interação verbal. Essa pergunta trata da dificuldade ou do problema que os pais possivelmente encontrem na sociabilidade de crianças com algum tipo de deficiência.

L2 [...] isso precisa ser trabalhado junto com a criança porque muitas vezes há a justificativa de que é proteção mas não é só isso... então essa criança se ela
[
L1 pode-se chamar vergonha... receio... alguma coisa assim? (Exemplo 46 – Fonte: <i>corpus</i> da pesquisa)

A modalidade e a modalização também demonstram a presença da assimetria a partir de operadores modais, representados por: expressões cristalizadas do tipo “é +adjetivo”: L1 é gratuito, não é uma coisa que é tão baixa assim; certos advérbios modalizadores – L1 tão, muito, assim, justamente, com certeza, sempre; formas verbais perifrásticas – vai funcionar, eu vou trabalhar, tá acontecendo, tá vendo, eu vou trazer, vai se desenvolver, você vem a ter, vir a ser, tô saindo, tá tendo; os verbos auxiliares modais poder e dever, de carga semântica expressiva (SANTOS, 1999) – pode ratear, pode ser feito, possa discutir, pode-se mostrar, pode ter uma vida normal, pode e deve, pode-se chamar; construções de auxiliar + infinitivo – vai funcionar, eu vou trabalhar, eu vou trazer, vai se

desenvolver, você vem a ter, vir a ser; verbos de atitude proposicional – eu sei, eu vejo, eu quero; enunciados justificativos ou explicativos: L2 isso precisa ser trabalhado junto com a criança porque muitas vezes há a justificativa de que é proteção mas não é só isso

As orações modalizadoras que expressam verdade ou obrigatoriedade no conteúdo proposicional, o conhecimento, as intenções, os sentimentos e as atitudes dos interactantes – “L2 o nosso foco é” (Exemplo 47 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L2 nós temos trezentos e cinquenta reais a cheia” (Exemplo 48 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L1 quer você queira quer não... não é uma coisa” (Exemplo 49 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L2 nós conseguimos apoio” (Exemplo 50 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L2 há muitos custos” (Exemplo 51 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L2 nós temos o pagamento de palestrantes” (Exemplo 52 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L3 nós estamos um pouco aquém [...] no meu ver tem algumas questões [...] nós temos em alguns estados éh ações de ponta” (Exemplo 53 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L1 uma pessoa com necessidade especial pode ter uma vida normal né? como qualquer uma outra pessoa embora tenha sua necessidade especial” (Exemplo 54 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L2 pode e deve” (Exemplo 55 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L2 essa questão ela diz muito da:: família... eu sei que é difícil” (Exemplo 56 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L2 são várias as questões” (Exemplo 57 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L1 quem tem um filho especial né? sempre tá nessa... eu tô saindo com meu filho... mas a sociedade olha né? com um certo um olhar um certo olhar diferenciado” (Exemplo 58 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “L3 isso era até bem mais grave [...] nós temos muitos trabalhos [...] eu vejo é o medo [...] isso impede muita coisa [...] eu gostaria [...] eu quero com todo esse projeto é motivar [...] eu vejo uma dificuldade [...] nós temos dawns [...] a gente precisa mostrar”, “L1 façam uma convocação” (Exemplo 59 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

A distância social e a relação de lugares entre os interactantes acarretam o uso das seguintes formas verbais modalizadas: pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo – “L2 nós não imaginávamos”, futuro do pretérito do indicativo – L3 “eu gostaria”, “L2 eu gostaria de falar”, “L2 nós teríamos”; operadores argumentativos – e também, quer... quer, mas, ainda, embora, então; o uso do imperativo – L1 “façam”. Isso permite refletir que os elementos usados por L2 e L3, os quais contribuem para a assimetria, em vários segmentos da conversação, provam o

cumprimento dos papéis dos entrevistados, já que o evento de fala é construído coletivamente.

As modalidades linguísticas, cujas finalidades sejam afirmar, interrogar, negar, ordenar, são representadas no momento interativo, por intermédio destes segmentos na fala do entrevistador L1: “então hoje pode-se mostrar que uma pessoa com necessidade especial pode ter uma vida normal né? como qualquer uma outra pessoa embora tenha sua necessidade especial” (Exemplo 60 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “e lógico quem tem um filho especial né? sempre tá nessa” (Exemplo 61 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “eu tô saindo com meu filho... mas ainda a sociedade olha né? com um certo um olhar um certo olhar diferenciado” (Exemplo 62 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “paga alguma coisa pra fazer sua inscrição... é gratuito... como é que vai funcionar?” (Exemplo 63 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “como é que tá a situação né? de Alagoas de Maceió comparando com os outros estados com relação aí vocês lutando justamente pra haver essa inclusão? tá muito distante aí o estado de alagoas para os outros estados ou tá naquele meio termo... né? não... tá no meio do caminho como é que tá a situação?” (Exemplo 64 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “pode-se chamar vergonha... receio... alguma coisa assim?” (Exemplo 65 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “querem acrescentar alguma coisa mais?” (Exemplo 66 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “não é uma coisa que é tão baixa assim” (Exemplo 67 – Fonte: *corpus* da pesquisa), “façam uma convocação aí para a categoria” (Exemplo 68 – Fonte: *corpus* da pesquisa). Podem-se visualizar melhor elementos que favorecem o aparecimento da assimetria na tabela a seguir:

Tabela 3 – Categorias que propiciam a assimetria

Categorias	Exemplos
<p>Operadores modais (modalidade e modalização)</p>	<p>expressões cristalizadas do tipo “é +adjetivo”: L1 “é gratuito”, “não é uma coisa que é tão baixa assim”; certos advérbios modalizadores – L1 <i>tão, muito, assim, justamente, com certeza, sempre</i>; formas verbais perifrásticas – <i>vai funcionar, eu vou trabalhar, tá acontecendo, tá vendo, eu vou trazer, vai se desenvolver, você vem a ter, vir a ser, tô saindo, tá tendo</i>; os verbos auxiliares modais <i>poder</i> e <i>dever</i>, de carga semântica expressiva (SANTOS, 1999).</p>
<p>Relacionemas verticais</p>	<p>“L2 o nosso foco é <i>educadores profissionais da saúde e familiares</i>”, “L2 temos... pra <i>estudantes</i> cento e setenta e cinco reais [...] a gente mantém o mesmo valor de <i>estudante</i>... né?”, “L2 nós temos o pagamento de <i>palestrantes</i>... são <i>palestrantes</i> que</p>

renomados”, “L1 [...] vocês lutando justamente”.

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2016)

No que se refere ao paralelismo sintático, tem-se a evidência dessa categoria em dois segmentos das perguntas de L1 aos entrevistados, L2 e L3, por meio do marcador discursivo “com relação à”, referenciando o projeto desafios e conquistas e a inclusão estimulada por tal projeto. A similaridade de estruturas ocorre também nos sintagmas preposicionados “com hospedagem com tudo”, para ratificar o alto custo do evento.

Simultaneamente, o paralelismo semântico se estabelece por os interactantes manterem o tópico discursivo, bem como estabelecerem a coesão lexical, unidade temática e semântica, a partir de termos dos mesmos campos lexical e semântico, pertencentes ao tópico conversacional abordado.

Ao responder ao questionamento de L1, L2 constrói os paralelismos sintático e semântico, bem como menciona a realização do trabalho coletivo entre as duas especialistas (psicóloga e nutricionista), bem como dos recursos e suporte necessários à efetivação do evento, conforme se observa a seguir:

L2 **nós conseguimos apoio de empresas ahn grandes... que se engajaram e** também tem responsabilidade social, mas há muitos custos que ficaram fora porque **as empresas elas entraram com seu serviço** né?... então **nós temos o pagamento de palestrantes...** (Exemplo 69 – Fonte: *corpus* da pesquisa)

No turno a seguir, também se podem verificar a simetria de construção e a correspondência semântica, quando L1 questiona a situação de Alagoas e de Maceió, no que diz respeito à inclusão social de pessoas deficientes. O paralelismo se estabelece na pergunta, que se repete no início e no final desse turno nuclear, no momento em que L1 menciona possíveis situações em que se encontram Alagoas e Maceió. Além disso, ocorrem expressões paralelísticas nos sintagmas adjetivais “situação de Alagoas de Maceió”, o que é mais bem visualizado a seguir:

L1 **como é que tá a situação né? de Alagoas de Maceió** comparando com os outros estados com relação aí vocês lutando justamente pra haver essa inclusão? **tá muito distante** aí o estado de Alagoas para os outros estados ou **tá naquele meio termo...** né? não... **tá no meio do caminho como é que tá a situação?** (Exemplo 70 – Fonte: *corpus* da pesquisa)

É possível verificar a recorrência de estruturas e a equivalência semântica na fala de L3, por ocasião das medidas e ações tomadas para inclusão da pessoa com necessidade especial, observando a importância de diagnosticar possíveis transtornos e problemas em crianças. Isso ocorre por meio de sintagmas oracionais, adjetivais e preposicionados.

L3 [...] **são diagnosticadas** com transtornos e **são medicadas**... e:: nós temos em alguns estados éh ações de ponta **que percebe ou diagnostique diagnostique** uma possibilidade de vir a essa criança ter um problema em seu desenvolvimento e já fez um trabalho precoce... de prevenção [...] **a gente possa discutir e quem sabe implementar** junto a secretaria de saúde aqui do estado... então o estado ainda tá aquém do que pode ser feito **na área da saúde da educação com crianças e com pessoas com necessidades especiais** (Exemplo 71 – Fonte: *corpus* da pesquisa)

A quebra do paralelismo sintático dá-se por L3 não estabelecer a correlação entre o par *não só... mas também*, bem como por utilizar diferentes formas sintáticas na estruturação dos sintagmas oracionais e do sintagma adverbial “*no meu ver*”, referindo, em meio a essa oscilação de estruturas, ora a um trabalho coletivo, ora a um trabalho individual.

L3 **nós estamos** um pouco aquém do que pode ser feito em relação a inclusão... e não só a inclusão... na **no meu ver** tem algumas questões que inclusive **eu vou trabalhar na minha palestra** e que:: mostram um sintoma social que tá acontecendo hoje **a gente tá vendo** muitas crianças [...] **nós temos** em alguns estados [...] então **eu vou trazer** essas ações para que **a gente possa discutir** [...] (Exemplo 72 – Fonte: *corpus* da pesquisa)

A similaridade de estruturas sintáticas é construída, quando L2 salienta a dificuldade enfrentada pelos profissionais da Psicologia e das áreas de saúde mental, ao tratar do papel da família e sua relação com a criança deficiente. Ademais, o paralelismo semântico é estabelecido a partir da correlação das ideias, materializadas na fala de L2.

L2 [...] **é difícil trabalhar nós nós da psicologia dentro da psicanálise** e também **das áreas de saúde mental** é:: **é difícil é delicado você trabalhar** essas questões da relação entre **a família as figuras parentais** com a criança... porque naturalmente **há aí uma quebra daquela idealização** que é feita quando você vem a ter um filho e esse filho nasce **com alguma questão né? alguma dificuldade ou algum problema** então **há uma quebra desse narcisismo dos pais** [...] (Exemplo 73 – Fonte: *corpus* da pesquisa)

No fragmento a seguir, os interactantes L1, L2 e L3 constroem o paralelismo sintático e o semântico, bem como discutem ainda sobre a dificuldade de inclusão social das crianças/pessoas com deficiência, da visão que a sociedade lança sobre essa questão, das atividades extracurriculares que podem ser realizadas por essas pessoas, a fim de romper esse obstáculo.

L1	pode-se	chamar
vergonha... receio... alguma coisa assim?		
L2 [...] se essa criança não for incluída dentro dessa família... mas ela for guardada... escondida como é que ela vai pro social?... como é que ela vai se desenvolver como uma pessoa de possibilidades?... de vir a ser		
L1 [...] eu tô saindo com meu filho... mas ainda a sociedade olha né? com um certo um olhar um certo olhar diferenciado		
L3 [...] eu quero com todo esse projeto é motivar... mostrar que dá certo que a gente tem que desejar... amar o trabalho [...] então tocando ahn:: instrumentos... dançando... atuando maravilhosamente bem [...] (Exemplo 74 – Fonte: <i>corpus</i> da pesquisa)		

No turno de L3, houve quebra da estrutura paralelística, que foi quebrada, pois, assim como L2 o fez em outro momento, o entrevistado L3 utiliza diferentes formas sintáticas na estruturação dos sintagmas oracionais:

L3 eu como a P disse eu sou de Porto Alegre é muito natural tá nós temos muitos trabalhos lá... aqui em Maceió eu vejo é o medo de tratar né? [...] então eu gostaria... o que eu quero com todo esse projeto [...] a gente tem que desejar [...] eu vejo uma dificuldade muito grande [...] nós temos <i>dawns</i> [...] então a gente precisa mostrar que tem caminhos (Exemplo 75 – Fonte: <i>corpus</i> da pesquisa)
--

Em termos de paráfrase, verifica-se a recorrência dessa categoria como sinonímia lexical nos seguintes exemplos: “L1 com relação aí ao **simpósio** éh o **projeto** desafios e conquistas” (Exemplo 76 – Fonte: *corpus* da pesquisa), quando o entrevistador reforça a data do evento, pergunta como proceder à inscrição, fazendo referência ao simpósio a realizar-se; “L1 tá naquele **meio termo** [...] tá no **meio do caminho**” (Exemplo 77 – Fonte: *corpus* da pesquisa), ao perguntar sobre a inclusão no estado de Alagoas e na cidade de Maceió; “L2 nós da **psicologia** dentro da **psicanálise** [...] essas questões da relação entre a **família** as **figuras parentais**” (Exemplo 78 – Fonte: *corpus* da pesquisa), ao tratar da dificuldade enfrentada para trabalhar a relação entre a família e a criança/pessoa com deficiência; “L2 mas ela for **guardada... escondida**” (Exemplo 79 – Fonte: *corpus* da pesquisa), ao refletir

sobre a importância do papel da família na inclusão da criança na sociedade. Quanto à tipologia de paráfrase em Ribeiro (2001), o momento interativo 2 também a evidencia.

Primeiramente, aparece a paráfrase modalizadora, por meio da qual os interactantes modalizam o enunciado reformulador – “L1 tá **muito** distante aí o estado de Alagoas” (Exemplo 80 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L2 essa questão ela diz **muito** da:: família” (Exemplo 81 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L1 uhn... **com certeza** né?” (Exemplo 82 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L3 algum tempo atrás isso era **bem mais** grave [...] pode ser feito **muito** mais [...] eu vejo uma dificuldade **muito** grande [...] então tocando ahn:: instrumentos... dançando... atuando **maravilhosamente**” (Exemplo 83 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

Em segundo plano, é observada a paráfrase gradativa – os parceiros comunicativos produzem segmentos textuais numa ordem hierárquica, ascendente ou descendente – “L1 **com hospedagem com tudo**” (Exemplo 84 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L1 como é que tá a situação né? **de Alagoas de Maceió**” (Exemplo 85 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L3 são diagnosticadas com transtornos e são medicadas [...] **na área da saúde da educação com crianças e com pessoas com necessidades especiais**” (Exemplo 86 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L2 nós da **psicologia** dentro da **psicanálise** e também das **áreas de saúde mental** [...] é difícil é delicado você trabalhar essas questões da relação entre **a família as figuras parentais** [...] esse filho nasce **com alguma questão** né? **alguma dificuldade** ou **algum problema**; L1 pode-se chamar **vergonha... receio**” (Exemplo 87 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

Em seguida, tem-se a paráfrase referenciadora – quando se retoma ou se resume o enunciado reformulado, a partir de um elemento anafórico: “L1 pra poder ratear **esses custos** [...] pra trazer **esse pessoal** pra cá” (Exemplo 88 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L3 [...] **isso** diz também de uma necessidade especial [...] então eu vou trazer **essas** ações” (Exemplo 89 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L2 [...] **essa** questão ela diz muito da família [...]” (Exemplo 90 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L1 [...] quem tem um filho especial né? sempre tá **nessa**” (Exemplo 91 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L3 [...] **isso** impede muita coisa de ser feita... então eu gostaria... o que eu quero com **esse** projeto” (Exemplo 92 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

Posteriormente, evidencia-se a paráfrase explicativa – entrevistador e entrevistados explicam e definem o enunciado matriz: “L1 [...] **que quer queira quer não... não é uma coisa que é tão baixa assim pra trazer esse pessoal pra cá**” (Exemplo 93 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L2 nós conseguimos apoio de empresas ahh grandes... **que se engajaram e também tem responsabilidade social**, mas há muitos custos que ficaram fora **porque as empresas elas entraram com seu serviço** né?...” (Exemplo 94 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L2 é difícil é delicado você trabalhar essas questões da relação entre a família as figuras parentais com a criança... **porque naturalmente há aí uma quebra daquela idealização que é feita quando você vem a ter um filho e esse filho nasce com alguma questão** né? alguma dificuldade ou algum problema então há uma quebra desse narcisismo dos pais e que isso precisa ser trabalhado junto com a criança **porque muitas vezes há a justificativa de que é proteção mas não é só isso...** então essa criança se ela” (Exemplo 95 – Fonte: *corpus* da pesquisa).

Finalmente, ocorre a paráfrase explicitadora, em que os interactantes esclarecem ou explicitam um segmento do texto-fonte. “L1 uhn e também lembrando a gente né? ah com relação aí ao simpósio éh **o projeto desafios e conquistas...**” (Exemplo 96 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L2 nós temos o pagamento de palestrantes... **são palestrantes que renomados...**” (Exemplo 97 – Fonte: *corpus* da pesquisa); “L3 [...] tem algumas questões que inclusive eu vou trabalhar na minha palestra e **que:: mostram um sintoma social que tá acontecendo hoje a gente tá vendo muitas crianças sendo diagnosticadas com alguns transtornos** que isso diz também de uma necessidade especial principalmente na área da educação... **são diagnosticadas com transtornos e são medicadas...** e:: nós temos em alguns estados éh ações de ponta **que percebe ou diagnostique diagnostique uma possibilidade de vir a essa criança ter um problema em seu desenvolvimento** e já fez um trabalho precoce... de prevenção a esse inclusive na área pública de saúde... então eu vou trazer essas ações **para que a gente possa discutir e quem sabe implementar junto a secretaria de saúde aqui do estado**” (Exemplo 98 – Fonte: *corpus* da pesquisa). Esses elementos podem ser observados na tabela a seguir:

Tabela 4 – Categorias que propiciam a assimetria

Categorias	Exemplos
Paralelismo sintático	L1 como é que tá a situação né? de Alagoas de Maceió comparando com os outros estados com relação aí vocês lutando justamente pra haver essa inclusão? tá muito distante aí o estado de Alagoas para os outros estados ou tá naquele meio termo... né? não... tá no meio do caminho como é que tá a situação?
Paralelismo semântico	O paralelismo semântico se estabelece por os interactantes manterem o tópico discursivo, bem como estabelecerem a coesão lexical, unidade temática e semântica, a partir de termos dos mesmos campos lexical e semântico, pertencentes ao tópico conversacional abordado.
Paráfrase	L1 “com relação aí ao simpósio éh o projeto desafios e conquistas”, quando o entrevistador reforça a data do evento, pergunta como proceder à inscrição, fazendo referência ao simpósio a realizar-se; L1 “tá naquele meio termo [...] tá no meio do caminho ; L1 “ com hospedagem com tudo ”; L1 “como é que tá a situação né? de Alagoas de Maceió ”.

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2016)

Conforme se observou, os interactantes parafraseiam os segmentos textuais, com vistas a manifestar atitudes/opiniões, expandir o sentido do enunciado matriz, retomar, explicar ou explicitar algum segmento linguístico.

A partir da análise realizada, pôde-se comprovar que as categorias apresentadas – os operadores modais, paralelismos sintático e semântico, relacionemas verticais e a paráfrase – contribuíram para suscitar a assimetria.

5.3.3 Análise do momento interativo 3

O momento interativo 3 representa o evento de fala, cujo tópico discursivo trata sobre uma operação que visa desocupar o centro da cidade de Maceió e redirecionar os vendedores ambulantes que se instalaram em determinados espaços do referido local. L1 exerce a função de entrevistador e L2, de entrevistado.

Esse evento de fala realizou-se no estúdio do programa radiofônico, no qual se encontrava L1 entrevistador, e no centro da cidade de Maceió, onde se localizava L2 entrevistado. Isso justifica o fato de esse evento de fala realizar-se como uma entrevista de estúdios externos (CHANTLER, HARRIS, 1998), a qual acontece numa situação temporal específica. O entrevistador L1 comanda a interação, com vistas a atingir o seu propósito discursivo e informar o público-espectador da temática abordada. Dessa forma, o propósito discursivo tem por finalidade levar as pessoas a

refletirem sobre a importância da desocupação de locais do centro de Maceió, proporcionando uma melhor circulação da comunidade nesses espaços, bem como incentivar os vendedores ambulantes a legalizarem suas atividades comerciais e se estabelecerem num local apropriado.

Os canais de comunicação são a voz (linguagem verbal) e o telefone, pois L1 e L2 encontram-se em locais distintos, L1 no estúdio de rádio da emissora e L2 no centro de Maceió, lugar onde ocorre a operação. As informações são transmitidas aos espectadores por intermédio do rádio.

O momento interativo 3 caracteriza-se como um evento situacional, cujo objetivo e tema são determinados antecipadamente, indicando haver um grau de preparo para realizar o evento. Além disso, esse evento de fala segue normas convencionalizadas (SANTOS, 1999), por o discurso dialógico ser de caráter institucionalizado, a situação discursiva ser pública e formal, por a entrevista seguir princípios norteadores de ordem estrutural e ética e, finalmente, por ambos os interactantes darem sinal de engajamento mútuo na conversação – abertura, desenvolvimento, fecho, turnos, trocas – e na interação – negociação, cooperação, compreensão e interpretação (SANTOS, 2002), construindo uma atividade colaborativa e assimétrica.

A assimetria apresenta-se como marca de poder na interação verbal, por o entrevistador L1 controlar/comandar o evento de fala em dois níveis. Em nível macro, o poder social abrange as práticas institucionais²⁸ que orientam a produção do discurso jornalístico, o que propicia o aparecimento da assimetria global nesse evento de fala. Isso abrange a habilidade de o entrevistador seguir um roteiro prévio – planejando e redimensionando as perguntas –, a capacidade de lidar com imprevistos, demarcação de papéis, pontualidade nas intervenções, mediação do evento de fala, técnicas para conduzir uma boa entrevista, entre outras.

Em nível micro, o poder social instaura-se por intermédio das relações interpessoais no evento de fala, do controle da conversação, das formas de tratamento e de outras propriedades que organizam a conversação, quais sejam: tempo de permanência no turno, sobreposição de vozes, tomada e troca de turnos e seleção de determinados segmentos da fala do outro (SANTOS, 1999); esses elementos determinam a assimetria local do referido evento.

²⁸ São práticas que exercem poder sobre o outro e que os jornalistas executam no programa de rádio para conduzir as entrevistas.

Explicitamente, o poder se evidencia tanto nos papéis interacionais de L1 e L2, quanto no *status* social destes. Implicitamente, o poder se constitui na troca de turnos e nos segmentos de fala dos interactantes. Nesse evento de fala, a assimetria dá-se também a partir da formação e da profissão distintas dos participantes, bem como da relação entre ambos (desconhecidos), por existir certa distância social.

A distância social/interpessoal entre os parceiros da comunicação é marcada pelos relacionemas verticais, elementos que determinam a relação de lugares dos interactantes. Por um lado, o entrevistador usa a forma de tratamento “você” para minimizar essa distância; por outro lado, essa mesma forma de tratamento é usada para demarcar o poder que L1 exerce sobre L2.

A relação de lugares também favorece o aparecimento da assimetria, o que pode ser visto nas qualidades mais pessoais (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006), tais como: o domínio da língua, o prestígio e o carisma de L1. Essa relação de lugares também é demonstrada nos nomes de tratamento, usados em vários momentos por L1 – por exemplo, “como é que vocês vão operacionalizar isso D?” – e por L2 – “não O... nesse primeiro momento [...]”.

Quanto à sobreposição de vozes, L1 sobrepõe sua fala à de L2 não apenas para demonstrar atenção e interesse, mas ainda para assumir o turno e fazer-lhe outra pergunta referente à relocação dos vendedores ambulantes e ao papel da SMCCU.

<p>L2 não O... neste primeiro momento... a gente não vai chegar à rua augusta... essas são fases que a gente pretende avançar... esta é a primeira fase desta operação... então posteriormente... no momento que sentir que aqui está consolidado que está entregue à comunidade e não teremos nenhum retorno de ambulantes neste local... a gente vai avançar paulatinamente... rua a rua... até deixar o centro totalmente entregue à livre circulação das pessoas... mas no momento é só esse trecho que eu le falei</p> <p style="text-align: center;">[]</p> <p>L1 e o... ahn</p> <p>L1 eles estão sendo relocados pra algum lugar ou não? isso aí não seria competência da smccu? (Exemplo 99 – Fonte: <i>corpus</i> da pesquisa)</p>
--

Os paralelismos sintático e semântico constroem-se na fala de L2, quando responde ao questionamento de L1 para explicar o tempo de funcionamento da operação, o que pode ser observado nos seguintes fragmentos: “ela vai se estender”, “ela vai se estender no tempo”, “se estender pelo tempo que for necessário”, “para circular livremente na na/ e ter acesso ao comércio local”, “vai ser essa semana... vai ser hoje e amanhã”, “a gente vai manter essas estrutura”.

Pode-se observar também a correspondência sintática e semântica na fala de L1 que realiza uma pergunta de caráter essencialmente interacional, a fim de estimular a interação entre os parceiros comunicativos e monitorar o evento de fala: L1 “a operação ela tem um êxito hoje... tem um êxito amanhã”. Os paralelismos sintático e semântico ocorrem também, quando L1 pergunta a L2 se determinada localidade do Centro de Maceió é alvo da operação, considerando as reclamações suscitadas pela população: L1 “uma das reclamações uma das vias mais reclamadas pela população era ali a Rua das Árvores... a Rua Augusta”.

Em seguida, a equivalência sintática e semântica de termos acontece no turno nuclear de L1, quando este utiliza os pares conversacionais agradecimento-agradecimento e pergunta-resposta, bem como se posiciona acerca da importância da operação de desocupação de vários espaços no Centro de Maceió. Pode-se observar que, por um lado, aparecem, na fala de L1, segmentos paralelísticos, denotando a opinião desse interactante (entrevistador) sobre a operação da SMCCU, como se observa no fragmento seguinte:

L1 pois é... D eu queria agradecer a sua participação né? [...] **não é uma perseguição deliberada a um ambulante... é uma questão legal não é? até de preservação primeiro né? do bem-estar das pessoas que circulam no centro da cidade... e uma questão de justiça com relação aos comerciantes do centro da cidade né? que pagam seus impostos... que contratam de forma lícita seus funcionários e que muitas vezes são prejudicados...** a gente sabe que o ambulante **ele tá ali pra sobreviver... né? ele tá querendo trabalhar... tá querendo ganhar o pão de cada dia...** mas... justiça seja feita... eu posso até ser incompreendido né? com o que eu vou colocar... **a prefeitura ela tá dando possibilidades... ela não tá impedindo ninguém de trabalhar... só tá regulamentando uma situação** que há muito tempo... é uma situação que tá fora de controle... (Exemplo 100 – Fonte: *corpus* da pesquisa)

Na fala de L2, localizam-se marcas dos paralelismos sintático e semântico, quando o referido interactante trata do funcionamento da operação, salientando as áreas focalizadas e aquelas que estarão nas fases posteriores da operação. Essas marcas são comprovadas pelos seguintes exemplos: “a gente não quer isso”, “a gente não vai chegar”, “a gente pretende avançar”, “a gente vai avançar paulatinamente”, “que aqui está consolidado que está entregue”, “não seria competência nossa... e sim da secretaria de abastecimento e trabalho”.

Por outro lado, ao utilizar sintagmas nominais e verbais para agradecer a L2 a participação no programa e marcar suas ações e seu posicionamento frente o assunto, L1 quebra o paralelismo por oscilar tanto no emprego dos sintagmas nominais “eu” e “a gente”, quanto no emprego de alguns sintagmas verbais para

indicar situações temporais de presente e pretérito, o que pode ser observado nos exemplos referidos: L1 “eu queria agradecer a sua participação”, “eu fiz essa colocação”, “eu trabalho também”, “a gente também divulgou”, “a gente fazia uma colocação”, “a gente sabe”, “eu posso até ser incompreendido”, “eu vou colocar”, “eu não consigo vislumbrar”, “eu vejo como uma ação”, “a gente espera”. Embora haja essa quebra, L1 mantém-se no turno por mais tempo, bem como controla o evento de fala.

No que diz respeito à paráfrase, é possível observar exemplos dessa categoria em segmentos da fala de L1 e de L2. Em L1, têm-se: paráfrase referenciadora – “essa operação”, “ela vai ser permanente”, “como vocês vão operacionalizar isso”, “ela também tá sendo hoje alvo dessa dessa fiscalização”, “eles estão sendo relocados pra algum lugar ou não? isso aí não seria competência da smccu?”, “essa colocação”, “o ambulante ele tá ali”, “ele tá querendo”, “a prefeitura ela tá dando... ela não tá impedindo”, “não consigo vislumbrar isso”; paráfrase modalizadora – “uma das reclamações uma das vias mais reclamadas”; paráfrase gradativa – “tem um êxito hoje... tem um êxito amanhã”; paráfrase explicitadora – “era ali a Rua das Árvores... a Rua Augusta”; paráfrase explicativa – “do bem-estar das pessoas que circulam no centro da cidade... e uma questão de justiça com relação aos comerciantes do centro da cidade né? que pagam seus impostos... que contratam de forma lícita seus funcionários”.

Quanto a L2, têm-se: paráfrase referenciadora – “ela vai se estender”, “essa parte”, “a gente não quer isso”, “essas são fases”, “esta é a primeira fase desta operação”, “neste local”, “esse trecho”, “muitos deles”; paráfrase modalizadora – “com certeza”, “a gente vai avançar paulatinamente”; “deixar o centro totalmente”; paráfrase explicitadora – “sentir que aqui está consolidado que está entregue”.

Na fala de ambos os parceiros comunicativos, a paráfrase tem a função de retomar elementos cuja menção a estes se realizara, de recuperar sentidos da fala do outro, de manifestar as intenções e atitudes dos interactantes, de cadenciar elementos, de explicitar e explicar fatos e informações. A recorrência dos elementos que propiciam a assimetria pode ser vista na tabela a seguir:

Tabela 5 – Categorias que propiciam a assimetria

Categorias	Exemplos
Paralelismos sintático e semântico	L2 “ela vai se estender”, “ela vai se estender no tempo”, “se estender pelo tempo que for necessário”, “para circular livremente na na/ e ter acesso ao comércio local”, “vai ser essa semana... vai ser hoje e amanhã”, “a gente vai manter essas estrutura”.
Paráfrase	Paráfrase referenciadora – L1 “essa operação”, “ela vai ser permanente”, “como vocês vão operacionalizar isso”, “ela também tá sendo hoje alvo dessa dessa fiscalização”, “eles estão sendo relocados pra algum lugar ou não? isso aí não seria competência da smccu?”, “essa colocação, “o ambulante ele tá ali”, “ele tá querendo”, “a prefeitura ela tá dando... ela não tá impedindo”, “não consigo vislumbrar isso”; paráfrase modalizadora – “uma das reclamações uma das vias mais reclamadas”; paráfrase gradativa – “tem um êxito hoje... tem um êxito amanhã”; paráfrase explicitadora – “era ali a Rua das Árvores... a Rua Augusta”; paráfrase explicativa – “do bem-estar das pessoas que circulam no centro da cidade... e uma questão de justiça com relação aos comerciantes do centro da cidade né? que pagam seus impostos... que contratam de forma lícita seus funcionários”.

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2016)

Os paralelismos sintático e semântico e a paráfrase são categorias que podem contribuir para tornar o discurso jornalístico assimétrico. Assim, a interação é assimétrica²⁹, quando os interactantes utilizam expressões paralelísticas e a paráfrase como uma atividade que resgata os sentidos do texto, quando conduzem o diálogo a partir dos procedimentos estruturais e éticos, utilizam as propriedades que regem a conversação e técnicas do Jornalismo para controlar a interação, extrair informações do entrevistado e tornar o evento de fala colaborativo. Por isso, o momento interativo 3 é cooperativo e assimétrico.

5.3.4 Análise do momento interativo 4

O momento interativo 4 (quatro) trata de questões voltadas à vigilância sanitária e à fabricação de medicamentos genéricos, que devem ser manipulados com a mesma qualidade dos medicamentos de referência. L1 exerce a função de entrevistador e L2, de entrevistado.

²⁹ As categorias que aparecem na fala de L2 (entrevistado) e são estimuladas por L1 (entrevistador) incitam a assimetria.

O referido evento de fala constitui uma entrevista em presença (face a face), segundo Lage (2002), e tem por finalidade (objetivo discursivo) trazer informações sobre a fabricação e o uso de medicamentos, mais precisamente do citrato de sildenafil, e das consequências que o uso habitual e não orientado podem causar. O canal da comunicação é a voz (linguagem verbal), porquanto o dado evento de fala ocorre face a face no estúdio de rádiojornalismo.

Assim, o momento interativo 4 constitui-se como um evento situacional, cujo objetivo e tema são estabelecidos previamente, indicando haver um grau de preparo na realização do evento que, por sua vez, segue normas convencionalizadas, permitindo dizer que o evento em foco é de caráter institucional, a situação discursiva é pública e formal. Além disso, há princípios de ordem estrutural e ética que regem a entrevista oral radiofônica.

Embora o entrevistado se alongue em seu turno, em alguns momentos, o que é fundamental para a obtenção de informações acerca do assunto, o entrevistador exerce controle e poder sobre a interação verbal. Em nível macro, o poder social que L1 exerce sobre L2 manifesta-se a partir das diretrizes que norteiam a condução do programa e da entrevista, as quais fundamentam o discurso jornalístico; localizam-se, nesse ponto, os princípios estruturais e éticos que orientam a realização da entrevista e que contribuem para que a assimetria seja global, entre os quais estão: o jornalista agenda a entrevista, define o local de realização, faz um roteiro para guiar esse evento de fala, faz perguntas abertas, recupera trechos da entrevista, verifica a forma de tratamento para dirigir-se ao entrevistado, entre outros.

Em nível micro, o poder social manifesta-se por meio das relações interpessoais que os interactantes firmam no evento de fala, da relação de lugares, do controle do tópico e do turno, das formas e dos nomes de tratamento, da sobreposição de vozes, da tomada de turnos e da seleção de determinados segmentos da fala do outro (SANTOS, 1999) ou da própria fala, o que caracteriza a assimetria local.

A repetição, segundo esse viés, funciona como uma estratégia conversacional e de constituição do poder, o que pode ser visto no momento interativo 4, conforme se especificará mais adiante. Quando os interactantes repetem segmentos da fala do outro ou da própria fala, fazem-no para demonstrar compreensão e interesse pelo assunto, concordância com o que se está falando, transferir o turno, garantir a posse

do turno ou manter-se neste, orientar o parceiro comunicativo, entre outras finalidades, constituindo, assim, a relação de poder implícita.

A relação de poder explícita toma por base o *status* social e o papel dos interactantes no evento de fala. Nesse sentido, a assimetria materializa-se a partir das categorias a seguir: L1 exerce o papel de entrevistador e comanda o evento de fala, e L2 exerce o papel de entrevistado, limitando-se às respostas; há uma distância social/interpessoal entre os participantes, pois se estabelece apenas uma relação de entrevistador e entrevistado; a formação e a profissão de ambos os parceiros comunicativos são variadas – L1 é jornalista, e L2, diretor estadual da vigilância sanitária, pressupondo que sua profissão seja na área de Ciências da Saúde.

Inicialmente, a repetição apresenta-se no referido evento de fala quando L1 repete a construção suboracional “vamos” e o item lexical “vigilância sanitária” para indicar que o momento interativo 4 é um trabalho colaborativo e que, junto a L2, abordarão um tópico que concerne à vigilância sanitária, bem como à população para esclarecer dúvidas acerca da fabricação e do uso de medicamentos.

Em seguida, L1 repete os itens lexicais “mercado farmacêutico”, “mercado”, “mercado brasileiro”, “mercado farmacêutico brasileiro”, “mercado de medicamentos genéricos”, “mercado similar”, “pessoas”, “medicamento genérico”, “medicamento de referência”, “medicamento de marca”, “medicamento”. Pode-se chamar esse tipo de repetição de autorrepetição, pois L1 repete segmentos da própria fala não apenas para garantir a posse do turno, mas ainda para marcar sua intencionalidade discursiva, considerando o tópico a ser tratado.

Comentou-se sobre a distinção entre os tipos de medicamento produzidos, num contexto mercadológico desfavorável às pessoas, pois se trata de medicamentos de alto custo, o que, possivelmente, dificulta a aquisição. Essa repetição pode ser chamada também de autorrealizada, porque L1 repete por iniciativa própria; adjacentes e distantes, por se apresentarem próximas ou não; intencionais, uma vez que há um propósito definido; e, por fim, não literal, já que L1 repete segmentos parcialmente.

Nesse primeiro instante do evento de fala, L1 utiliza dois tipos de pares adjacentes: pergunta-resposta e cumprimento-cumprimento, a fim de demonstrar atenção, interesse, cordialidade, gentileza e simpatia ao entrevistado L2. Posteriormente, aparece na fala de L2, a repetição heterocondicionada, pois repete,

por influência de L1, os itens lexicais “medicamento de marca”, “medicamento de referência”, “medicamento manipulado”, “medicamento similar”, “medicamento genérico”, “medicamento”, “remédio”, “princípio ativo” para explicar a diferença existente entre os tipos de medicamento, bem como a distinção entre remédio e medicamento, esclarecendo, inclusive, dúvidas do público-espectador.

No momento interativo 4, é possível observar que L2 repete o item lexical “cinco anos” – tem-se uma autorrepetição, repetição adjacente e autorrealizada – que se diz tratar do período de chancela para comercialização de um princípio ativo, contribuindo para a progressão temática do texto e para a expansão de informações do fluxo verbal.

Por um lado, L2 facilita a compreensão dos parceiros comunicativos (entrevistador e público-ouvinte); por outro lado, o turno de L1, que se sobrepõe ao de L2, tem função de interação com ratificação do papel do entrevistado e confirmação do dito (XAVIER, 2006), pois L1 entrevistador interrompe o turno de L2 entrevistado e utiliza a construção oracional “diminuiu num foi esse prazo?”. Por sua vez, L2 responde à pergunta de L1 e repete parcialmente o segmento oracional “diminuiu”, o que se pode chamar de heterorrepetição ou repetição heterocondicionada, pois L2 repete por influência de L1, bem como repete o item lexical “cinco anos” por iniciativa própria – autorrepetição ou repetição autorrealizada.

L2 [...] como prêmio este laboratório ele recebe uma:: chancela chamada patente... que agora é de **cinco anos**... então durante **cinco anos**... só quem pode éh::

L1
foi esse prazo?

[
diminuiu num

L2 **diminuiu**... (Exemplo 101 – Fonte: *corpus* da pesquisa)

Ainda no momento interativo 4, pode-se verificar a sobreposição do turno de L1 ao de L2. Nesse momento, o entrevistador L1 induz o entrevistado L2 a repetir o item lexical “viagra” e “citrato de sildenafil”, para explicar que esse princípio ativo é estudado, analisado/pesquisado e, em seguida, comercializado. A repetição desses itens lexicais dá-se por: heterorrepetição, repetição adjacente, heterocondicionada e literal. A heterorrepetição é operacionalizada por L2 repetir segmentos textuais do parceiro; a repetição adjacente, por L2 repetir segmentos próximos, para desdobrar

temática e argumentativamente a sua fala e compor seu turno; a repetição heterocondicionada ocorre, já que L1 utiliza os segmentos e L2 repete-os por influência daquele; a repetição literal acontece, por L2 repetir completamente o segmento de L1.

L1 (ele) era maior num era?	
L2 era dez anos... então éh cinco anos só ele pode comercializar aquele princípio ativo logicamente com o nome de fantasia... certo? foi o caso da:./ do laboratório Fizer... quando ele éh lançou o o nosso/ o azulzinho na	
L1	[o viagra né?
L2 o viagra na no mercado...	
L1 que é o citrato de sildenafil né?	
L2 isso... então esse citrato de sildenafil ... hoje você tem n medicamentos... aliás éh:: n medicamentos com esse nome [...](Exemplo 102 – Fonte: <i>corpus</i> da pesquisa)	

A *posteriori*, L2 realiza autorrepetição, repetição autorrealizada, repetição contígua e literal dos itens lexicais “medicamentos”, “pessoal”, “pramil” e “miligramagem”, bem como da construção oracional “o pramil ele é proibido no Brasil”. Essa tipologia de repetição por L2 tem como objetivo alertar as pessoas sobre o uso da substância citrato de sildenafil, cujo nome fantasia é pramil, sendo este proibido no Brasil. Ademais, L2 reforça que a superdosagem desse princípio ativo pode causar sérios prejuízos à saúde – como parada cardíaca.

L2 isso... então esse citrato de sildenafil... hoje você tem n medicamentos ... aliás éh:: n medicamentos com esse nome... tanto:: nos de marca... outros laboratórios de marca também estão fabricando ele como o genérico também hoje você já encontra um sem número tão bom quanto o de marca... e aí eu chamo até o atenção do pessoal ... que o pessoal ... isso vai ser uma coisa de utilidade pública aqui eu vou dizer aqui no seu programa... o pessoal continua querendo comprar um remédio chamado pramil ... que é o mesmo princípio... só que o pramil ele é proibido no Brasil ... aí você pergunta por que é proibido no Brasil? porque a:: miligramagem desses medicamentos é de vinte e cinco mg... de cinquenta mg e de cem mg... só que esse pramil é fabricado no Paraguai... e ele não tem uma miligramagem correta... ele varia de três por cento a trezentos por cento...	
L1	[nossa
L2 então... três por cento você tomar e pensar que vai funcionar você vai passar uma decepção... não é verdade? e se você tomar um que tenha uma miligramagem muito grande... [...](Exemplo 103 – Fonte: <i>corpus</i> da pesquisa)	

Além desses momentos de assimetria, em que L1 tem poder sobre a interação verbal, controlando o fluxo do evento de fala, verifica-se a seguir que L1 não apenas assume a posse do turno para ratificar o uso sem prescrição médica da substância “citrato de sildenafila” – e repete esse item lexical–, mas ainda interrompe o momento interativo 4 para mostrar uma reportagem sobre a inauguração do terminal de transporte público de um bairro de Maceió.

Há um desvio temático nesse momento da entrevista que é interrompida, pois L1 passa a tratar da reforma do terminal integrado do Benedito Bentes, por estar ao vivo com um repórter no referido local. No tempo de 01h01min50s, o entrevistador interrompe o tópico discursivo e volta a este no tempo de 01h09min31s. Posteriormente, L1 interrompe novamente à 01h17min04s. Esse desvio do tópico é uma marca evidente do discurso assimétrico, pois a interação é controlada por L1 entrevistador. A tabela 6 ilustra bem o uso da repetição enquanto categoria que impulsiona a materialização da assimetria.

Tabela 6 – Categorias que propiciam a assimetria

Categoria	Exemplos
Repetição	L1 a partir de agora a gente vai conversar com o PB que é diretor estadual da vigilância sanitária ... nós vamos abordar diversos assuntos obviamente ligados à vigilância sanitária ... mas... vamos nos ater também a um assunto que... que é de interesse de toda a sociedade... né? diga-se de passagem... a gente sabe que hoje infelizmente... o mercado farmacêutico ... ele ainda é um mercado que... é caro né? pra maioria das pessoas... muitas pessoas que precisam fazer o tratamento e não têm acesso éh:: a medicamentos ou que os medicamentos não fazem parte por exemplo da cesta de fe/ de medicamentos que é oferecido... né? pelo poder público... acabam tendo que dispendem um valor muito alto... pra fazer determinados tratamentos... MAS... né? hoje o mercado brasileiro ... ele... o mercado farmacêutico brasileiro já oferece algumas opções... que ainda são vistas de forma éh:: desconfiada por algumas pessoas né? como o mercado de medicamentos genéricos né? existe o mercado similar ... [...] sobre a diferença entre genérico e similar ... [...] MAS é uma grande opção pras pessoas que querem obviamente se houver o medicamento genérico pra o que ela tá utilizando pra que as pessoas possam economizar né? e a vigilância sanitária garante que o genérico é igual... ao medicamento de referência ... há essa preocupação da vigilância sanitária para garantir que esse medicamento genérico ele chegue com a mesma

qualidade pra o chamado/ ou do chamado **medicamento de marca** não é? ou aquele **medicamento** que tem o nome fantasia já muito conhecido e consagrado aí pela população... [...] a **vigilância sanitária** tá atenta pra que a população que confia principalmente não é? e economiza na compra do éh/ do **medicamento genérico** realmente esteja comprando o mesmo **medicamento** que ela compraria caso optasse por escolher o **medicamento de marca** não é isso P? bom dia...

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2016)

Verificou-se, no momento interativo 4, que a repetição pode funcionar como uma categoria que estimula a assimetria no discurso radiofônico e que os interactantes, sobretudo o entrevistador, utiliza esse elemento do texto falado como uma estratégia verbal da comunicação social. Isso ratifica o fato de os interactantes utilizarem algumas formas de repetição, em nível de assimetria, o que inclui repetir um segmento no início da resposta, repetir total ou parcialmente a pergunta na resposta, repetir a partir de transformações morfosintáticas dos segmentos discursivos (MARCUSCHI, 1991).

5.3.5 Análise do momento interativo 5

O evento de fala que reproduz o momento interativo 5 propõe-se discutir a nova legislação de trânsito, bem como o reajuste dos valores de multas e infrações dessa natureza (tópico conversacional). O diálogo se estabelece entre o entrevistador (L1) e o entrevistado (L2).

O evento de fala é realizado na própria emissora do programa radiofônico, por ocasião das modificações do código de trânsito e da alteração de valores de multas e infrações. Objetiva-se, nesse sentido, levar tais informações ao público-espectador, a partir da voz (linguagem verbal), levando em conta ser esse o canal de comunicação, uma vez que é uma entrevista em presença (face a face).

Inicialmente, observa-se que a assimetria acontece pela recorrência de turnos nucleares e inseridos, bem como pela sobreposição de vozes, efetuada por L1. Ao utilizar a díade conversacional pergunta-resposta, L1 não produz somente turnos nucleares, mas produz também inseridos como forma de garantir o desenvolvimento do tópico e o controle da interação.

Quanto aos turnos nucleares, embora L1 passe o turno a L2, o tempo de permanência no turno é maior em L1, o que caracteriza a assimetria local, como

também o poder social, em nível micro. A assimetria global efetiva-se na representação institucional e no poder social, em nível macro, de que L1 se utiliza, a fim de aplicar as práticas que representam a emissora de radiojornalismo e os procedimentos estruturais e éticos; tem-se, portanto, um discurso institucionalizado, num contexto discursivo, público e formal.

A relação de poder explícita é marcada pelo controle do tópico, do tempo no turno, da díade pergunta-resposta, pois comumente L1 pergunta e L2 responde. Além disso, por estar no comando da interação e exercendo o papel de entrevistador, L1 toma posse do turno para fazer perguntas ou para ratificar as informações dadas por L2. A relação de poder implícita é verificada por meio dos paralelismos sintático e semântico, bem como da paráfrase, categorias que se realizam no turno de L1, ao tecer considerações sobre o assunto tratado e ao suscitar o turno de L2 para responder às perguntas do entrevistador L1.

O poder e o controle que L1 exerce sobre a interação são observados ainda quando esse interactante interrompe o evento de fala e se afasta da temática do momento interativo 5, para tratar de outro objeto. Nesse ínterim, invoca alguém exterior ao evento de fala.

No que diz respeito aos paralelismos sintático e semântico, têm-se essas categorias elucidadas na fala de L1, quando esse parceiro comunicativo não somente traz o exemplo relacionado a motoristas que agem para ultrapassar outros carros pelo acostamento, como também declara sua insatisfação acerca da ultrapassagem indevida. Inicialmente, a continuidade tópica, semântica e temática, bem como a simetria de construção são asseguradas pelas seguintes expressões paralelísticas: "o cara vinha", "o cara pegava", "me irritava", "eu achava massa quando tinha uma curva... quando o cara fazia uma curva".

No turno de fala de L1, a paráfrase constitui-se como uma estratégia de reformulação, quando esse interactante utiliza os seguintes elementos parafrásticos referenciadores: "isso é muito comum" e "isso acontecia principalmente no carnaval", para salientar a categoria temporal e a recorrência das ações de ultrapassagem pelo acostamento; "essa foi uma das que eu mais gostei", em que ocorre não apenas a paráfrase referenciadora, por L1 dizer que a multa que se paga por ultrapassagem pelo acostamento é uma das suas preferidas, o que é operacionalizado por um mecanismo de retomada de segmentos já utilizados.

Em seguida, L1 faz uso da paráfrase explicativa em “ultrapassar pela contramão aclive ou declive... que são as ladeiras né? de subida ou descida”, para justificar que os termos aclive e declive referem-se a uma via íngreme, seja para subir, seja para descer. Em sequência, acontecem a heteroparáfrase e a heteroiniciada, por L1 parafrasear o segmento de fala de L2, a partir da iniciativa do parceiro L2. Além dessa tipologia, aparece também a paráfrase intensificadora ou enfática, pois L1 enfatiza/destaca que a multa gravíssima citada por L2 é o último tipo em que a referida infração pode se enquadrar, o que é visto a seguir:

L1 essa era considerada já gravíssima:: C?
 L2 (já) era considerada grave... **passou a ser gravíssima**
 L1 **ou seja gravíssima é o último estágio...** (Exemplo 104 – Fonte: *corpus* da pesquisa)

Posteriormente, ocorrem a paráfrase explicitadora, a autoparáfrase e a autoiniciada no turno de L2, pois esse participante do circuito comunicativo explicita de que suspensão trata o artigo 292, quando o faz, parafraseia o próprio enunciado (autoparáfrase), por iniciativa própria (autoiniciada), reforçando que o artigo sendo infringido suspender-se-á a permissão para dirigir veículos automotores ou a habilitação propriamente dita.

Ainda no momento interativo 5, L1 constrói os paralelismos sintático e semântico nos segmentos “ele não teve a intenção”, “ele não TEVE a intenção de matar”, ao justificar que o homicídio culposo é aquele em que o condutor não possui a intenção de matar, no segmento “ele deve ser: né? enquadrado né?”, para supor que o homicídio culposo de que trata o artigo 302 pode ser classificado como dolo eventual, já que o condutor pode assumir o risco de que o crime ocorra, presumindo que um acidente ocorra possivelmente.

Finalmente, evidenciam-se dois segmentos paralelísticos: “eu também não acredito”, por L1 sugerir que o fato de o condutor dirigir, não significa que ele o faça com a intenção de matar alguém; e “me permita só rapidinho C... eu tô com o Luiz Filho”, em que, do ponto de vista sintático, há paralelismo – dois sintagmas verbais, mas, do ponto de vista semântico, não há, o que pode ser justificado, por L1 cometer um desvio tópico e interromper a interação com L2, para abordar outro tema. As categorias tratadas ao longo dessa análise podem ser mais bem visualizadas na tabela 7.

Tabela 7 – Categorias que propiciam a assimetria

Categorias	Exemplos
Paralelismos sintático e semântico	"o cara vinha", "o cara pegava", "me irritava", "eu achava massa quando tinha uma curva... quando o cara fazia uma curva", "ele não teve a intenção", "ele não TEVE a intenção de matar", "ele deve ser: né? enquadrado né?";
Paráfrase	"isso é muito comum" e "isso acontecia principalmente no carnaval", "essa foi uma das que eu mais gostei", "ultrapassar pela contramão aclive ou declive... que são as ladeiras né? de subida ou descida"

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2016)

Foi possível observar, no momento interativo 5, não apenas o poder que L1 exerce sobre o evento de fala, por ocasião da interrupção do tópico e da interação em si, mas ainda o poder que L1 exerce ao longo de todo o evento de fala, mantendo-se por mais tempo no turno, monitorando os turnos de L2 e, quando o faz, suscita os paralelismos sintático e semântico e a paráfrase, categorias que, por sua vez, também podem colaborar para assimetria no referido evento de fala.

5.3.6 Análise do momento interativo 6

O evento de fala que representa o momento interacional 6 (seis) realizou-se no estúdio de radiojornalismo e tem por tópico discursivo a Febre Chikungunya. Nesse evento de fala, serão expostas a definição, os sintomas, a prevenção e o tratamento, embora na ocasião o Estado de Alagoas não havia casos registrados, segundo aponta o informante L1. O entrevistador corresponde a L1 e o entrevistado, a L2.

O referido momento interativo objetiva esclarecer informações sobre a Febre Chikungunya e refletir sobre os possíveis cuidados necessários à prevenção da doença, o que se realiza num contexto espaciotemporal propício. Para tanto, L1, que comanda a interação, dirige-se a L2, que é entrevistado e responsável para tratar da temática, por pertencer à área das Ciências da Saúde.

O canal de comunicação é a voz (linguagem verbal), uma vez que é uma entrevista em presença (face a face), cuja realização deu-se no estúdio do programa de rádio. Esse evento de fala apresenta turnos nucleares tanto em L1, quanto em

L2, embora a interação seja assimétrica, pois o parceiro comunicativo L1 exerce poder e controle durante o evento de fala, bem como o poder de permanecer por mais tempo no turno conversacional, transferindo-o a L2, quando pretende que esse interactante oriente, ratifique ou confirme as informações presentes no seu turno (L1).

Mesmo havendo a possibilidade de o diálogo ser assimétrico, L1 não desconsidera a posição social, formação e profissão do entrevistado L2 que, por sua vez, colabora para manter essa situação de silêncio, tornando possível nomear esse momento de assimétrico e cooperativo.

A fluência no evento de fala dá-se, entre outros meios, por L1 aplicar as normas que regem o funcionamento da instituição que representa, bem como dos procedimentos éticos e estruturais, necessários à efetivação do evento de fala. Entre os referidos procedimentos, podem ser incluídos: fazer perguntas abertas (a díade conversacional pergunta-resposta), direcionar sua atenção ao entrevistado, demonstrar simpatia, interesse, cordialidade e interatividade, conquistando a confiança do entrevistado, entre outros.

Quanto aos níveis de assimetria, têm-se o nível global e o local. O global permite configurar a entrevista em presença como um evento situacional, por haver um objetivo e tema estabelecidos de modo prévio, além de existir um grau de preparo na realização do evento, como também normas convencionalizadas (SANTOS, 1999) que orientam a abertura, o desenvolvimento e o fecho do tópico. Assim, o discurso institucionalizado, a situação discursiva pública, formal e previamente definida, os papéis interacionais de L1, que detém o poder da palavra, e de L2, que se limita a responder, contribuem para constituir o poder social em nível macro, bem como a relação de poder explícita.

O nível local da assimetria é demarcado pelas relações interpessoais, firmadas entre os interactantes, pois, certamente, há uma distância social, assegurada pela relação de lugares, o que é verificado pelas formas e nomes de tratamento. Além disso, a sobreposição de vozes, o controle dos turnos e do tópico, o uso dos pares conversacionais (pergunta-resposta, cumprimento-cumprimento, agradecimento-agradecimento, concordância-concordância) também determinam a assimetria local, o poder social em nível micro e a relação de poder implícita.

A assimetria pode ocorrer a partir das especificidades mencionadas anteriormente, como também pode ser evidenciada por intermédio da modalidade e

da modalização. Os elementos que as caracterizam são os operadores modais que manifestam os pensamentos e as atitudes dos interactantes L1 e L2, sendo mais bem detalhados a seguir.

Os predicados cristalizados: têm-se em L1 – “é complicado”, “é listrado”, “é bandido”, “ele não é (mocinho)”, “ele é bandido” apresentam-se na fala de L1 para denotar a insatisfação quanto à inexistência de um medicamento específico ao tratamento da Chikungunya, o que significa não haver uma profilaxia estabelecida/determinada; as expressões cristalizadas “é um paraíso”, ao salientar que a água retida em vasos e garrafas favorecem o aparecimento do mosquito, e “são todas viradas”, para indicar que L1 realiza um trabalho de prevenção; têm-se em L2 – “é lugar comum”, para dizer que responder ao cumprimento a L1 não é algo inusitado, “é instigante”, “é inteligente”, ao tecer elogios sobre L1 no circuito comunicativo.

No que diz respeito às modalidades, conforme Santos (1999), Dubois *et alii* (2011) e Castilho, Castilho (1993), o evento de fala traz as modalidades assertivas (afirmativas e negativas) ou as modalidades epistêmicas que não apenas faz asserções sobre o fato, mas ainda manifesta a veracidade do conteúdo proposicional, do tópico em discussão, quais sejam: em L1 – “essa é a nossa contribuição”, “me parece uma constatação lógica”, “ela vai chegar”, “nós ainda num não conseguimos erradicar esse danado desse mosquito”, “eu tenho um amigo meu que brincava quele já é listrado”, “porque parece um presidiário mesmo”, “parece ser uma coisa altamente recorrente”, “eu tenho umas garrafas de bebidas”, “não adianta eu fazer a minha parte e o vizinho não tá fazendo”; em L2 – “eu me senti assim muito descontraído... muito bem”, “a gente sempre diz o seguinte erradicação controle da população do mosquito no caso do do aedes aegypti que urbano não depende só do do/ das autoridades depende sobretudo da população”, “você é uma pessoa que é instigante é inteligente e::: suscita assim”, “eu aqui não falei sozinho”, “debati com você”, “você me disse uma coisa que me deixou particularmente alegre”, “você falou em garrafas”, “eu tenho lá em casa garrafas de bebidas”, “eu tenho um amigo que ele diz que sou o único/a única pessoa ainda a comprar cerveja retornável”. Pode-se observar que tanto L1 quanto L2 reproduzem informações concernentes à temática, ao momento interativo em si, bem como dos participantes.

No que se refere às modalidades imperativas/jussivas ou as deônticas, há enunciados que se ligam ao dever ou à ordem: L1 “todo mundo ajude”, “vamo ter

cuidado com a: com as coisas da nossa casa”, “dá uma olhadinha no vaso”, “coloca o vaso de terra”, “observa qualquer”, “vira ela pra cima”, “não venha galopante”, “tem que ser”, “não tem como ser”. Esses enunciados foram proferidos com o intuito de orientar o público-espectador sobre a prevenção da doença.

Os verbos modais *poder* e *dever* nas formas “se puder substituir” e “deveria” asseguram poder interpretativo ao texto. No primeiro, suaviza-se o enunciado, pois a escolha é de responsabilidade do ouvinte, indicando possibilidade; no segundo, embora o sintagma verbal mostre-se no futuro do pretérito, há indicação de possível obrigatoriedade, algo passível de ser cumprido.

Os operadores argumentativos *ainda*, *porque*, *mesmo*, *mas*, *também* são marcas linguísticas que também determinam a relação de assimetria no discurso (SANTOS, 1999). O operador *ainda* revela a projeção de L1 quanto à erradicação do mosquito *Aedes Aegypti*; *porque* reproduz um enunciado explicativo, quando L1 apresenta características do mosquito; *mesmo* funciona como um item lexical que confirma uma informação de L1; *mas* conecta dois argumentos, fazendo uma oposição entre as ideias neles contida, no que se refere ao fato de as pessoas não tomarem as devidas medidas preventivas; *também* expressa acréscimo de ideias, ao dizer que o mosquito não ataca somente a casa da pessoa que não se previne, mas a do vizinho, mesmo que este tome os devidos cuidados.

Outros operadores modais aparecem no momento interativo 6, quais sejam: construção de auxiliar+infinitivo – L1 *ela vai chegar*, *ele vai atacar*, ao premeditar a chegada do mosquito e, conseqüentemente, da doença no estado; advérbios modalizadores – *sempre*, *sobretudo*, *altamente*, *muito*, *muito* descontraído, *realmente*, *muito* bem, *muito* melhor, para indicar recorrência quanto a algo dito, restringir informações e intensificar as asserções de L1 e de L2; enunciado justificativo ou explicativo – porque parece um presidiário, ao justificar a semelhança entre algumas características físicas do mosquito e de um presidiário; modos e tempos verbais – futuro do pretérito (seria, deveria), pretérito imperfeito do indicativo (brincava), pretérito imperfeito do subjuntivo (se tivesse, se cada um fizesse), futuro do subjuntivo (se puder, se ela vier), os quais suavizam os enunciados ou indicam possibilidade quanto às ações. Os elementos modais citados anteriormente podem ser mais bem observados na tabela a seguir:

Tabela 8 – Categorias que propiciam a assimetria

Categorias	Exemplificação
<p>Operadores modais (modalidade e modalização)</p>	<p>Os predicados cristalizados: têm-se em L1 – “é complicado”, “é listrado”, “é bandido”, “ele não é (mocinho)”, as modalidades assertivas (afirmativas e negativas) ou as modalidades epistêmicas em L1 – “essa é a nossa contribuição”, “me parece uma constatação lógica”, “nós ainda num não conseguimos erradicar esse danado desse mosquito”; as modalidades imperativas/jussivas ou as modalidades deônticas em L1 – “todo mundo ajude”, “vamo ter cuidado com a: com as coisas da nossa casa”; os verbos modais <i>poder</i> e <i>dever</i> nas formas “se puder substituir” e “deveria”; os operadores argumentativos <i>ainda</i>, <i>porque</i>, <i>mesmo</i>, <i>mas</i>, <i>também</i>; a construção de auxiliar+infinitivo – L1 <i>ele vai atacar</i>, ela vai chegar; os advérbios modalizadores – <i>sempre</i>, <i>sobretudo</i>, <i>altamente</i>, <i>muito</i>, <i>muito</i> descontraído, <i>realmente</i>, <i>muito</i> bem, <i>muito</i> melhor.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2016)

Os dados apontam ser possível o fato de a modalização e a modalidade propiciarem a assimetria no diálogo entre L1 e L2, sobretudo na fala de L1, por estar no comando das ações interativas de diálogo e permanecer por mais tempo no turno, o que naturalmente torna o aparecimento dos operadores modais mais recorrente, constituindo marcas linguísticas que potencializam o discurso assimétrico e indicam as intenções dos interactantes.

5.3.7 Análise do momento interativo 7

O evento de fala em que se insere o momento interativo 7 (sete) tem por tópico conversacional as exigências do Procon frente o uso de planos de saúde pela sociedade, bem como dos serviços que as empresas de planos devem prestar e de algumas implicações nesse tocante. L1 é entrevistador e L2, entrevistado.

Esse evento de fala ocorreu no estúdio do programa de rádio, num contexto espaciotemporal, por ocasião da abordagem sobre a referida temática. Esta, por sua vez, foi dirigida pelo locutor L1 que se mantém no poder da interação, direcionando os questionamentos a L2, a fim de que informações inerentes ao uso de planos de

saúde sejam mais bem esclarecidas/clarificadas e que os clientes usufruam de seus direitos, por intermédio dos procedimentos cabíveis.

O objetivo discursivo desse evento situacional justifica-se por discutir e esclarecer fatos pertinentes às atribuições de planos de saúde, no que se refere ao agendamento de exames, prazo de agendamento, cobertura de procedimentos médicos e outras atribuições que devem ser cumpridas pelas empresas de planos de saúde, na prestação de serviços, de acordo com a Agência Nacional de Saúde (ANS), a favor dos clientes/consumidores. O canal da comunicação é a voz (linguagem verbal), levando em conta ser uma entrevista face a face, com a presença dos interactantes L1 e L2 no mesmo ambiente de interação.

Por existirem um objetivo e um tema previamente definidos, pode-se caracterizar o momento interativo 7 como um evento situacional que se realiza a partir de um grau de preparo e conforme parâmetros institucionalizados, o que comprova o caráter institucional do diálogo, o cunho público e formal da situação discursiva e a existência de princípios estruturais e éticos, os quais norteiam a condução da entrevista oral radiofônica. Essas idiossincrasias não somente caracterizam o poder social em nível macro, mas também caracterizam a assimetria global e a relação de poder explícita, condicionadas pelo *status* social e papel dos interactantes L1 e L2 no evento de fala.

A assimetria local é observada, por L1 controlar o tópico, o tempo de permanência nos turnos, por utilizar a díade conversacional pergunta-resposta – o que exige de L2 (entrevistado) um *feedback*, por haver uma distância social entre entrevistador e entrevistado, assegurada pelas relações interpessoais (verticais), pelos nomes – L1 chama a entrevistada de C – e formas de tratamento – L1 dirige-se à entrevistada utilizando a forma de tratamento “você”, sugerindo aproximação e intimidade para obter as informações desejadas, mas, ao mesmo tempo, imprimindo uma relação relativamente dissimétrica, propiciada por esse elemento –, pela sobreposição de vozes em L1, por L1 assumir o turno sem o consentimento de L2, por ambos os interactantes, sobretudo L1, fazerem uso das modalidades linguísticas, entre outros fatores.

Os elementos citados relativizam o aparecimento da assimetria, bem como fomentam o poder social em nível micro e a relação de poder implícita. A modalidade e a modalização são materializadas nos operadores modais, quando L1

e L2 posicionam-se e expõem informações acerca do tópico, o que se comprovará adiante.

As modalidades assertivas (afirmativas e negativas) ou as modalidades epistêmicas, quando se fazem asserções sobre o fato e manifesta-se a veracidade do conteúdo proposicional: em L1 – “você colocou uma coisa importante”, “existe sim possibilidade de êxito”, “eu posso dizer que existe”, “eu acho que não tem exemplo melhor do que o meu”, “eu me lembro que eu precisei fazer uma cirurgia”, “existiam dois tipos de procedimento ou ela aberta ou ela fechada”, “o MÉDICO me aconselhou que eu fizesse ela fechada”, “eu tive que inclusive assinar um termo”, “quando eu dei entrada no plano de saúde... o plano de saúde ele negou”, “eu tô contando esse exemplo”, “o meu advogado me aconselhou ao entrar na justiça COM o pedido do médico mostrando que era mais seguro”, “não demoROU muito não cara... com poucos dias né? eu consegui uma liminar... dei entrada no plano de saúde o próprio plano de saúde antes de recorrer já ligou pra mim marcando a cirurgia”, “eu FIZ a cirurgia... né? e: e: não tive maiores complicações”, “eu tô contando esse exemplo”, “você é do núcleo responsável por plano de saúde”, “você quando... se acha lesado por uma determinada empresa e olha pro tamanho dela e diz ‘poxa... eu não tenho como: entrar’ mas tem... se você tá dentro da lei se você tem realmente esse direito se você realmente foi lesado a chance de êxito ela é muito boa”.

A presença dessas modalidades assertivas traduz-se pelo fato de L1 ratificar a importância e a possibilidade de realizar algum procedimento médico, quando o plano de saúde indefere o pedido; por L1 comprovar tal afirmativa com um episódio experienciado por ele; por o médico aconselhá-lo a fazer um tipo específico de procedimento; por contar que teve de tomar uma série de medidas cautelares até o plano autorizar a cirurgia; por estimular o público-espectador a tomar tal providência, quando se achar lesado pela empresa do plano de saúde, o qual o assiste.

As modalidades assertivas que marcam a fala de L2 são: “eu falei anteriormente a gente precisa da reclamação do consumidor mesmo que: que: a gente infelizmente alguns casos a gente não consiga resolver”, “o plano: ele só é obrigado a fazer a septoplastia normal”, “a gente: marca a audiência”, “a gente já encaminha pro judiciário”. Nesses segmentos, L2 reforça ser fundamental que o cliente reivindique, junto ao Procon, a cobertura de algum procedimento médico ou cirúrgico; salienta que os planos cobrem somente alguns procedimentos e quando

isso ocorre, desde o cliente reclame, o Procon marca uma audiência e direciona a análise do caso ao Poder Judiciário.

A modalidade interrogativa aparece quando L1 faz uma pergunta retórica para refletir sobre a inviabilidade de entrar em conflito judicial com uma empresa de grande porte, mesmo havendo casos em que o consumidor vence o conflito, conforme se vê em: “Eu vou entrar num embate com um plano de saúde desse?”. Os verbos modais *poder*, *ter que*, *precisar de*, os quais veiculam possibilidade e obrigatoriedade no conteúdo proposicional: “Eu posso”, “pode marcar”, “Eu tive que inclusive assinar”, “Ele teria que abrir”, “temos que cumprir” e “eu precisei fazer”.

Os operadores argumentativos *ainda*, *porque*, *mas*, *também*, *mesmo que* são elementos linguísticos que também contribuem para estabelecer a relação de assimetria no discurso jornalístico. O operador *ainda* revela que as pessoas ainda sentem medo de processar empresas de planos de saúde, as quais não custeiam procedimentos médicos; *porque* reproduz um enunciado explicativo, quando L1 se utiliza como exemplo de cliente coagido, justifica o fato de haver o constrangimento de clientes em geral e justifica a seriedade quanto à gravidade do problema; *mesmo que* funciona como um item lexical que faz uma ressalva, uma concessão de L2, ao dizer que a reclamação do consumidor é necessária, ainda que o Procon não auxilie na resolução do problema; *mas* conecta dois argumentos, efetivando uma oposição entre as ideias neles contida, no que se refere ao fato de não existir a possibilidade de êxito num processo judicial contra empresa de plano de saúde; *também* expressa acréscimo de ideias, ao dizer que a septoplastia por vídeo passou a ser um procedimento cirúrgico requerido por médicos, por ser menos invasivo.

Outros operadores modais aparecem no momento interativo 7: construção de auxiliar+infinitivo – L1 *vou entrar*, *vou ganhar*, ao questionar a iniciativa de reivindicação do cliente que usa o plano, bem como ratificar a provável falta de êxito; expressões cristalizadas do tipo “é+adjetivo” – “é sério”, “é boa”, “era seguro”, “era rápida”; advérbios modalizadores – *extremamente*, *difícilmente*, *sim*, *obviamente*, *muito* bem, *muito mais* seguro, *muito* sério, *realmente*, *mais*, *justamente*, *normalmente*, *provavelmente* para intensificar, acentuar e ratificar o conteúdo de assertivas de L1 e de L2 ou expressar veracidade, certeza ou probabilidade nas asserções; verbos de atitude proposicional: eu *acho*, eu *sei*.

Há também enunciados justificativos ou explicativos – *porque muitas pessoas se sentem extremamente pequenas*, *porque eu sou um dos exemplos*, *porque a*

recuperação é muito mais rápida e segura – quando L1 justifica o constrangimento dos usuários de planos de saúde, a exemplo desse mesmo interactante, e ao explicar a solicitação de um procedimento cirúrgico menos agressivo; em L2: *porque aí esse roll é sempre no caso de:/ desses procedimentos eles são sempre atualizados, por ser um procedimento meno:s invasivo*, ao explicitar a importância das reclamações por parte dos consumidores, já que os médicos solicitam a realização de procedimentos que não estão na lista daqueles financiados por planos de saúde; modos e tempos verbais – futuro do pretérito (poderia, teria, seria), pretérito imperfeito do indicativo (era, havia, custava), pretérito imperfeito do subjuntivo (fizesse, houvesse), os quais suavizam os enunciados ou indicam possibilidade quanto às ações. Os operadores modais anteriormente elencados podem ser mais bem visualizados na tabela a seguir:

Tabela 9 – Categorias que propiciam a assimetria

Categorias	Exemplificação
<p>Operadores modais (modalidade e modalização)</p>	<p>Modalidades assertivas (afirmativas e negativas) ou as modalidades epistêmicas: em L1 – “você colocou uma coisa importante”, “existe sim possibilidade de êxito”, “eu posso dizer que existe”, “eu acho que não tem exemplo melhor do que o meu”, “eu me lembro que eu precisei fazer uma cirurgia”, “existiam dois tipos de procedimento ou ela aberta ou ela fechada”, “eu FIZ a cirurgia... né? e: e: não tive maiores complicações”; os verbos modais <i>poder, ter que, precisar de</i> – “Eu posso”, “pode marcar”, “Eu tive que inclusive assinar”, “Ele teria que abrir”, “temos que cumprir” e “eu precisei fazer”; os operadores argumentativos <i>ainda, porque, mas, também, mesmo que</i>; construção de auxiliar+infinitivo – L1 <i>vou entrar, vou ganhar</i>, ao questionar a iniciativa de reivindicação do cliente que usa o plano, bem como ratificar a provável falta de êxito; expressões cristalizadas do tipo “é+adjetivo” – “é sério”, “é boa”, “era seguro”, “era rápida”; advérbios modalizadores – <i>extremamente, dificilmente, sim, obviamente, muito</i> bem, <i>muito mais</i> seguro, <i>muito</i> sério, <i>realmente, mais, justamente, normalmente, provavelmente</i>; modos e tempos verbais – futuro do pretérito (poderia, teria, seria), pretérito imperfeito do indicativo (era, havia, custava), pretérito imperfeito do subjuntivo (fizesse, houvesse), os quais suavizam os enunciados ou indicam</p>

possibilidade quanto às ações.

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2016)

A observação e a interpretação dos dados apontam a possibilidade de a modalização e a modalidade estimularem a assimetria na interação entre L1 e L2, sobretudo na fala de L1, que controla/comanda o evento de fala e permanece por mais tempo no turno, o que resulta no aparecimento recorrente dos operadores modais, ao constituírem marcas linguísticas que potencializam o discurso assimétrico e cooperativo e indicarem as intenções dos parceiros comunicativos (entrevistador e entrevistado).

5.3.8 Análise do momento interativo 8

O momento interativo 8 apresenta como tópico discursivo as novas tecnologias, temática abordada todas as quintas-feiras. Dentro da referida temática, os interactantes L1 e L2 direcionaram o debate ao lançamento do iPhone no Brasil, bem como à criptografia e a outros sistemas de segurança. Nesse evento de fala, L1 é entrevistador e L2, entrevistado.

Por realizar-se no estúdio do programa de rádio, num contexto de espaço e tempo específicos, o presente evento de fala constitui uma entrevista em presença (face a face), conforme aponta Lage (2002). Tem por objetivo discursivo levar informações acerca do uso das tecnologias, a fim de manter o espectador atualizado quanto às novidades e esclarecer dúvidas sobre determinadas técnicas, ferramentas, determinados aplicativos e sistemas de segurança que podem ser protegidos com criptografia, de modo a codificar informações/dados.

O fato de haver um objetivo e um tema delimitados em tempo antecedente, indicando um grau de preparo na concretização do evento, permite nomear o momento interativo como um evento situacional, em que L1 e L2 utilizam a voz (linguagem verbal) enquanto canal de comunicação, já que o dado evento ocorre face a face no estúdio radiojornalístico. A situação discursiva é pública e formal, bem como segue princípios de cunho estrutural e ético, os quais orientam a realização da entrevista oral radiofônica.

O controle que o entrevistador exerce sobre a interação, as normas convencionalizadas que regem o discurso jornalístico e os princípios estruturais e

éticos da arte de entrevistar bem definem o poder social em nível macro, a assimetria global e a relação de poder explícita. Ademais, a conversação é relativamente assimétrica, devido ao papel interacional e *status* social dos interactantes L1 e L2, pois, enquanto o primeiro é entrevistador e conduz o diálogo, o segundo limita-se a responder ao que lhe é questionado, embora L1 deixe-o à vontade para falar, já que L2 é o especialista no assunto sobre tecnologias.

A assimetria local, o poder social em nível micro e a relação de poder implícita são evidenciadas pelas díades conversacionais (pergunta-resposta, cumprimento-cumprimento), pelas relações interpessoais, notadamente pelos nomes e pelas formas de tratamento – L1 é chamado de O por L2 e este, de professor por L1 –, a sobreposição de vozes em L1 e em L2, a seleção de determinados segmentos da fala do outro (SANTOS, 1999) ou da própria fala, considerando que ambos os interactantes (L1 e L2) repetem não somente para manter-se no turno, como também para tornar o fluxo verbal contínuo, acrescentar novas informações ao diálogo (XAVIER, 2006), demonstrar compreensão e interesse pelo tópico, garantir a posse do turno ou transferi-lo e orientar o parceiro comunicativo.

No que se refere à repetição, essa categoria é apresentada por meio do item lexical “professor” e da construção suboracional “nós vamos”, utilizados por L1 para anunciar a presença do entrevistado L2 e indicar ser este o especialista que tratará do assunto, bem como para dizer que a construção do processo conversacional é colaborativa/compartilhada, por ambos contribuírem à progressão temática. Baseados nos aspectos tipológicos da repetição, pode-se nomear essas realizações de: autorrepetições, pois L1 repete o item lexical “professor” e a construção suboracional “nós vamos” na própria fala, no próprio turno; repetições autorrealizadas, por L1 repetir sem influência direta de L2; repetições adjacentes, por se mostrarem próximas; repetições intencionais, por L1 fazê-lo estrategicamente; e repetições literais, visto que L1 repete segmentos textuais idênticos.

A seguir, L2 utiliza o item lexical “a gente” e “iPhone”, para salientar o quão fortemente marcada é a perspectiva de consumo da sociedade, utilizando-se do iPhone plus como um dos objetos de consumo. Observa-se, em seguida, que ocorrem heterorrepetições e repetições heterocondicionadas, porque L2 repete os segmentos “o grandão” e “é defeito de fábrica”, por influência de L1. Nesse ínterim, quando L2 fala da estrutura de alumínio dobrável do iPhone, estimula L1 a repetir o

segmento oracional “dobra como um defeito”, ao questionar se é defeito, verdadeiramente, ou característica do aparelho.

Posteriormente, L1 faz uso da construção oracional “é defeito de fábrica”, seguida da expressão fática “né”, a fim de ratificar segmentos textuais mencionados, caracterizando heterorrepetição, repetição heterocondicionadas, adjacente, intencional e literal, de forma a considerar que L2 repete os segmentos discursivos “defeito de fábrica”, “é o do do aparelho”, “dia 7”, “pré-venda” e “uma grife” por interferência de L1, contribuindo para a manutenção dos turnos e andamento do diálogo, o que acontece levando em conta uma finalidade específica – esclarecer questões sobre as novidades no mercado tecnológico, inicialmente – e o fato de L2 voltar a dizer integralmente os segmentos da fala de L1.

Por fim, L1 repete o item lexical “iPhone” em seu turno – autorrepetição e repetição autorrealizada – e induz L2 ao uso do item lexical “*touch screen*” já dito pelo interactante L1 – heterorrepetição e repetição heterocondicionadas –, com o intuito de evidenciar que o iPhone possui um sistema operacional interessante, estável e inovador, a exemplo da tecnologia *touch screen* (telas sensíveis ao toque) que substituiu teclados físicos. Os segmentos discursivos que confirmam o aparecimento da repetição no momento interativo 8 podem ser mais bem visualizados na tabela 10.

Tabela 10 – Categorias que propiciam a assimetria

Categorias	Exemplificação
Repetição	“nós vamos”; “professor”; “as coisas novas”; “novidades”; “iPhone”; “o grandão”; “ele dobra”; “dobra como um defeito”; “é defeito de fábrica mesmo”; “defeito de fábrica”; “isso é o preço do aparelho”; “é o do do aparelho”; “dia 7”; “pré-venda”; “uma grife”; “ <i>touch screen</i> ”; “o toch o <i>touch screen</i> isso mesmo”.

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2016)

Verificou-se, portanto, que a repetição pode favorecer a assimetria no discurso radiojornalístico, de modo que o entrevistador utiliza-a como uma estratégia para compor seu turno, conduzir o tópico, entregar o turno a L2, expandir os sentidos, reduplicar segmentos textuais em turnos sucessivos ou recriar esses

segmentos em turnos não sucessivos. A concretização dessas ações por ambos os interactantes denota cooperação e um discurso relativamente assimétrico, dirigido/controlado por L1 (entrevistador), sobretudo ao atentar-se para a situação discursiva e o lugar social de onde se fala.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho centrou-se na análise de elementos textuais e conversacionais, inclusive nos fatores constitutivos da conversação, os quais compõem a entrevista radiojornalística. A fim de executá-lo, procurou-se responder aos seguintes questionamentos: Quais os aspectos textuais e conversacionais que fazem acontecer o gênero entrevista oral radiofônica? No gênero entrevista oral radiofônica, que elementos verbais contribuem para a manutenção da conversação? Esses elementos estimulam ou não as relações de assimetria? As respostas a esses questionamentos constituíram o direcionamento desse trabalho, que toma como material de análise entrevistas orais coletadas em um programa de rádio de uma emissora local.

Assim, verificou-se que o referido gênero textual apresenta marcas linguísticas que contribuem para a manutenção da conversação, provam que o texto falado é um evento organizado e articulado e mostram, ainda, que os paralelismos sintático e semântico, a paráfrase, a repetição, os operadores modais, os relacionemas verticais, as relações de poder, a distância social, hierarquia, dominação e o controle são categorias linguísticas recorrentes que estimulam a assimetria, observando o papel que o entrevistador exerce na interação radiofônica, o que se comprovou ao longo dos 8 (oito) momentos interativos.

O controle da interação pelo entrevistador evidencia a recorrência das referidas categorias, já que são utilizadas para assegurar o poder a esse interactante e tornar a conversação como assimétrica e cooperativa. Desse modo, a equivalência sintática e a semântica, a formulação e reformulação textual, a repetição de itens lexicais, construções subordinacionais e oracionais e as modalidades linguísticas compõem estratégias utilizadas pelo comunicador para manter a continuidade tópica, temática e semântica em seu turno, garantir a compreensão no circuito comunicativo entre entrevistador-entrevistado-público, persuadir os interactantes, enfatizar ou intensificar ideias, expandir sentidos, situar os parceiros comunicativos da temática (tópico) abordada, construir o diálogo de forma colaborativa e manifestar atitudes, sentimentos e pensamentos dos falantes.

O uso dessas estratégias também denota relações de assimetria, poder e dominação na interação radiofônica, em que o entrevistador controla o processo conversacional, seleciona os falantes, introduz, incentiva ou retira tópicos

discursivos, inicia e conclui os eventos, coordena a distribuição/alocação dos turnos, produz determinados segmentos linguístico-textuais, coordena as sequenciações, manifesta-se quanto aos fatos e às informações elucidadas, avalia posições, opiniões, situações etc. e usa operadores modais.

Essas marcas textuais e conversacionais foram analisadas processual e qualitativamente nos momentos interativos, bem como de forma descritivo-interpretativa. Verificou-se, ainda, que a troca de falantes, as transições de um turno a outro sem intervalos e sem sobreposições por parte do entrevistado, a ordem e o tamanho variáveis dos turnos, as relações de poder, as sobreposições de vozes do comunicador, a disposição fixa e não fixa dos turnos na conversação podem determinar as relações assimétricas na interação verbal.

Na conversação assimétrica, foi possível verificar que o controle da interação dá-se também por o entrevistador intervir sucessiva e significativamente, por meio de turnos nucleares ou da díade pergunta/resposta, o que o faz ocupar um espaço de tempo maior durante o turno, suas intervenções são de caráter referencial evidente para o desenvolvimento do tópico conversacional, enquanto o entrevistado contribui com intervenções episódicas ou secundárias nos momentos interativos e mantém-se no turno quando o entrevistado permite.

A assimetria pode ser marcada na interação verbal quando os interactantes (entrevistador e entrevistado) assumem posições distintas no evento de fala. A relação de lugares, poder, hierarquia, dominação, representada por dados contextuais – a idade (diferentes faixas etárias), o sexo (masculino e feminino), a posição social (diferentes classes sociais), a formação (nível de escolaridade variado), a profissão (habilidade de formação), as crenças (de formação religiosa, de defesa de perspectivas) e a relação entre os participantes (conhecidos, desconhecidos) contribuiram para definir a assimetria na entrevista radiojornalística.

As relações de poder e de controle discursivo são inerentes às entrevistas já que o entrevistador comanda a distribuição de turnos, introduz ou retira tópicos e, de certa forma, regulamenta os pares adjacentes do evento de fala, o que ratifica que a entrevista seja assimétrica, embora a simetria também possa aparecer nesse evento de fala, o que sugere que pode haver diferentes situações em que podem acontecer a assimetria e a simetria nesse texto conversacional. Essas considerações tomaram por base as acepções teóricas de Marcuschi (1991, 1995) e Santos (1999, 2008) – conceitos fundamentais para entender a assimetria no discurso oral –, uma vez que,

para determinar se um discurso é simétrico ou assimétrico, é preciso analisar a interação verbal.

Desse modo, o poder social, o econômico, o político, o cultural, o intelectual dos interactantes, a formação desigual, a profissão com valor social diferenciado, os direitos diferenciados, papéis desiguais no comando da interação, os grupos sociais, as classes de interesse, práticas institucionais e socioculturais, o controle dos tópicos e turnos, as formas de tratamento, as tomadas de turno, a seleção de certos atos de fala, os paralelismos sintático e semântico, a paráfrase, as modalidades linguísticas ratificam o discurso assimétrico da entrevista.

A contribuição do trabalho reside no fato de associar as categorias textuais e conversacionais, teorizadas ao radiojornalismo local, como estudo no cenário acadêmico alagoano, mostrando que elas propiciam a assimetria na interação radiofônica. Para justificar este trabalho, buscou-se, entre outros teóricos, Santos (1999, 2004, 2008) que analisa a simetria e a assimetria no discurso de sala de aula em contexto universitário e mostra que, embora esse discurso apresente a negociação, a cooperação, a compreensão e a interpretação, a conversação é assimétrica nesse evento de fala, razão por que se pretendeu verificar como se dão as relações de assimetria na entrevista radiojornalística e quais elementos propiciam essas relações.

Cada tabela explicada após cada análise indica que aparecem categorias pertencentes aos Estudos Textuais, como os paralelismos sintático e semântico, as paráfrases e as repetições; à linha conversacional, a exemplo dos turnos nucleares e inseridos, da sobreposição de vozes, dos relacionemas verticais, dos pares conversacionais e do tópico discursivo; e, enfim, às questões ligadas ao uso da língua em que aparecem os operadores modais. Isso mostra que há um *continuum* entre as categorias textuais e conversacionais na entrevista oral radiofônica, objeto de análise deste estudo.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Cláudio. **Contando histórias**. Maceió: Sergasa – Serviços Gráficos de Alagoas S/A, 1991.

ALENCAR, Cláudio. **Histórias do rádio**. Maceió: Graciliano Ramos, 2004.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, Irlandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.

ARISTÓTELES. **Arte retórica**. 2. ed. Revisão: Levi Condinho. Aristóteles. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, [1929] 2006.

BALSEBRE, Armand; MATEU, Manuel; VIDAL, David. **La entrevista en radio, televisión y prensa**. Madrid: Cátedra, 1998.

BALTAR, Marcos. **Rádio escolar: uma experiência de letramento midiático**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CALIL, Eduardo. A menina dos títulos: repetição e paralelismo em manuscritos de Isabel. **Revista Alfa**, São Paulo, v.54, n.2, p.533-564, 2010.

CARVALHO, João Marcos. Carta ao ouvinte. In: **Radioativa Difusora 60 anos**. Maceió: Informação Ltda., p.3, 2008.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios Modalizadores. IN: ILARI, Rodolfo (org.) **Gramática do Português Falado**: Níveis de Análise Linguística. 2. Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. P. 214-60. V. 2.

CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio**: prática de locução AM e FM. São Paulo: Summus, 2009.

CESTERO MANCERA, Ana María. Intercambio de turnos de habla en la conversación en lengua española. **Revista Española de Lingüística**, 24, 1, p. 77-99, 1994.

CESTERO MANCERA, Ana María. **El intercambio de habla en la conversación**: análisis sociolingüístico. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2000.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

CHANTLER, Paul.; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSTA, Lailton Alves da. Gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. **Oralidade, Mobilidade e Criatividade no Rádio**: quais os rumos na era pós-mídia? Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em:<

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2361-1.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2014, 10:00:30.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

DUBOIS, Jean *et alii*. **Dicionário de Lingüística**. 16. ed. Trad. Barros, F. *et alii*. São Paulo: Cultrix, 2011.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 1991.

FÁVERO, Leonor Lopes; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. As perguntas na organização das entrevistas. **Revista da ANPOLL** – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. São Paulo, n. 4, p.121-135, 1998.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 1999.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística textual: uma introdução**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FÁVERO, Leonor Lopes; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. A dinâmica das interações verbais: o trílogo. In: PRETI, Dino (org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

FÁVERO, Leonor Lopes et al. Interação em diferentes contextos. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). **Linguística de texto e Análise da Conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, Dino. **Estudos de língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 1998.

FÁVERO, Leonor Lopes. A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, Dino. **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2000.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**; tradução Joice Elias Costa. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2009.

FUCHS, Catherine. A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação? *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Número 8: UNICAMP. 1985. Trad. João Wanderley Geraldi. P. 129-134.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Simetria e assimetria em textos conversacionais. In: MAGALHÃES, I. (org.). **As múltiplas faces da linguagem**. Brasília: Editora UnB, 1996.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O tópico discursivo: procedimentos de expansão. In: PRETI, Dino (Org.). **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2005.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O Turno conversacional. In: PRETI, Dino. (org.). **Análise de Textos Orais**. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

GUEDES CAPUTO, Stela. **Sobre entrevistas**: teoria, prática e experiências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

HILGERT, José Gaston. **A Paráfrase**: um procedimento de constituição do diálogo. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 1989.

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (organizador). **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel (organizadoras.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da Conversação**: princípios e métodos. Tradução de Carlos Piovezani Filho, a partir dos originais em francês “La conversation”. São Paulo: Parábola, [1996] 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Linguística Textual: Quo Vadis? **Delta**, vol. 17: Especial, 2001. P.11-23

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2002a.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2002b.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Linguística textual**: trajetórias e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 22. Ed. São Paulo: Contexto, 2010a.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 10. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010b.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina. Aspectos da cortesia na interação face a face. In: PRETI, Dino (org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008.

LEITÃO, Márcio Martins. Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

LIER-DEVITTO, Maria Francisca. Delírios da língua: o sentido linguístico (e subjetivo) dos monólogos da criança. In: LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. (Orgs.). **Aquisição, patologias e clínica da linguagem**. São Paulo: EDUC, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Manifestações de poder em formas assimétricas de interação. **Investigações**; Linguística e Teoria literária, Recife-Pernambuco, v. 1,

1991. Disponível em:

<<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1494/1167>>.

Acesso em 04 jul. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Assimetria, poder e adequação na interação verbal. **Investigações**; Linguística e Teoria literária, Recife-Pernambuco, v. 5, 1995.

Disponível em:

<<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1515/1181>>.

Acesso em 04 jul. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Rumos atuais da Linguística Textual**. Texto da conferência pronunciada no LXVI Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL). Unesp, São José do Rio Preto, junho, 1998a.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atividades de compreensão na interação verbal. In: **Estudos de língua falada**: variações e confrontos. São Paulo: Humanitas, 1998b.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. 5. Ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Ática, [1986] 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, v.1. p. 219 – 254.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A oralidade no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a fala. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva (orgs.). **Fala e escrita**. 1 ed., 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Cap. 3.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística do texto**: o que é e como se faz? São Paulo: Parábola, 2012.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

LUCHT, Janine Marques Passini. Gêneros no radiojornalismo. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses; revisão Maria Aparecida Bessana**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Práticas linguístico-não verbais no discurso interativo de sala de aula** / Cristiano Lessa de Oliveira. – 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2012.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. 2. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2015.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1985.

PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

RIBEIRO, Nilsa Brito. **A paráfrase: uma atividade argumentativa**. Campinas, SP: 2001.

RODRIGUES, Ângela Cecília Souza. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

RUELA, Raul Mourão. **A entrevista no programa de TV**: construções de diálogos bilaterais no Panorama Entrevista. Juiz de Fora, 2007. 144 p. Monografia de graduação em COMUNICAÇÃO SOCIAL. FACULDADE DE Comunicação Social, UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. **Veredas** – Ver. Est. Ling. Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, p.9-73, jan./dez., [1974] 2003.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. **Professor-Aluno**; As Relações de Poder. Curitiba: HD Livros, 1999.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. **A interação em sala de aula**. Recife: Bagaço, 2002.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. Simetria e assimetria no discurso de sala de aula. In: MOURA, Denilda (org.). **Os desafios da língua**: pesquisas em língua falada e escrita. Maceió: Edufal, 2008.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. Os entraves de sentido e suas consequências para o ensino. In: SANTOS, Maria Francisca Oliveira. **Os saberes construídos no processo da pesquisa**. Maceió: Edufal, 2013.p.105-115

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro, a partir dos originais em francês. Campinas, SP: Mercado de Letras, [1996] 2004.

SAUTCHUK, Inez. **Prática de morfossintaxe**: como e por que aprender análise (morfo) sintática. Barueri, SP: Manole, 2004.

SILVA, Luiz Antônio da. Conversação: Modelos de análise. In: SILVA, Luiz Antônio da (org.). **A língua que falamos**: português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005.

SILVA, Luiz Antônio da. Cortesia e formas de tratamento. In: PRETI, Dino (Org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio**: oralidade mediatizada – o spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo: Annablume, 1999.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos**: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Tradução Magda França Lopes. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2009.

THOMPSON, John Brookshire. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRASK, Robert Lawrence Larry. **Dicionário de linguagem e linguística**; tradução Rodolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Villaça Koch, Thaís Cristófaros Silva. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

VAN DIJK, Teun A. **La ciencia del texto**: um enfoque interdisciplinar. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 1992.

WEEDWOOD, B. **História concisa da Linguística**. Tradução de Marcos Bagno, a partir dos originais em inglês *Concise Story Linguistics*. São Paulo: Parábola, [1995] 2002.

WILSON, Victoria. Motivações pragmáticas. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **A linguagem do rádio**. 1. Ed. Catanduva, SP: Rêspel, 2006.

ANEXOS

Normas de transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos.	()
Hipótese do que se ouviu.	(hipótese)
Truncamento brusco: quando alguém é cortado pelo parceiro ou quando o falante corta uma unidade.	/
Entoação enfática.	MAIÚSCULA
Prolongamento de vogal e consoante.	::podendo aumentar para:::ou mais
Interrogação.	?
Qualquer pausa, como: ponto e vírgula, vírgula, ponto final e dois pontos.	...
Comentários descritivos do transcritor.	((minúscula))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático.	- - - -
Sobreposição de vozes: usa-se a partir do ponto que começa a outra fala.	[
Sobreposição localizadas de vozes	[]
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto.	(...)
Falas simultâneas: dois falantes ao mesmo tempo.	[[
Sinais de pausa.	+ para cada 0,5s. Para pausa além de 1,5s, indica-se o tempo.
Sinais de entonação: aspas duplas correspondem mais ou menos ao ponto de interrogação.	“ ”
Repetições.	Duplica-se a parte repetida.
Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção.	ah, éh, oh, ih, ahã, ehn, uhn, tá
Citações.	“citação”
Iniciais maiúsculas.	Para nomes próprios ou siglas
Não se usa ponto de exclamação.	
Indicação de transcrição parcial ou de eliminação	... ou /.../

Critérios de transcrição, segundo Preti (1993, p.11-2) e Marcuschi (2003, p.10-13)

Momento interativo 1

ENTREVISTA DO DIA 01/08/2014 - Início em 21min22s e término em 47min40s

L1 gente... olha tô recebendo aqui no estúdio o:: TF... né? que é estudante e escritor e também a PN que é coordenadora da biblioteca da instituição e a gente vai falar um pouco sobre essa obra um gesto de amor que é uma obra inédita... né? e eu achei que o meu produtor F ele não é um leitor ele é um devorador de livros né? ele adora né? e ele disse olha O é um bate-papo uma obra muito interessante né? vai ser um papo muito legal porque eu também sou um cara que gosta muito de ler... e a gente vai falar um pouquinho sobre essa obra falar um pouquinho também sobre a biblioteca da instituição... rapaz uma carência tão grande que nós temos de bons espaços... pra que as pessoas possam né? ter uma boa leitura ou encontrar boas obras... tem muita gente que sequer conhece o espaço né? e a gente vai poder também falar sobre esse assunto... deixe eu cumprimentar aqui o T... tudo bom T... prazer recebê-lo aqui nos estúdios

L2 obrigado... o prazer é todo meu

L1 agora aqui vo/ tem dizendo que você é estudante e escritor... você é estudante de que T?

L2 de química industrial de:: uma IES

L1 química industrial... né? uma matéria pesada... eu aliás admiro quem escolhe química física... era meu terror quando eu era mais novo... não que eu não desenrolasse... mas é que eu não gosto mesmo né? e de repente você vai né? e escreve um livro que tem tudo a ver com sensibilidade né? com com com carinho né? com um gesto de amor... como é o título do livro... essa sua outra face né? o químico industrial também é uma pessoa que gosta de falar de amor T?

L2 ah eu gosto... os livros que eu mais gosto de ler são os de romance... porque é um livro que traz um ensinamento... traz uma mensagem bonita... então... os primeiros livros que eu comecei a ler foram na Biblioteca Y foram os romances... eu li quase todos os romances da biblioteca volante... então eu já tinha histórias na mente só que eu nunca tive coragem de escrever... foi com o incentivo da bibliotecária que vinha na biblioteca ela disse olhe T escreva... não tenha medo escreva arrisque

[

L1

mas

começou como? você começava a escrever um texto... aí mostrou... aí de repente o pessoal disse olha você tem jeito escrevendo

[

L2

não...

eu sentava logo e ia preparar... sentava logo e ia digitando... aí o primeiro livro mesmo deu quase quinhentas páginas

L1 esse não é o primeiro livro?

L2 não... o primeiro livro mesmo eu fiz... mas não

[

L1

não publicou... apenas fez

L2 não

L1 qual era o livro?

L2 tem título e tudo... é recomeçar o nome dele

L1 recomeçar

L2 é

/.../

Momento interativo 2

ENTREVISTA DO DIA 04/08/2014 inicia em 31:05 min. e finaliza em 56:52 min.

L1 Vou conversar agora com AS... nutricionista e organizadora do simpósio... né? desafios e conquistas e também com a PE... psicóloga e também organizadora do:: simpósio desafios e conquistas

L1 bom dia A... tudo bom?

L2 bom dia... bom dia a todos...

L1 bom dia P como é que vai?

L3 bom dia'

L1 uhn bem... vocês estão realizando aí o:: simpósio... projeto inclusão desafios e conquistas... o que vem a ser esse... projeto inclusão desafios e conquistas?

L3 o projeto... ele vai tratar da temática da inclusão direcionada aos profissionais da saúde e educação... nós vamos trabalhar essa temática da inclusão... éh numa perspectiva... que trabalha a questão da inclusão não somente como uma questão pedagógica escolar... mas a questão da inclusão... da criança ou da pessoa com alguma necessidade especial com alguma deficiência... no meio social... e nós vamos trabalhar com profissionais diferentes profissionais da área da saúde e da educação... são profissionais que tem uma experiência uma trajetória na inclusão... éh:: neuropedagogo psico éh::/ neuropsicólogos psicopedagogos... pessoal que trabalha com estimulação precoce' nós vamos ter um filósofo também falando sobre ética e infância e eu como psicóloga... nós vamos estar trabalhando essas questões vamos também oferecer uma oficina... na área da educação física com algumas atividades possibilitadoras na inclusão dessas crianças no ensino regular...

/.../

L1 uhn e também lembrando a gente né? ah com relação aí ao simpósio éh o projeto desafios e conquistas... então sete a nove de agosto... paga alguma coisa pra fazer sua inscrição... é gratuito... como é que vai funcionar?

L2 o nosso foco é educadores profissionais da saúde e familiares... então nós temos trezentos e cinquenta reais a inscrição cheia... temos... pra estudantes cento e setenta e cinco reais e estão fazendo grupos de cinco ou mais pessoas a gente mantém o mesmo valor de estudante... né?

L1 cento e setenta/ setenta e cinco isso lógico pra poder ratear esses custos né? que quer queira quer não.. não é uma coisa que é tão baixa assim pra trazer esse pessoal pra cá

[]

L2

nós conseguimos

L1 com hospedagem com tudo

L2 nós conseguimos apoio de empresas ahn grandes... que se engajaram e também tem responsabilidade social, mas há muitos custos que ficaram fora porque as empresas elas entraram com seu serviço né?... então nós temos o pagamento de palestrantes... são palestrantes que renomados... e assim vai... as despesas todas são três dias né? de projeto

L1 como é que tá a situação né? de Alagoas de Maceió comparando com os outros estados com relação aí vocês lutando justamente pra haver essa inclusão? tá muito distante aí o estado de alagoas para os outros estados ou tá naquele meio termo... né? não... tá no meio do caminho como é que tá a situação?

L3 nós estamos um pouco aquém do que pode ser feito em relação à inclusão... e não só a inclusão... na no meu ver tem algumas questões que inclusive eu vou trabalhar na minha palestra e que:: mostram um sintoma social que tá acontecendo hoje a gente tá vendo muitas crianças sendo diagnosticadas com alguns transtornos que isso diz também de uma necessidade especial principalmente na área da educação... são diagnosticadas com transtornos e são medicadas... e:: nós temos em alguns estados éh ações de ponta que percebe ou diagnostique diagnostique uma possibilidade de vir a essa criança ter um problema em seu desenvolvimento e já fez um trabalho precoce... de prevenção a esse inclusive na área pública de saúde... então eu vou trazer essas ações

para que a gente possa discutir e quem sabe implementar junto à secretaria de saúde aqui do estado... então o estado ainda tá aquém do que pode ser feito na área da saúde da educação com crianças e com pessoas com necessidades especiais

L1 [...] então hoje pode-se mostrar que uma pessoa com necessidade especial pode ter uma vida normal né? como qualquer uma outra pessoa embora tenha sua necessidade especial

L2 pode e deve... não é? essa questão ela diz muito da:: família... eu sei que é difícil trabalhar nós nós da psicologia dentro da psicanálise e também das áreas de saúde mental é:: é difícil é delicado você trabalhar essas questões da relação entre a família as figuras parentais com a criança... porque naturalmente há aí uma quebra daquela idealização que é feita quando você vem a ter um filho e esse filho nasce com alguma questão né? alguma dificuldade ou algum problema então há uma quebra desse narcisismo dos pais e que isso precisa ser trabalhado junto com a criança porque muitas vezes há a justificativa de que é proteção mas não é só isso... então essa criança se ela

L1
[
pode-se chamar
vergonha... receio... alguma coisa assim?

L2 são várias questões e que se inicialmente se essa criança não for incluída dentro dessa família... mas ela for guardada... escondida como é que ela vai pro social?... como é que ela vai se desenvolver como uma pessoa de possibilidades?... de vir a ser

L1 uhn... com certeza né?... e:: e lógico quem tem um filho especial né? sempre tá nessa... eu tô saindo com meu filho... mas ainda a sociedade olha né? com um certo um olhar um certo olhar diferenciado

L3 algum tempo atrás isso era até bem mais grave né? hoje... eu como a P disse eu sou de porto alegre é muito natural tá nós temos muitos trabalhos lá... aqui em Maceió eu vejo é o medo de tratar né? da frustração de não conseguir chegar ao sucesso e isso impede muita coisa de ser feita... então eu gostaria... o que eu quero com todo esse projeto é motivar... mostrar que dá certo que a gente tem que desejar... amar o trabalho e pode ser feito muito mais... eu vejo uma dificuldade muito grande em todas as atividades extracurriculares né?... quando no Brasil inteiro nós temos dawn... a minha filha tem síndrome de dawn... então tocando ahn:: instrumentos... dançando... atuando maravilhosamente bem... então a gente precisa mostrar que tem caminhos

/.../

L1 querem acrescentar alguma coisa mais? façam uma convocação aí para a categoria

/.../

Momento interativo 3

ENTREVISTA DO DIA 05/08/2014 - Início em 29min56s e término em 37min44s

L1 gente olha eu tô em linha com o DF que é diretor de fiscalização e postura da superintendência X... que está realizando desde as primeiras horas dessa manhã... uma operação que visa desocupar o centro da cidade da presença dos ambulantes... D inicialmente muito obrigado pela sua participação aqui com a gente... a gente sabe que você né? está... né? cumprindo também essa tarefa... participando... então você gentilmente nos atende aqui AO vivo... que balanço você já pode fazer pelo menos das primeiras horas dessa operação no centro de nossa capital D? bom dia

L2 bom dia O... éh... nesse primeiro momento podemos dizer que estão que tá tendo uma boa aceitação pela comunidade pela população que tá circulando livremente pelas ruas que a gente tá mantendo essa revitalização né? e:: o camelô o ambulante em si... acredito está se conscientizando...

até o presente não tivemos nenhum tipo de de de tumulto que pudesse contestar o que tá sendo feito... acredito que eles tá aos poucos tá se conscientizando porque esse trabalho... a gente não tá fazendo de surpresa... a gente já vem avisando desde antes da copa do mundo que aconteceu aqui no Brasil... então a gente vem conscientizando eles... ontem a gente divulgou na mídia... a gente divulgou através/ entre eles uma panfletagem informando da necessidade da desocupação dessas ruas... então até o presente posso dizer que as/ que a coisa está evoluindo tranquilamente

L1 agora D ahn ah... de que forma essa operação né? fiscais... a polícia militar participando... as entradas do centro elas estão fechadas para os ambulantes... como é que é a logística dessa operação D?

/.../

L1 vocês ahn ficam o dia inteiro hoje?... essa operação ela só acontece no dia de hoje? Ou ela vai ser permanente? como é que vocês vão operacionalizar isso D?

L2 bom... a nossa orientação é que ela vai se estender... hoje é o nosso primeiro dia... mas ela vai se estender no tempo que for necessário pra que essa parte... éh seja entregue à população para circular livremente na na/ e ter acesso ao comércio local e... se estender pelo tempo que for necessário... nós não temos um prazo definido né? vai ser essa semana... vai ser hoje e amanhã... não... a gente vai manter essa estrutura pelo tempo que for necessário...

L1 até porque né? por exemplo a operação ela tem um êxito hoje... tem um êxito amanhã... nos primeiros dias... de repente se há um afrouxamento a tendência natural é de um retorno né D?

L2 com certeza... e a gente não quer isso né? a população com certeza vai entender que o que estão fazendo é pra proporcionar a eles a esta população uma melhor circulação dentro do comércio de Maceió...

L1 me permita só um um/ uma outra colocação D éh... uma das reclamações uma das vias mais reclamadas pela população era ali a Rua das Árvores... a Rua Augusta... ela também tá sendo hoje alvo dessa dessa fiscalização D ou não? ou é só o calçadão do comércio?

L2 não O... neste primeiro momento... a gente não vai chegar à rua augusta... essas são fases que a gente pretende avançar... esta é a primeira fase desta operação... então posteriormente... no momento que sentir que aqui está consolidado que está entregue à comunidade e não teremos nenhum retorno de ambulantes neste local... a gente vai avançar paulatinamente... rua a rua... até deixar o centro totalmente entregue à livre circulação das pessoas... mas no momento é só esse trecho que eu le falei

[]
e o... ahn

L1

L1 eles estão sendo relocados pra algum lugar ou não? isso aí não seria competência da smccu?

L2 não... a gente num tem/ não seria competência nossa... e sim da secretaria de abastecimento e trabalho mas... muitos deles a gente tem conhecimento que tem suas suas/ seus boxes de de atividades que exercem dentro do shopping popular e a mesma aqui no no/ ao lado onde tem um estacionamento que... no passado já foi adquirido já foi a/ desti/ destinado a esse fim... que fica ao lado aqui da Praça dos Palmares também no centro...

L1 pois é... D eu queria agradecer a sua participação né? torcer pra que seja... é bom dizer... eu fiz essa colocação até ontem... eu trabalho também na rádio Pajuçara né? quando a gente também divulgou o exemplo daqui... e e a gente fazia uma colocação... obviamente né? não é uma perseguição deliberada a um ambulante... é uma questão legal não é? até de preservação primeiro né? do bem-estar das pessoas que circulam no centro da cidade... e uma questão de justiça com relação aos comerciantes do centro da cidade né? que pagam seus impostos... que contratam de forma lícita seus funcionários e que muitas vezes são prejudicados... a gente sabe que o ambulante ele tá ali pra sobreviver... né? ele tá querendo trabalhar... tá querendo ganhar o pão de cada dia... mas... justiça seja feita... eu posso até ser incompreendido né? com o que eu vou colocar... a prefeitura ela tá dando possibilidades... ela não tá impedindo ninguém de trabalhar... só tá regulamentando uma situação que há muito tempo... é uma situação que tá fora de controle... existem espaços para que o ambulante possa trabalhar... só não pode ser no centro né? pra que fique claro que não é uma ação de perseguição aos ambulantes... pelo menos eu enquanto comunicador D... não consigo vislumbrar isso... eu vejo como uma ação de regulamentar o trans/ o o o/ o trânsito de pessoas no centro da cidade... e que as coisas possam fluir de forma diferente e não como uma perseguição da prefeitura aos ambulantes... que tudo ocorra bem é o que a gente espera né D?

Momento interativo 4

ENTREVISTA DO DIA 07/08/2014 - Início em 53min58s e término em 1h51min41s

L1 gente olha... a partir de agora a gente vai conversar com o PB que é diretor estadual da vigilância sanitária... nós vamos abordar diversos assuntos obviamente ligados à vigilância sanitária... mas... vamos nos ater também a um assunto que... que é de interesse de toda a sociedade... né? diga-se de passagem... a gente sabe que hoje infelizmente... o mercado farmacêutico... ele ainda é um mercado que... é caro né? pra maioria das pessoas... muitas pessoas que precisam fazer o tratamento e não têm acesso éh:: a medicamentos ou que os medicamentos não fazem parte por exemplo da cesta de fe/ de medicamentos que é oferecido... né? pelo poder público... acabam tendo que dispendir um valor muito alto... pra fazer determinados tratamentos... MAS... né? hoje o mercado brasileiro... ele... o mercado farmacêutico brasileiro já oferece algumas opções... que ainda são vistas de forma éh:: desconfiada por algumas pessoas né? como o mercado de medicamentos genéricos né? existe o mercado similar... até essa semana por coincidência P eu tava falando sobre isso... aliás semana passada né? sobre a diferença entre genérico e similar... existe uma diferença né?... básica que fique claro e a gente vai também reforçar isso aqui... MAS é uma grande opção pras pessoas que querem obviamente se houver o medicamento genérico pra o que ela tá utilizando pra que as pessoas possam economizar né? e a vigilância sanitária garante que o genérico é igual... ao medicamento de referência... há essa preocupação da vigilância sanitária para garantir que esse medicamento genérico ele chegue com a mesma qualidade pra o chamado/ ou do chamado medicamento de marca não é? ou aquele medicamento que tem o nome fantasia já muito conhecido e consagrado aí pela população... P inicialmente bom dia... brigado pela sua participação aqui no DM... a vigilância sanitária tá atenta pra que a população que confia principalmente não é? e economiza na compra do éh/ do medicamento genérico realmente esteja comprando o mesmo medicamento que ela compraria caso optasse por escolher o medicamento de marca não é isso P? bom dia...

L2 bom dia... bom dia a todos os ouvintes... éh:: eu gostaria de dizer o seguinte éh existe muita falácia sobre:: medicamento de marca que é o medicamento de referência... que pode ser esse medicamento de referência pode ser o medicamento de marca e o medicamento manipulado... entendeu? eles se equiparam e:: a partir de mil novecentos e noventa e nove foi éh:: promulgado a lei que criava o medicamento genérico... e posteriormente o também chamado medicamento similar... e aí o pessoal faz assim uma certa... confusão entre um e outro medicamento... primeiro de que tudo eu gostaria de dizer ao pessoal o seguinte... o medicaMEN-TO... éh:: o pessoal confunde muitas coisas... remédio com medicamento... todo medicamento é um remédio... mas nem todo remédio é um medicamento... ou seja... se:: eu você tá com uma dor e eu le dou uma massagem... se eu faço uma massagem e passa essa dor... isso aí é remédio mas não é medicamento... certo? se eu boto uma compressa... de água fria na testa de uma pessoa para diminuir a febre e baixa essa febre éh::... isso aí é um remédio mas não é medicamento... agora todo medicamento é um remédio... então pra ser remédio éh:: geralmente o o/ ele é o o/ começou com o remédio de referência... o remédio de referência ele é aquele que foi pesquisado um princípio ativo... depois de muito tempo às vezes anos de pesquisa... esse princípio ativo ele se propõe e diz que ele vai curar... éh aliviar o sintoma éh diagnosticar ou prevenir uma doença... depois de tá tudo comprovado através de de muitos estudos... como prêmio este laboratório ele recebe uma::: chancela chamada patente... que agora é de cinco anos... então durante cinco anos... só quem pode éh::

[

L1 diminuiu num foi esse prazo?

L2 diminuiu...

L1 (ele) era maior num era?

L2 era dez anos... então éh cinco anos só ele pode comercializar aquele princípio ativo logicamente com o nome de fantasia... certo? foi o caso da:/ do laboratório Fizer... quando ele éh lançou o o nosso/ o azulzinho na

[

L1 o viagra né?

L2 o viagra na no mercado...

L1 que é o citrato de sildenafila né?

L2 isso... então esse citrato de sildenafila... hoje você tem n medicamentos... aliás éh:: n medicamentos com esse nome... tanto:: nos de marca... outros laboratórios de marca também estão

fabricando ele como o genérico também hoje você já encontra um sem número tão bom quanto o de marca... e aí eu chamo até o atenção do pessoal... que o pessoal... isso vai ser uma coisa de utilidade pública aqui eu vou dizer aqui no seu programa... o pessoal continua querendo comprar um remédio chamado pramil... que é o mesmo princípio... só que o pramil ele é proibido no Brasil... aí você pergunta por que é proibido no Brasil? porque a:: miligramagem desses medicamentos é de vinte e cinco mg... de cinquenta mg e de cem mg... só que esse pramil é fabricado no Paraguai... e ele não tem uma miligramagem correta... ele varia de três por cento a trezentos por cento...

[

L1

nossa

L2 então... três por cento você tomar e pensar que vai funcionar você vai passar uma decepção... não é verdade? e se você tomar um que tenha uma miligramagem muito grande... duzentos e cinquenta trezentos... você pode sofrer uma parada cardíaca entendeu? em pleno ato porque ele tá com uma droga éh superdosagem... então por isso ele é um medicamento ((L2 pigarreou)) que não é permitida a sua comercialização no Brasil...

L1 me permita só P... éh me dê só um um/ uma licença éh... eu tô com uma inauguração do do novo terminal lá do Benedito Bentes... não é novo é da reforma... só pra gente sobrestar alguns minutos pra eu trazer o Ari que ele tá ao vivo lá... me parece que o prefeito já chegou no local... pra gente continuar discutindo isso... até porque eu queria e aí a (título) de opinião daqui a pouco saber além de trazer outros detalhes... éh:: a gente citou esse o viagra né? o citrato de sildenafil o próprio pramil e é uma das grandes preocupações que eu já coloquei aqui né? tão banalizando demais esse medicamento né? até pelo preço como hoje que você não precisa de receita pra comprar... o que tem de molecada rapaz consumindo isso de forma irresponsável... até como/ a título de alerta né? eu tomei um susto... eu passei um dia desse numa farmácia... tava lá um um papel de promoções... aí tinha cinco comprimidos de cinquenta mL... de cinquenta miligramas melhor dizendo de pra/ de de citrato de sildenafil por dez reais ou seja (os cara) comprando a dois... pra fazer farra no final de semana moleque às vezes de dezessete dezoito anos sem ter noção do risco que ele pode tá correndo... então quero discutir isso daqui a pouco com o P... pedir licença aqui a ele porque o Ari tá comigo ao vivo aí do Benedito Bentes é isso Ari?

Momento interativo 5

ENTREVISTA DO DIA 03/11/2014 – Início em 26min18s, interrupção da entrevista aos 36min17s, retorno aos 38min50s e término aos 57min54s

L1 quinhentos e setenta... gente olhe? isso é muito comum a gente vê principalmente na volta das praias né? melhorou muito (a situação) da AL 101 Sul depois da duplicação... mas isso acontecia muito principalmente em carnaval né?... o cara vinha na faixa só tinha uma o cara pegava a direita ia pelo acostamento né?... era outra coisa que me irritava me irritava ((aspereza))... mas você tá numa fila miserável aí vem sempre um sabidinho do lado achando que pode... né? enganar... e eu achava massa quando tinha uma curva... quando o cara fazia uma curva aí tinha um/ uma fiscalização ((sarcasmo)) aí não tem pra onde né? aí o cara vai pra multa... né? essa foi uma das que eu mais gostei... dos sabidinhos que gostava de pegar o acostamento... vamo lá pra próxima...

L1 é o artigo 203... que é “ultrapassar pe/ não... é ultrapassar pela contramão a cive ou declive”... que são as ladeiras né? “de subida ou descida... em curva sem visibilidade... faixa de pedestres... nas pontes viadutos... onde ou onde houver faixa continua amarela”

L1 essa era considerada já gravíssima:: C?

L2 (já) era considerada grave... passou a ser gravíssima

L1 ou seja gravíssima é o últiMO estágio...

L2 isso

L1 né? de uma infração... ou seja... fazer isso agora/ e também houve um aperto na/ nos valores não isso?

L2 cinco vezes também... passou a: a aumentar o/ a penalidade... a multa

L1 a próxima?

L2 é o artigo 292... que:: fica em relação a:: (2,0) não o artigo cent/ 292 ele fala sobre a suspensão... que é “a suspensão ou proibição... de se obter a permissão ou habilitação para dirigir/ para dirigir veículo automotor... pode ser imposta isolado ou cumulativamente com as penalidades”... então além dele pagar multa... ele pode (sim) ter

[]

L1 perder o direito de dirigir

L2 isso... o direito suspenso... o artigo 302 é justamente o homicídio culposo... utilizando o veículo... quando você: de forma culposa... como foi o caso do:/ da criança... desse acidente... termina eh: matando alguém

L1 ele não teve a intenção... mas aí me parece que vem a questão dolo eventual que onde ele deve ser: né? enquadrado né? você não TEve a intenção... eu também não acredito que ele saiu dirigindo dizendo “oh a primeira pessoa que eu atravessando a faixa de pedestre eu vou matar”... só que a partir do momento que você assume... né? uma atitude de risco... você assume o risco que isso pode trazer... né? então é o que a gente chama de dolo eventual... ele não TEVE a intenção de matar... mas a ATITUDE DELE... poderia matar como acabou matando... né? tanto que ele deve ser enquadrado como dolo eventual... (deixe)/ me permita só rapidinho C... eu tô com o LF que tem informações pra gente... alô L... bom dia ((link ao vivo))

/.../

Momento interativo 6

Entrevista do dia 04/11/2014 – Início em 01h08min40s e término em 01h41min44s

L1 ave maria ((risos)) é complicado viu gente... então gente olha é:: é essa é a nossa contribuição nunhé? conversando com o doutor JMC falando sobre a danada da chikungunya... me parece uma constatação lógica como colocou o doutor JM... ela vai chegar ... né? ela vai... nós ainda nun não conseguimos erradicar esse danado desse mosquito... eu tenho um amigo meu que brincava que ele já é listrado né? porque parece um presidiário mesmo deveria...

[]

L2 ((risos))

L1 é bandido ele né? ele não é (mocinho) ele é bandido

[]

L2 ((risos))

L1 então já tá todo listradinho né? como se tivesse usando farda de penitenciária... e que todo mundo ajude... parece ser uma coisa altamente recorrente mas não é... gente vamo ter cuidado com a: com as coisas da nossa casa né?: dá uma olhadinha no vaso... se puder substituir coloca vaso de terra:... observa qualquer/ por exemplo eu tenho eu tenho umas garrafas de bebidas né? de cervejas de refrigerantes na minha casa é uma da pro/ uma das preocupações que eu tenho são todas viradas né? pra baixo... custa nada você ir lá poxa vira ela ela pra cima vai tá retendo água isso é um paraíso pra o mosquito... se cada um fizesse a sua parte... puta seria mui/ muito melhor não adianta eu fazer a minha parte e o vizinho não tá fazendo... aí o: mosquito que vai atacar ele vai atacar a minha casa também... então esta... tem que ser uma consciência coletiva mesmo não tem como ser diferente não é doutor José?

L2 perfeito isso aí o trabalho de todos eu/ a gente sempre diz o seguinte er/ erradicação controle da população do mosquito no caso do do aedes aegypti que urbano não depende só do do/ das autoridades depende sobretudo da população...

L1 doutor JM muito obrigado pela sua participação né? e pelos esclarecimentos tá certo e a gente espera que: se ela vier que ela venha devagar ((risos))

L2 ((risos)) eh:: O

L1 [não venha galopante né
 L2 é lugar comum o entrevistado dizer que foi um prazer mas realmente foi... eu me senti assim muito descontraído muito bem... você é uma pessoa que é instiGANTE é inteliGENTE e:: e suscita assim
 []
 L1 ah muito obrigado
 L2 o:/ a:: a vontade de a gente dá debater eu aqui não falei sozinho que aqui... debati com você... e agora você me disse uma coisa que me deixou particularmente alegre... você falou em garrafas que eu tenho lá em casa garrafas de bebidas etc. eu tenho um amigo que ele diz que eu sou o ÚNICO/ a única pessoa AINDA em Maceió a comprar cerveja retornável já vi que não sou o único você também ((risos))
 []
 L1 () também compro ((risos)) doutor JMC ele que médico infectologista e assessor técnico da Secretaria de Estado da Saúde falando sobre a danada da febre chikungunya
 /.../

Momento interativo 7

Entrevista do dia 05/11/2014 – Início em 27min56s até e término em 51min05s

/.../
 L1 eh:... ainda assusta né? você colocou uma coisa importante C assusta porque muitas pessoas se sentem extremamente pequenas diante de:... de u:m um grande plano de saúde (diz) “eu vou entrar num embate com um plano de saúde desse? dificilmente eu vou ganhar” mas existe sim possibilidade de êxito e eu posso dizer que existe porque EU sou uma da:s das ah/ dos exemplos que eu poderia citar eu acho que não tem exemplo melhor do que o meu... eu me lembro que eu precisei fazer uma cirurgia... e ao fazer a cirurgia existiam dois tipos de procedimento ou ela aberta ou ela fechada... e o MÉDICO me aconselhou que eu fizesse ela fechada porque a recuperação era muito mais rápida... né? e era muito mais seguro... mas obviamente eu tive que inclusive assinar um termo dizendo que se se houvesse qualquer complicação ele teria... né? que que abrir pra pra resolver né? ah:: seria por vídeo a minha cirurgia... e quando eu dei entrada no plano de saúde... o plano de saúde ele negou... né? porque havia uma diferença muito grande de custos né? enquanto uma custava X a outra custava três X era uma cirurgia muito mais cara... eu tô contando esse exemplo porque comigo funcionou e funcionou muito bem... então o meu advogado me aconselhou ao entrar na justiça COM o pedido do médico mostrando que era mais seGUro... né? que eu fizesse o procedimento de forma fechada pá-pá-pá pá-pá-pá pá-pá-pá... mas não demoROU muito não cara... com poucos dias né? eu consegui uma liminar... dei entrada no plano de saúde o próprio plano de saúde antes de recorrer já ligou pra mim marcando a cirurgia... disse “oh nós tamos com a decisão liminar nós temos que cumprir essa decisão sua cirurgia tá marcada pra daqui a três dias tal pá” e eu FIZ a cirurgia... né? e: e: não tive maiores complicações... eu tô contando esse exemplo porque o que a gente falou aqui é muito sério gente... muitas vezes você e não só na questão/ eu sei que é/ obviamente você é do núcleo responsável por plano de saúde mas eu posso até abranger isso né? C... você quando... se acha lesado por uma determinada empresa e olha pro tamanho dela e diz “poxa... eu não tenho como: entrar” mas tem... se você tá dentro da lei se você tem realmente esse direito se você realmente foi lesado a chance de êxito ela é muito boa não é isso C?
 L2 isso inclusive... como: eu falei anteriormente a gente precisa da reclamação do consumidor mesmo que: que: a gente infelizmente alguns casos a gente não consiga resolver... no PROCON mas com a reclamação e... junto da reclamação também eh: o consumidor reclamando na na ANS porque aí esse roll é sempre no caso de:/ desses procedimentos eles são sempre atualizados... um exemplo claro disso é a septoplastia também... normalmente os médicos... estão passando a septoplastia por vídeo... justamente como foi o seu caso por ser um procedimento meno:s invasivo: que seja... mais moderno tudo isso... só que pelo roll
 []
 L1 exato
 L2 da ANS essa septoplastia por vídeo ela não é autorizada... o plano: ele só é obrigado a fazer a septoplastia normal... então a gente: marca a audiência pode marcar dependendo do:/ da:: urgência

do consumidor então a gente já encaminha pro judiciário que no judiciário provavelmente ele ele ganha

/.../

Momento interativo 8

Entrevista do dia 06/11/2014 – Início em 10min42s e término em 46min57s

L1 SÃO 8 horas e 15 minutos e como toda quinta-feira nós batemos um papo sobre tec-no-lo-gia... com o professor S que já está aqui ao meu lado... e hoje nós vamos falar sobre um tema que é extremamente importante... mas deveras pouco conhecido por parte da população... que é a questão da criptografia e também outros sistemas de segurança... mas antes nunhé? nós vamos trazer com o professor S o seu bom dia bom dia professor prazer recebê-lo mais uma vez aqui nos estúdios...

L2 bom dia O bom dia ouvintes da da rádio D é:: sempre bom tá aqui com vocês... O sempre seguindo aquela.... aquela linha que a gente tinha eh: conversado aí pra trazer pros ouvintes as coisas novas... vamos trazer as novidades da semana né? bem pra quem é louco por iPhone né? que tem eh:

[]

L1 hum

L2 eu tava até comentando né? virou até uma uma marca né? isso () até uma besteira a gente tá se se ligando tanto à marca né?... que a gente se/ a gente fica:/ a gente vive o mundo do consumo e às vezes fica tão tão superficial que ser/ esquece de outros detalhes né?... olhe só sexta-feira... dia 7 se não me engano... tá: começando a pré-venda NO Brasil do iPhone 6 plus né? aquele iPhone bonitinho que você bota no/

[]

L1 o grandão né?

L2 o grandão que você bota no boço e ele dobra às vezes né? só esse detalhe né? ah:::

[]

L1 mas ele dobra como um defeito ou é uma::... uma:: característica dele?

[]

L2 não é defeito de fábrica mesmo

L1 é defeito de fábrica né?

L2 defeito de fábrica e é uma defeito bem interessante né? que assim ele vai lhe custar somente em torno de R\$ 1.800 a R\$ 3.200 né? só isso

L1 isso é o preço do aparelho?

L2 é o do do aparelho depende da versão de 16 GB até 128 ((gagueja))

L1 então a partir de amanhã dia 7

L2 dia 7

L1 já começa a pré-venda?

L2 a pré-venda pra comprar a partir do dia caTORze você imagine como a coisa é... tem um () o smartphone é TÃO bem vindo que existe pré-venda pra ele né? é realmente um aparelho

u:m

[]

L1 mas virou u::ma uma grife né?

L2 uma grife

L1 vamo vamo ser sincero o iPhone... né? eu não uso iPhone né? ah:: já use/ eu tenho até um iPhone minha filha que usa ele eh:: eu acho um sistema muito interessante muito esta/ estável... mas o iPhone: como todo e qualquer precursor ele vai levar sempre a marca da inovação nunhé? foi o iPhone que: aboliu ou pelo menos pela primeira vez né? ((grunhidos)) acabou com as teclas físicas né? partiu pra pra o touch screen

[]

L2 o toch o touch screen isso mesmo

/.../